SET ESPECIAL

GUERRA

CINEMA & VÍDEO

100 VÍDEOS SELEÇÃO EXPLOSIVOS

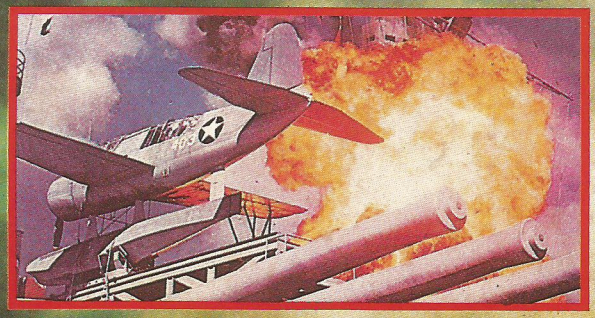
EDITORA AZUL

5686 0001 - Ed. 26 G

★OLIVER STONE VOLTA AO VIETNÃ

★A GUERRA SEGUNDO BRIAN DE PALMA

★RETROSPECTIVA



AS GRANDES BATALHAS DO CINEMA

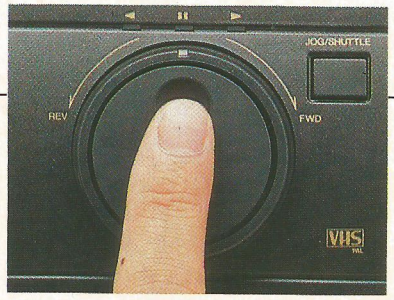
★EXCLUSIVO AS FILMAGENS DE *THE HUNT FOR RED OCTOBER*, COM SEAN CONNERY

Sean Penn e Michael J. Fox em Casualties of War, *de Brian De Palma, ainda inédito no Brasil*

"Eu achava que conhecia videocassetes, mas então a Panasonic lançou o VHS alta-fidelidade. Que diferença!

Veja, por exemplo, um grande prêmio de automobilismo. Eu costumava invejar os privilegiados que tinham entradas para as arquibancadas, mas isso não acontece mais. Agora, quando as máquinas passam roncando eu estou no "box" com o resto da equipe!"

Hi-Fi VIDEO



Não dá para você saber tudo do NV-F70 à primeira vista. É verdade que as cores são vivas; as imagens, claras como cristal; os detalhes, ultranítidos. Nós da Panasonic formamos nossa reputação graças à magnífica qualidade da imagem de nossos aparelhos.

Mas o que há de melhor nesse incrível videocassete só pode ser apreciado pelos ouvidos — o realismo acrescentado pelo som alta-fidelidade estéreo. Com um ganho de mais de 90 dB, uma faixa de freqüência de 20 Hz a 20 KHz, e menos de 0,005% de distorção, o NV-F70 tem um desempenho tão puro quanto o dos melhores aparelhos de som.

Para localizar rapidamente qualquer cena numa fita e apreciar a ação no seu próprio ritmo, o comando *Jog & Shuttle* literalmente, pôs a imagem sob o domínio dos seus dedos. E para possibilitar a máxima qualidade de imagem, o NV-F70 possui um avançado sistema de cinco cabeças, entre elas a *Flying Erase,* que assegura suavidade de edição e transição.

O videocassete hi-fi VHS NV-F70 é lindo de se ver e requintado de se ouvir. Sugerimos que você faça as duas coisas juntas. Afinal, não é para isso que existem os aparelhos de áudio/vídeo?

NV-L26 BR

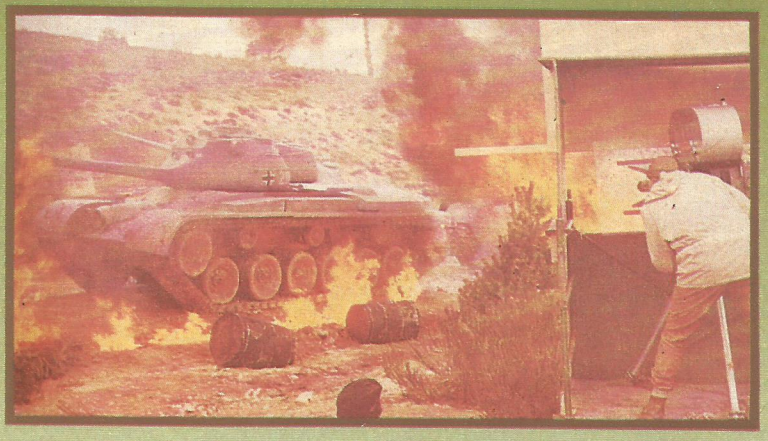
NV-F70 BR
Hi-Fi STEREO
VHS

O mostrador de cristal líquido embutido e o leitor de código de barras digital do controle remoto totalmente funcional tornam a programação do timer segura, rápida e fácil.

Panasonic

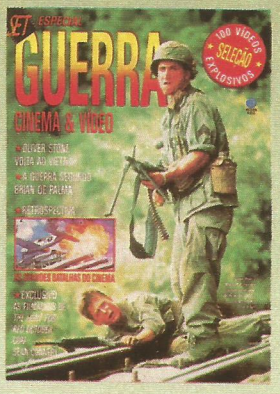
À venda na Zona Franca de Manaus.

Panasonic e Technics são marcas registradas da Matsushita Electric.



"O cinema é a guerra continuada por outros meios", afirmou certa vez o pensador francês Sylvere Lotringer, parodiando a famosa formulação de Clausewitz ("Guerra é a continuação da política por outros meios"). Cinema, guerra, política — um trinômio que marcou o século e mudou a cara do mundo. No calor da hora, às vezes no interior mesmo das trincheiras, câmeras de cinema registraram o estrago causado por outras armas: fuzis, canhões, metralhadoras... Em outros casos (a maioria), depois de decididas as batalhas e enterrados os mortos, a guerra foi recriada no set, como pesadelo, propaganda ou material para reflexão.

Nesta edição especial, SET apresenta um amplo painel dos conflitos bélicos imortalizados no celulóide e esboça análises de suas implicações políticas, psicológicas, morais e, claro, estéticas. No final, uma seleção do que existe de melhor no gênero em vídeo, das batalhas entre gregos e troianos à sombria visão do que restaria de um confronto nuclear. Deste inventário de apocalipses, fica a certeza de que a guerra é um acontecimento medonho, mas os filmes de guerra, talvez mais do que os outros, podem ser maravilhosos.



Fotos: Columbia (Casualties of War) e TCF (Tora! Tora! Tora!)

Acima, filmagem de A Batalha de El Alamein; *à esquerda, na capa, Michael J. Fox e Sean Penn em* Casualties of War; *no box, uma cena de* Tora! Tora! Tora!

NOTÍCIAS DO FRONT
Os novíssimos filmes bélicos 4

O CINEMA VAI À GUERRA
Todas as batalhas da tela 8

VESTIDOS PARA MATAR
Os astros e seus uniformes 16

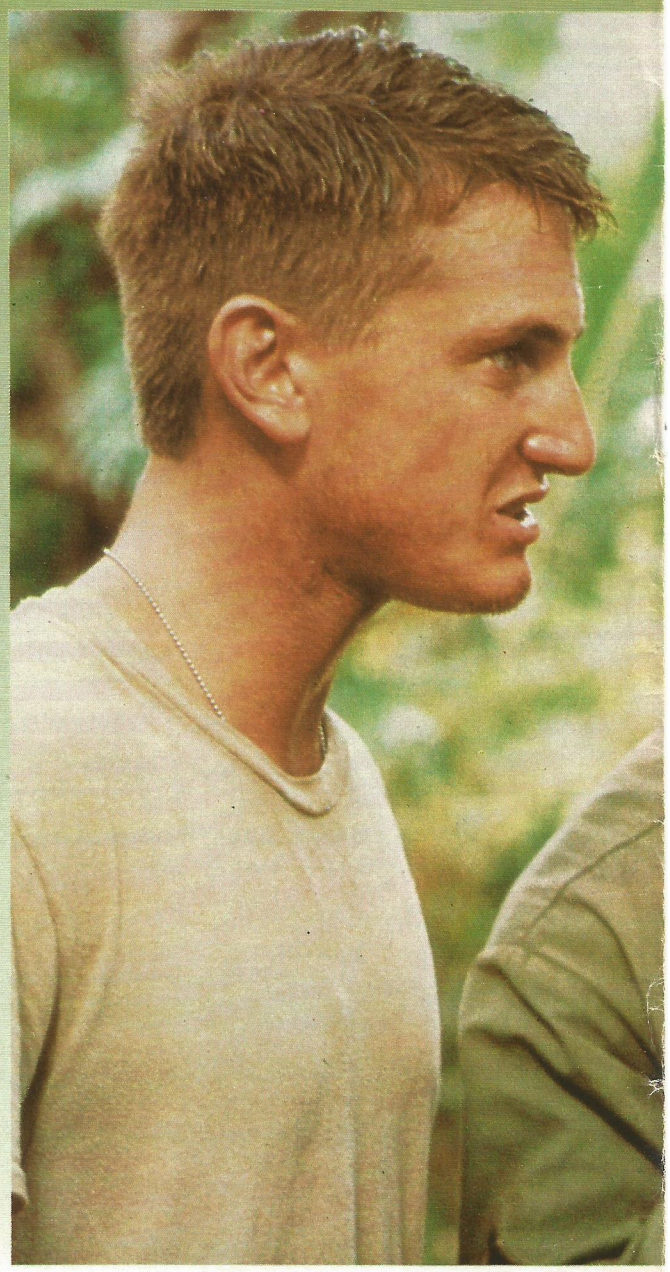
O POVO EM ARMAS
Revoluções e guerrilhas de celulóide 24

O INIMIGO INFILTRADO
O cinema da Guerra Fria 34

OUTUBRO VERMELHO
As filmagens de Red October 38

100 VIDEOS EXPLOSIVOS
Seleção das melhores fitas 42

NOTÍCIAS DO FRONT

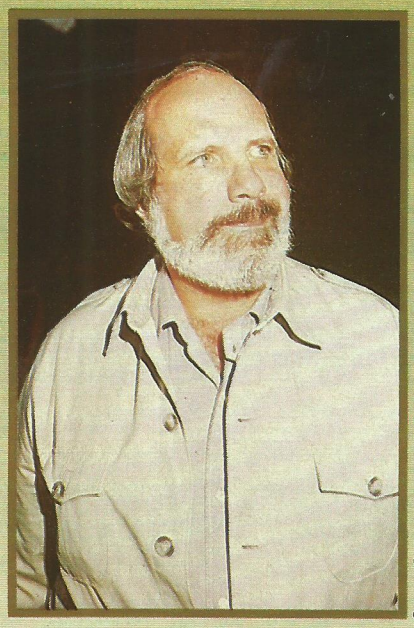


Com quase cinqüenta filmes recém-concluídos ou em produção, o cinema de guerra está mais vigoroso do que nunca. Brian De Palma, Oliver Stone e Alan Parker dirigem os mais esperados da safra

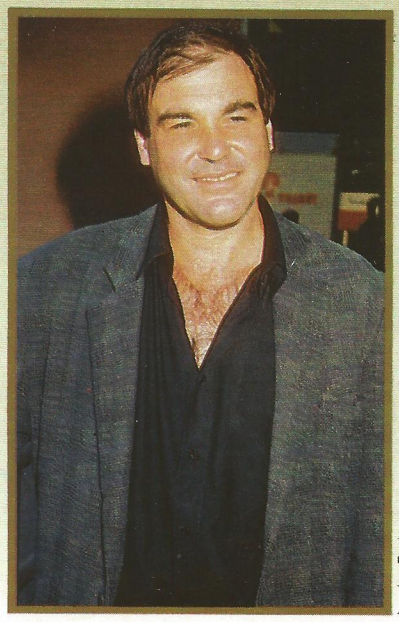
Não importa que os líderes e estadistas de todo o planeta proclamem sua intenção de evitar os conflitos através da diplomacia e da harmonia entre os povos. Quem se importa com a paz mundial em Hollywood? Guerra rende mais na bilheteria. Muito mais.

Existem pelo menos 45 filmes de guerra atualmente em produção ou prestes a serem lançados nos Estados Unidos, uma prova de que o gênero está com força total e de que os roteiristas, diretores e estúdios conseguem sempre encontrar uma trincheira segura e rentável nos combates entre nações e ideologias. Como seria de se esperar, o Vietnã ainda é o cenário favorito de alguns — e a ferida nacional mais cutucada no cinema —, com os dois títulos principais numa leva tão alentada quanto variada: *Casualties of War*, o novo de Brian De Palma, e *Born on the 4th of July*, de Oliver Stone, o mesmo de *Platoon*. Mas, com levantes e confrontos sempre se multiplicando em todo o planeta, a variedade de locações aumen-

Columbia



Gamma/Sigla

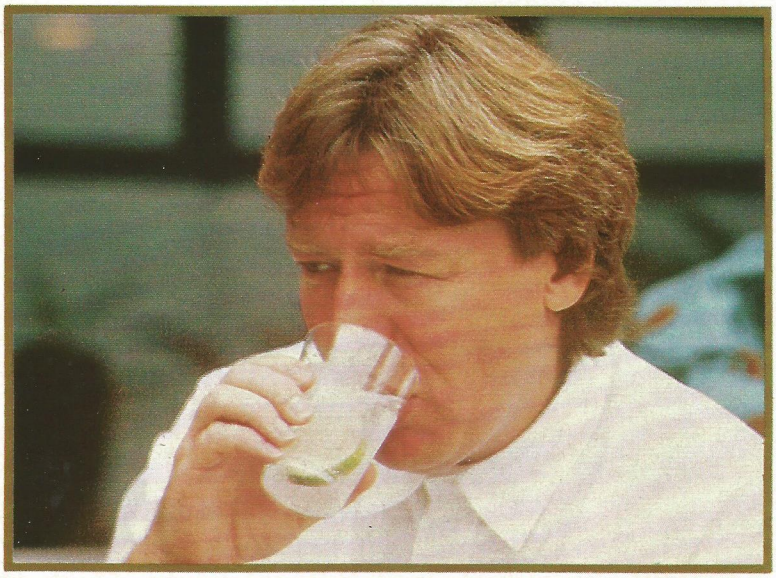


London Features

***Sean Penn e Michael J. Fox frente a frente em* Casualties of War *(esq.), dirigido por Brian De Palma (acima); Oliver Stone (à direita) fez* Born on the 4th of July *e Alan Parker (abaixo) prepara* Come See the Paradise**

tou proporcionalmente, do Oriente Médio às Filipinas, do Afeganistão às Ilhas Falklands/Malvinas. Não poderiam faltar os filmes históricos — transportando a ação para lutas passadas — e, num desses contorcionismos de criatividade típicos, nasceu até um musical de guerra, *Babe West*, com Goldie Hawn no papel principal. Ou seja, por falta de tirombaços, sangue e mísseis ninguém vai penar durante essa temporada.

De toda a fornada, *Casualties of War* está sendo considerado o melhor. Com Michael J. Fox e Sean Penn estrelando e De Palma no leme, o filme foi o primeiro aprovado no início da gestão de Dawn Steel, a nova todo-poderosa da Columbia, e portanto verá a luz do dia — ou o escurinho do cinema — sob uma expectativa maciça. Nele, Sean Penn é um soldado americano que violenta uma vietnamita. O personagem de Michael J. Fox quer levá-lo a julgamento. Com lançamento previsto para agosto nos Estados Unidos, *Casualties of War* foi filmado



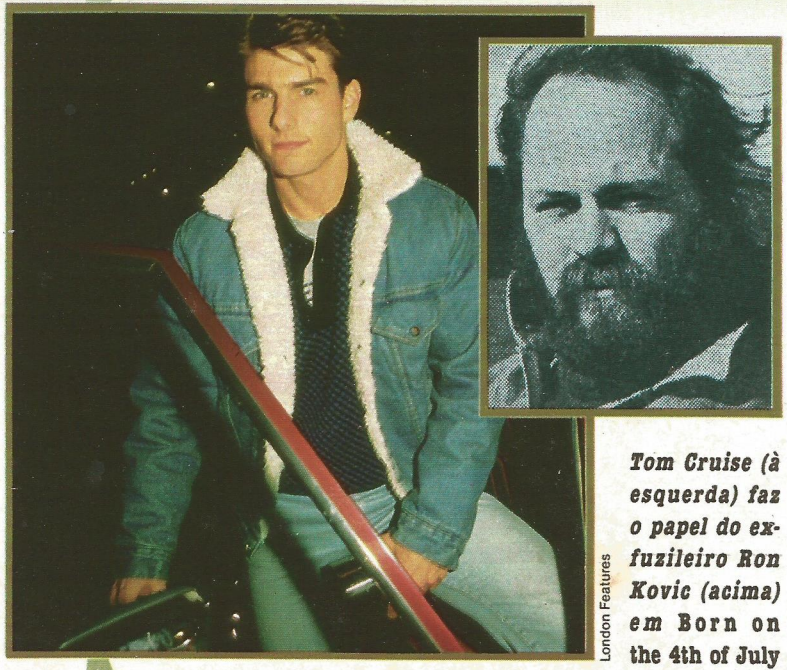
Cicero P.R./Azul

na Tailândia, no Canadá e em São Francisco, com um orçamento de 20 milhões de dólares.

Born on the 4th of July é o segundo grande filme sobre o Vietnã: desta vez, o relato biográfico baseado no livro homônimo do veterano de guerra Ron Kovic, ex-fuzileiro que ficou aleijado e iniciou todo um movimento antiguerra. A seu favor, o filme tem Oliver Stone e Tom Cruise, no papel de Kovic. Stone também estava prestes a rodar *Platoon II*, mas o projeto acabou sendo cancelado por razões desconhecidas. Existe pelo menos mais um notável filme sobre o Vietnã em produção, *The Last Stand at Lang Vei*, produzido pelo legendário Roger Corman com um esquálido orçamento de cinco milhões de dólares.

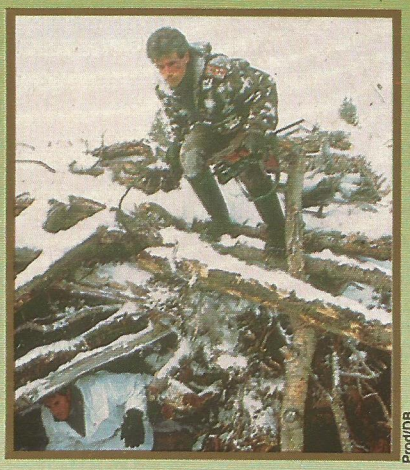
Entre os filmes históricos, os destaques são *The Life and Extraordinary Adventures of Private Chonkin* e *Glory*. O primeiro, baseado no romance de mesmo título de Vladimir Voinovich, é uma produção anglo-soviética que começou a ser filmada em junho e conta as peripécias de um oficial do Exército Vermelho designado para guardar um avião inimigo pouco antes do ingresso da União Soviética na Segunda Grande Guerra. O segundo, estrelado por Matthew Broderick, mostra o que acontece quando um militar nortista passa a comandar um batalhão exclusivamente negro durante a Guerra Civil norte-americana. Vale mencionar também *The Brylcreem Boys* — produção anglo-canadense filmada em Dublin sobre um campo de prisioneiros da Segunda Guerra na Irlanda.

ORIENTE EM CHAMAS — O Oriente Médio é palco da ação de no mínimo dois filmes em realização. Em *Navy Seal*, estrelado por Martin Sheen, um jato da Marinha norte-americana voando sobre o golfo de Oman é abatido por um míssil lançado por guerrilheiros árabes. O piloto consegue ejetar-se a tempo, mas cai prisioneiro dos terroristas. Um comando naval é enviado para resgatá-lo. *Outrage* nasceu do livro homônimo em que o autor Dale Dye



London Features

Tom Cruise (à esquerda) faz o papel do ex-fuzileiro Ron Kovic (acima) em Born on the 4th of July



Prod/DB

Cena de The Fourth War, de John Frankenheimer, sobre a iminência de uma guerra entre EUA e URSS

Jr. rememora os tempos de fuzileiro naval a serviço dos Estados Unidos em Beirute.

A variedade geográfica é, aparentemente, inesgotável. *In Honour Bound* — baseado no romance de Gerald Seymor — passa-se no Afeganistão na época da invasão russa. *A Case of Honor* — dirigido por Eddie Romero e estrelado por Timothy Bottoms (de *Johnny Vai à Guerra*) — foi filmado nas Filipinas. *Blood Oath* é a história do julgamento de japoneses naturalizados australianos acusados de crimes de guerra. *Commander: The Last American Soldier* foi rodado em Roma, e *Falklands: 100 Days* relembra o combate anglo-argentino pelas Ilhas Malvinas. Há também um *fast-forward* em direção ao futuro: *Decapitron*, ficção científica que mostra o que acontece em Los Angeles quando a cidade é atacada por uma espécie de peste.

Enquanto isso, de volta ao presente, no departamento "Guerra Fria mas nem tanto", em *The Hunt for Red October*, um submarino soviético (comandado por Sean Connery) muda, repentinamente, seu curso normal para começar a se aproximar perigosamente da costa norte-americana, levantando suspeitas soviéticas e americanas quanto às intenções de seu comandante. Em *The Fourth War* — dirigido por John Frankenheimer e estrelado por Roy Scheider e Harry Dean Stanton — é iminente um confronto militar entre União Soviética e Estados Unidos.

Alan Parker também prepara um filme de guerra, *Come See the Paradise*, a respeito dos campos de detenção para americanos de origem asiática no decorrer da Segunda Guerra. Dennis Quaid vai se apaixonar por uma prisioneira desses campos. No *front* latino-americano, o português Joaquim de Almeida (de *Bom Dia, Babilônia*) faz o papel-título de *Sandino*, a cinebiografia do revolucionário nicaragüense que liderou seus compatriotas contra as forças norte-americanas nos anos 20. A direção é do chileno Miguel Littin, e o elenco internacional inclui Kris Kristofferson e M. Emmet Walsh.

E mais: Nicolas Cage é um soldado italiano desgarrado de seu batalhão em *A Time to Kill*, filme sobre a campanha da Itália na Etiópia em 1937, dirigido por Giuliano Montaldo. No elenco, Giancarlo Giannini e Ricky Tognazzi. *Last but not least*, já está sendo preparado o inevitável *Rambo IV*, com lançamento previsto para o verão norte-americano de 1991. Durma-se com um barulho desses.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

O DICIONÁRIO DO VÍDEO!

Vídeos, há muitos. E porque existem muitos vídeos, é que existe 1000 VÍDEOS: uma ampla seleção com o que há de melhor por aí, em todos os gêneros, organizada em verbetes, com dados sobre cada filme. Além de endereços de distribuidoras de fitas e de assistência técnica. Quer dizer: uma verdadeira videoteca em suas mãos.

Na verdade, existem pelo menos mil motivos para se ter 1000 VÍDEOS. Mas basta uma: é a maneira mais rápida de atualizar e ampliar qualquer coleção. E de se informar, é claro.

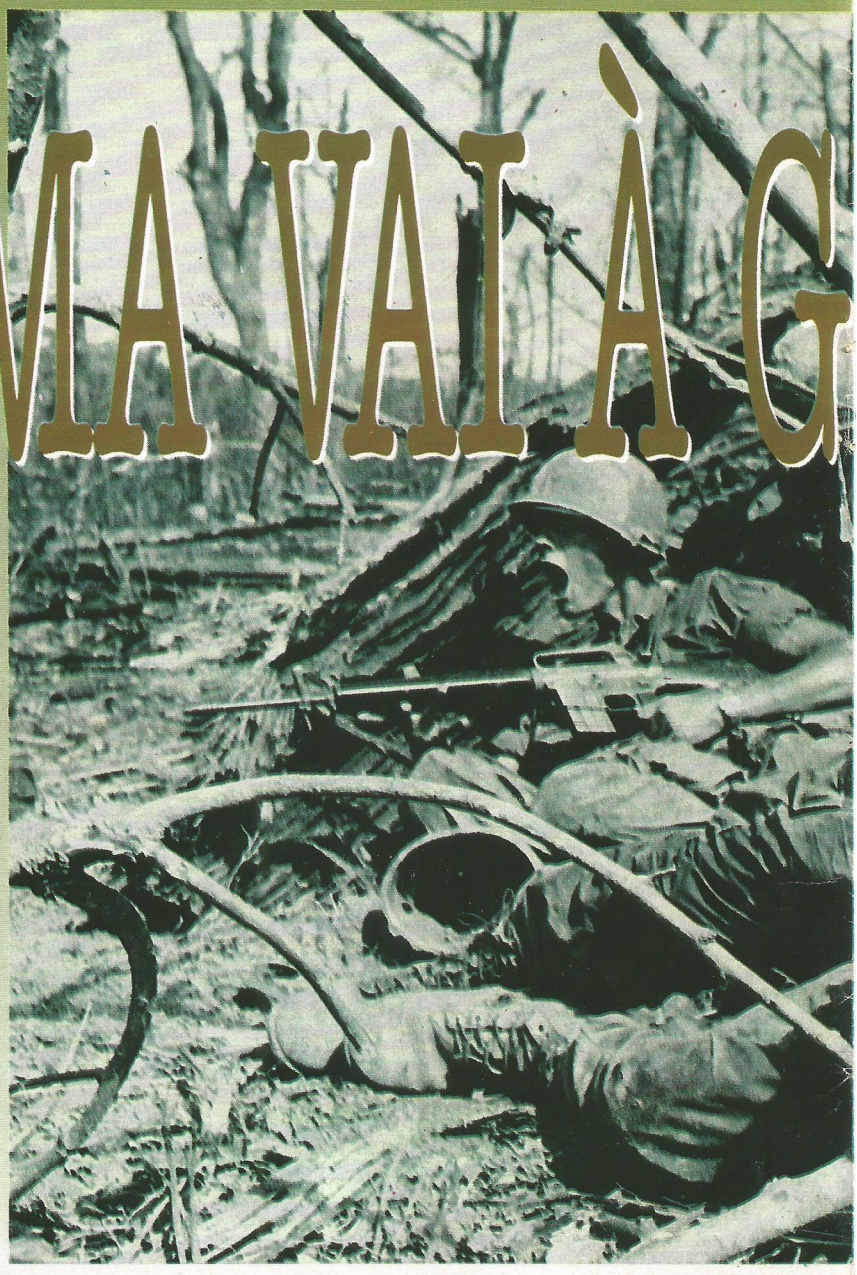
Tão indispensável, em casa ou nas videolocadoras, quanto um videocassete.

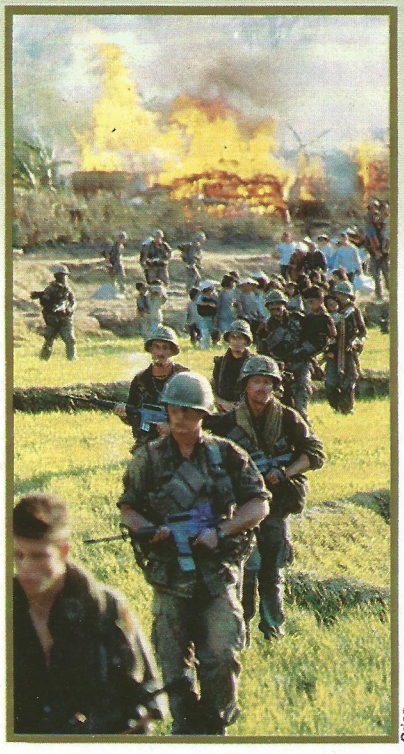
EDITORA AZUL

CLINCH

O CINEMA VAI À G

Dezenas de conflitos militares abalaram o mundo ao longo do século. Todos foram parar no cinema. Com imagens espetaculares ou comoventes, o celulóide eternizou os mil meios que o homem inventou para acabar com o homem

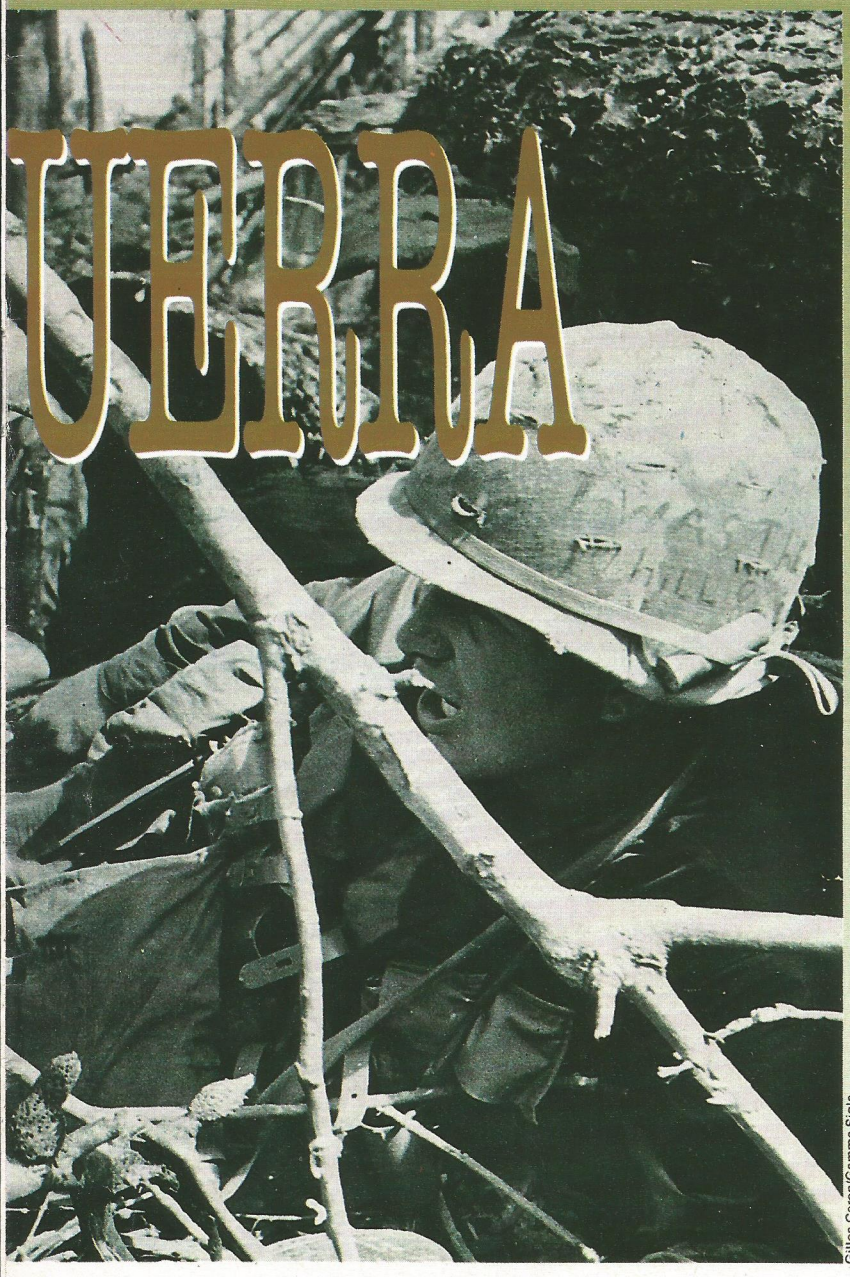




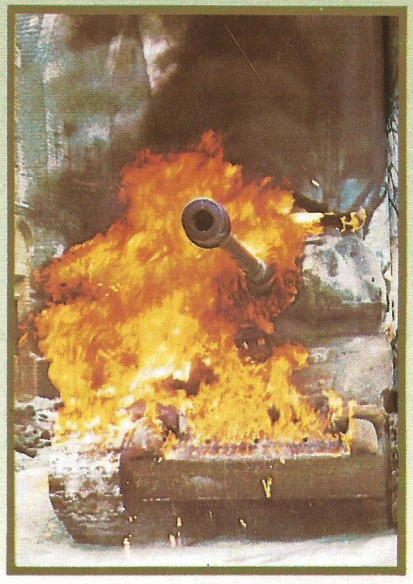
Orion

Warner

GUERRA

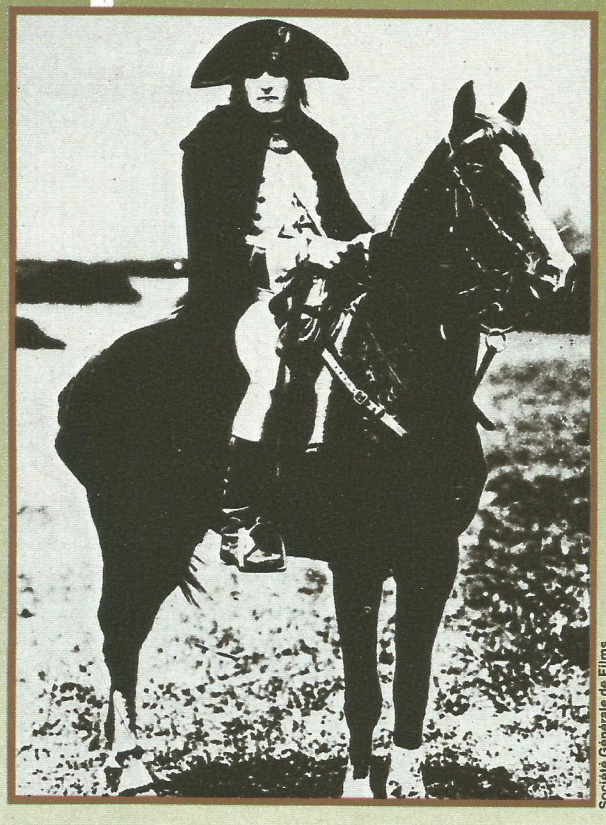


Gilles Caron/Gamma-Sigla



Na foto maior, soldados de verdade numa guerra de verdade (a do Vietnã); acima e ao lado, duas cenas de* A Defesa do Castelo*; embaixo (da esq. para a dir.),* Platoon, Nascido para Matar *e* Ran*: guerras criadas no set

AAA



Société Générale de Films

VUFKU

Obras-primas mudas: o francês* Napoleon *(esq.) e o soviético* Arsenal *(acima)

Guerra e cinema: em inglês, a imbricação desce até o nível filológico. A palavra *shot* designa a célula-mater de ambos. Serve para nomear tanto o tiro de revólver, rifle ou canhão quanto a singular tomada de cena numa filmagem. Essa coincidência é o mais acabado símbolo de um casamento sem o qual este século teria sido muito diferente.

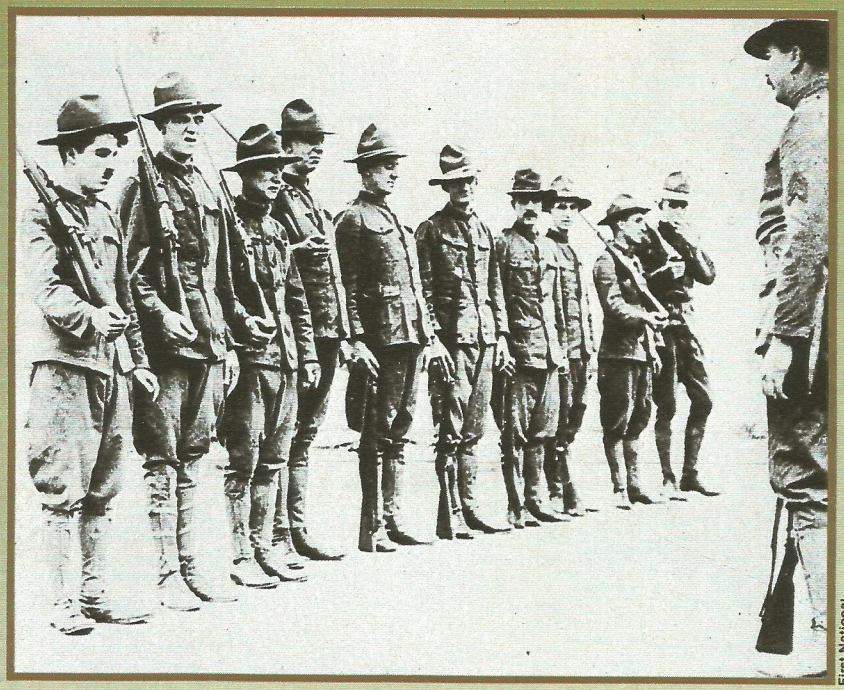
Como em todo relacionamento simbiótico, as duas partes lucraram com a aproximação. O cinema ganhou sobretudo um de seus temas mais empolgantes; a guerra, ou os seus senhores, uma decisiva arma no campo da propaganda e informação. Aliados, esses dois espetáculos capitais do século 20 tornaram-se ainda mais sedutores, ainda mais irresistíveis para os corações e mentes do homem contemporâneo. Mas, se as vantagens bélicas são reconhecidas — passe o trocadilho — pacificamente, o mesmo não se dá no campo cinematográfico.

Mesmo depois que o cinema passou a ser estudado também à luz da teoria dos gêneros, continuou reservado ao "filme de guerra" um espaço pouco nobre nas discussões. O gênero como um todo tem sido quase sempre considerado como uma criação esteticamente menos elaborada que os musicais, o filme policial, o western e até mesmo a fita de terror. É provável que a essência dessa discriminação remonte à pluralidade inerente ao fenômeno cinematográfico. O cinema tanto pode ser uma arte quanto um meio de comunicação ou um mero entretenimento. Em nenhum dos outros gêneros a ênfase neste segundo aspecto foi tão pronunciada e conseqüentemente nenhum deles foi tão explicitamente instrumentalizado ao sabor de tão díspares ideologias.

Assim, o filme de guerra surge irremediavelmente rebaixado, segundo uma purista hierarquia dos gêneros, por carregar o pecado original da ideologização superexplicitada. Deve-se debitar essa desvalorização compulsória também à involuntariamente cínica reprovação ética a um gênero que se baseia na dramatização da violência em grande escala — o policial e o western o fazem em escala menor e sofrem menos com isso.

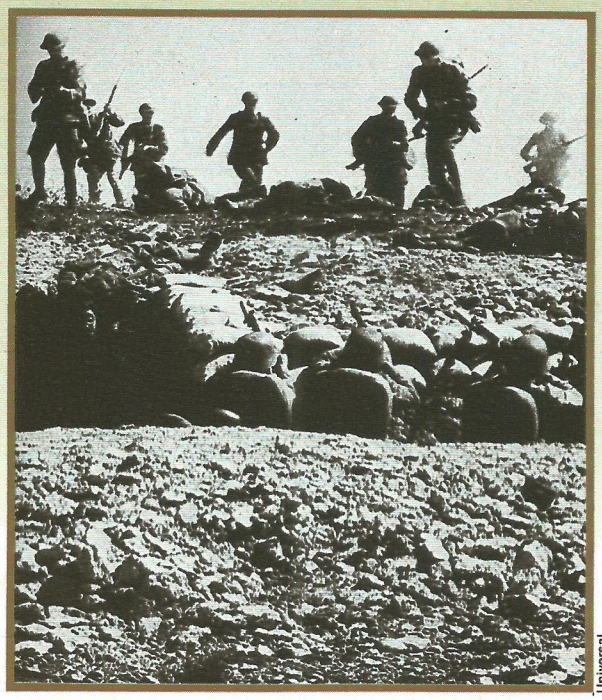
As cineficções de guerra — os documentários mereceriam um alentado estudo à parte — têm historicamente se estruturado respeitando um certo número de convenções. Como ressaltou o crítico inglês Colin McArthur, três situações principais compõem o vocabulário básico de uma fita do gênero. A primeira é a encenação grandiloqüente de momentos de combates — pelotões que se desintegram, inimigos que se enfrentam. A segunda é o fechamento do foco num pelotão tido como típico, acompanhando-se assim o cotidiano de um certo número de soldados e oficiais que apresentam marcada diferenciação tipológica — truque para facilitar o reconhecimento e a identificação. A terceira é a concentração da narrativa sobre um único alvo militar: um quartel, uma ponte, um acampamento, um morro, uma vila.

A dramatização dessas situações geralmente respeita duas regras: 1) a experiência bélica pode ser individualmente posta em xeque, mas a guerra como instituição tão velha quanto o homem não é criticada (a francamente minoritária corrente antibelicista é a exceção); 2) o inimigo é cassado não apenas de suas razões, mas sobretudo de sua própria face: é uma entidade amorfa, indiferenciada, cuja função dramática é meramente opor-se ao esforço dos protagonistas. A combinação dessas características resultaria no "tipo ideal", para recorrer ao jargão weberiano, do filme de guerra.



First National

MGM



Universal

Três caras do pacifismo:* Ombro Armas, *de Chaplin*, A Grande Parada, *de King Vidor (acima)*, e Nada de Novo no Front, *de Lewis Milestone (à esquerda)

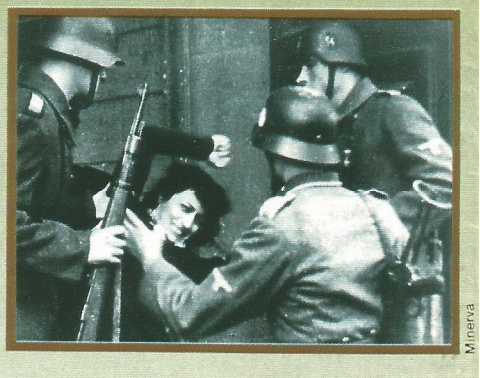
MEGAESPETÁCULOS HISTÓRICOS — O gênero demorou, porém, a assumir esta estrutura clássica. De fato, a dobradinha guerra-cinema custou a pegar. Da primeira sessão pública do invento dos irmãos Lumière (dezembro de 1895) até a explosão da Primeira Guerra Mundial (junho de 1914), os conflitos bélicos tiveram presença pouco expressiva nas telas do mundo. A guerra que envolveu, a partir de abril de 1898, os EUA e a Espanha, inspirou um dos filmes pioneiros do gênero, *Tearing Down the Spanish Flag (Arrancando a Bandeira Espanhola)*, rodado no mesmo ano pelo inglês emigrado J. Stuart Blackton. Reza a tradição que a primeira vítima das guerras é a verdade. E no cinema não poderia ser diferente: Blackton sustentou que as cenas de batalha teriam sido rodadas em pleno *front* cubano, mas tudo foi filmado mesmo num estúdio em Nova York. Nascia o típico filme propagandístico de guerra.

Muito timidamente, o gênero começou a ganhar espaço no início dos anos 10. O ciclo dos megaespetáculos do cinema mudo italiano naturalmente apostou na encenação de batalhas monumentais, dando origem, apenas em 1910, a filmes como *Il Granatiere Roland (O Granadeiro Roland)*, de Luigi Maggi, *Il Cid*, de Mario Caserini, e sobretudo *La Caduta di Troia (A Queda de Tróia)*, de Giovanni Pastrone e Romano Borgnetto — "colossal" italiano de enorme influência. A repercussão deste último foi tamanha que motivou até a produção de similares russos: Aleksandr Janzhonkov capitaneou este tipo de produção, dirigindo em 1911 *A Defesa de Sebastopol* ao lado de Vasili Gonchonov, e produzindo *1812*, para celebrar o centenário da derrota de Napoleão na Rússia, cabendo a Kai Hansen e A. Uralski a direção. O sucesso de público foi imenso. O cinema descobria um novo filão.

O início da Primeira Guerra Mundial, contudo, não estimulou de imediato esse tipo de produção. Não houve um pronto engajamento. Nos EUA, a manutenção da neutralidade nacional até 1917 por certo influiu. Mas foi precisamente neste período que o grande patriarca do cinema americano clássico, D.W. Griffith, assinou suas duas primeiras obras-primas que tratavam de conflitos bélicos, ainda que os temas não fossem predominantemente estes. *O Nascimento de uma Nação (The Birth of a Nation*, 1915) tem, como pano de fundo para seu elogio da Ku Klux Klan, a Guerra Civil americana (1861-1865). Já *Intolerância*, que Griffith rodou no ano seguinte, inconformado com as críticas ao filme anterior, apresenta um pioneiro viés pacifista em seu episódio contemporâneo e confirma a influência dos colossais filmes italianos no episódio dedicado à queda do império babilônico.

Warner

Warner



Minerva

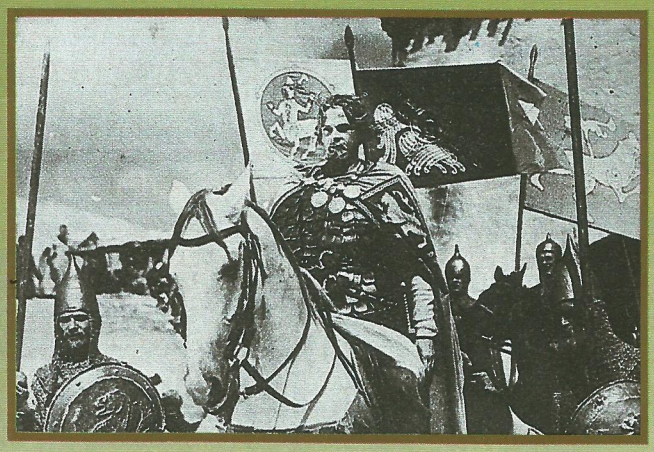
O heroísmo da* Carga da Brigada Ligeira *(esq.), o patriotismo do* Sargento York *e o realismo de* Roma, Cidade Aberta *(dir.)

OS EUA NA PRIMEIRA GUERRA — A entrada dos EUA na Grande Guerra foi logo acompanhada por um reforço fílmico. Ainda em 1917 Mary Pickford, a namoradinha da América, caía em mãos inimigas no filme *Refreando Tentações (The Little American)*, sob a direção do megalomaníaco Cecil B. DeMille. No ano seguinte, seria a vez da frágil Lillian Gish enfrentar "um destino pior que a morte" diante de um demoníaco oficial alemão interpretado por Erich von Stroheim, em *Hearts of the World*, de Griffith. Basta reparar nos títulos de outras produções americanas do mesmo ano para confirmar o engajamento da indústria no esforço de guerra: *To Hell with the Kaiser (Para o Inferno com o Kaiser)*, *The Woman the German Shot (A Mulher Atingida pelo Alemão)*, *The Beast of Berlin (A Besta de Berlim)*. Charles Chaplin também embarcou na onda, rodando o impagável *Ombro Armas (Shoulder Arms)* e até um curtíssimo *sketch* publicitário para os bônus americanos de guerra.

O término do conflito mundial, firmado pelo inclemente Tratado de Versalhes em junho de 1919, alterou sobretudo qualitativamente essa produção. Não se tratava mais de fazer filmes que defendessem este ou aquele lado, mas de tentar explicar, também através do cinema, as causas, características e conseqüências daquela tragédia planetária.

O cinema americano mais uma vez saiu na frente com *O Grande Desfile (The Big Parade*, 1925), com o qual King Vidor pioneiramente tentou desglamourizar a experiência nos campos de batalha. Substituindo a publicidade nacional pela psicologia individual, Vidor procurou traçar o retrato mais fiel possível do cotidiano de jovens soldados em ação. Remava contra a maré. No majoritário campo oposto, destacou-se *Asas (Wings*, 1927), em que William Wellman louvava, através de imagens até hoje impressionantes, a habilidade da aviação militar americana. A boba história romântica, em que dois pilotos disputam o amor da coquete Clara Bow, não o impediu de ganhar o primeiro Oscar de melhor filme, embora pareça um rascunho infantil, se comparado com o então maior destaque da Europa: nada menos que o revolucionário *Napoleon*, de Abel Gance.

Em 1930 vieram a público os dois filmes que, de certa forma, concluíram, para aquela conjuntura mundial, o acerto de contas com a barbárie da Primeira Guerra. Um foi rodado nos EUA, o outro na Alemanha, mas ambos examinam a participação dos ingênuos soldados alemães no conflito. *Nada de Novo no Front (All Quiet on the Western Front)* procurou, sob a direção de Lewis Milestone, reproduzir na tela o realismo quase cruel inerente à narrativa que lhe deu origem. Respeitando o livro do alemão Erich Maria Remarque, Milestone seguiu os passos de King Vidor na encenação do embrutecimento de um grupo de jovens soldados alemães que enfrenta tropas francesas. O resultado, de uma contundência imune à passagem dos anos, só encontraria paralelo mesmo em *Frente Ocidental 1918 (Western Front 1918)*, em que o mesmo universo é devassado pela câmera fria e humanista de George Wilhelm Pabst. Já o melhor retrato da alta oficialidade durante a Primeira Guerra, ressaltando a solidariedade classista supranacional, foi traçado sete anos depois pelo maior cineasta francês, Jean Renoir, em *A Grande Ilusão (La Grande Illusion)*.

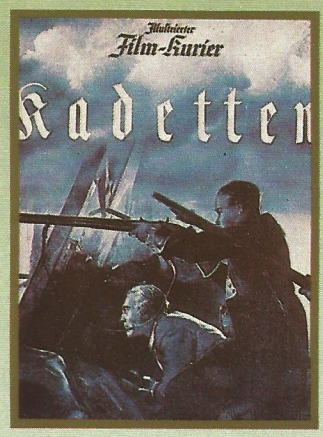


Mosfilm

TCF

MGM

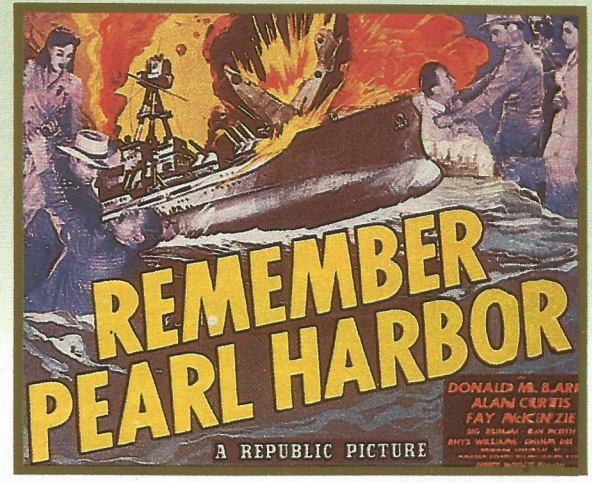
Samuel Goldwyn



***Acima, Nikolai Cherkassov em* Alexandre Nevsky*; à esquerda, George Murphy e Robert Taylor em* Patrulha de Bataan*; à direita, Harold Russell e Fredric March em* Os Melhores Anos...

TOTALITARISMO E PROPAGANDA — A ascensão dos regimes totalitários na Itália (1922) e na Alemanha (1933) veio colocar na ordem do dia um novo tipo de produção: louvando líderes e guerras do passado, aplainava-se o terreno para os ditadores do presente e para os conflitos do futuro. Na terra de Mussolini, os principais exemplos do cinema de promoção fascista, disfarçado de espetáculo histórico, foram *Cipião, o Africano (Scipione l'Africano*, 1937), de Carmine Gallone, e *1860* (1934), de Alessandro Blasetti. Em ambos, heróis militares de ontem surgiam como pioneiros apóstolos do novo "Duce". Já na Alemanha, as atenções se concentraram principalmente sobre um único personagem histórico, o imperador Frederico, o Grande, transformado pelas câmeras nazistas num autêntico proto-Hitler. Meticuloso mas medíocre na encenação de batalhas, esse "ciclo Fridericus" é um dos exemplos mais melancólicos da utilização do filme de guerra como arma ideológica.

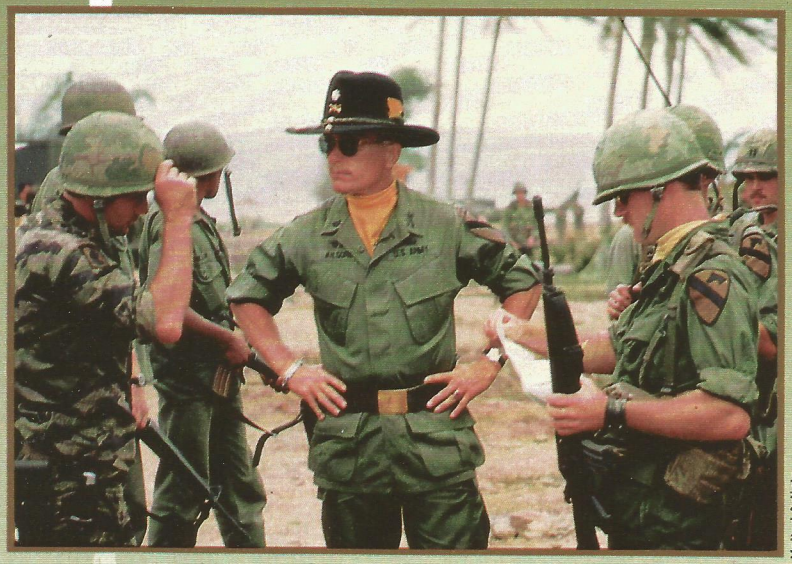
O oposto deve ser dito de uma produção soviética da mesma linhagem. Realizado para propagandear a superioridade do povo russo sobre o germânico, antes da assinatura do fatídico pacto Hitler-Stalin de 1939, *Alexandre Nevsky* (1938), de Sergei Eisenstein, transcendeu a mera elegia chauvinista para se inscrever entre os maiores épicos jamais filmados. Sua deslumbrante batalha sobre o gelo, musicada por Prokofiev, só encontrou similar nas seqüências de confronto militar de *A Carga da Brigada Ligeira (The Charge of the Light Brigade*, 1936), de Michael Curtiz, e da versão de *Henrique V*, dirigida por Laurence Olivier em 1944 — esta, curiosamente, também dentro do esforço de guerra. (Mais recentemente, em 1985, esta lista passou a incluir obrigatoriamente o estupendo *Ran*, de Akira Kurosawa.)



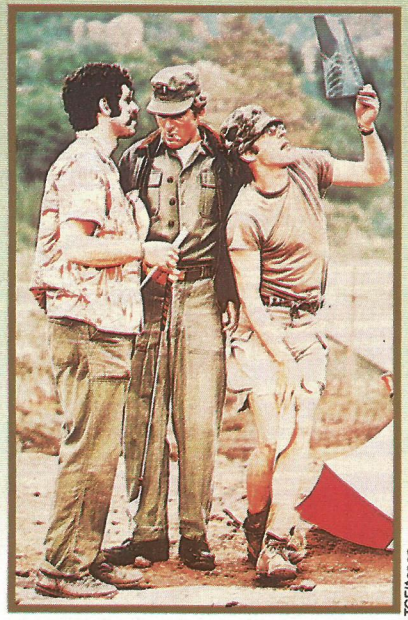
***No alto, uma cena de* Tora! Tora! Tora!*; acima e ao lado, cartazes de dois filmes de propaganda da época da 2ª Guerra: o alemão* Kadetten *e o americano* Remember Pearl Harbor

Enquanto a Europa pegava fogo, os EUA encaramujavam-se até cinematograficamente em seu isolacionismo. A Guerra Civil Espanhola (1936-1939), antecâmara da Segunda Guerra que se avizinhava, era o tema do momento, mas Hollywood preferiu revisitar as cisões americanas com a adaptação de um certo romance de uma tal de Margaret Mitchell. O título, hoje todos sabemos, é *...E o Vento Levou*. A luta antifranquista inspirou, na época, apenas uma produção modesta — e necessariamente romântica — chamada *Bloqueio (Blockade*, 1938), cuja direção coube a William Dieterle.

A grande virada deu-se apenas depois do ataque japonês a Pearl Harbor, em dezembro de 1941. A partir de então, com a entrada dos EUA na guerra



United Artists



TCF/Aspen

***Acima, o oficial surfista (Robert Duvall) de* Apocalypse Now; *à direita, um soldado ferido (Arliss Howard) carregado pelos colegas em* Nascido para Matar; *à esquerda, Elliott Gould e Donald Sutherland no escrachado* M.A.S.H.**

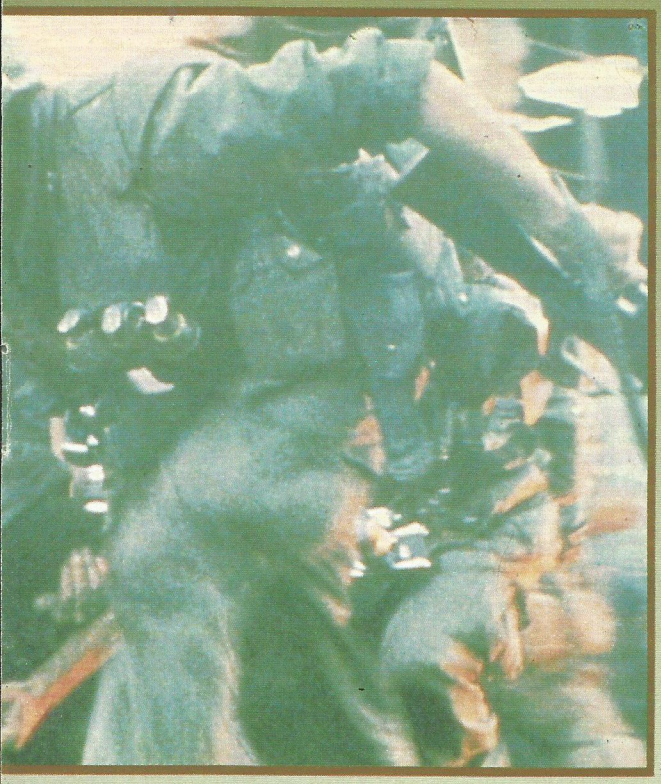
contra o eixo nipo-germânico-italiano, o mundo conheceu a mais avassaladora utilização publicitária do cinema. A produção hollywoodiana se engajou, tornando de certa forma todos os filmes fitas de guerra. A lista é extensíssima e ocuparia dezenas de revistas como esta.

Alguns dos principais foram *Sargento York* (1941), de Howard Hawks, *Nossos Mortos Serão Vingados (Wake Island*, 1942), de John Farrow, *Patrulha de Bataan (Bataan*, 1943), de Tay Garnett, *Forja de Heróis (Air Force*, 1943), do mesmo Hawks, *Trinta Segundos Sobre Tóquio* (1944), de Mervyn LeRoy, *Também Somos Seres Humanos (The Story of G.I. Joe*, 1945), de William Wellman. Não deixa de ser irônico que, da enxurrada de filmes então realizados, tenha se tornado até hoje o mais popular uma produção na qual a guerra propriamente dita funciona sobretudo como pano de fundo para um triângulo amoroso. Isso mesmo, o filme é *Casablanca* (1942), dirigido por Michael Curtiz e estrelado pelos imbatíveis Humphrey Bogart e Ingrid Bergman.

Dos aliados americanos, a Inglaterra foi o que mais empenhou seus recursos cinematográficos na guerra paralela de celulóide. Um belo filme sintetiza este esforço: *Nosso Barco, Nossa Alma (In Which We Serve*, 1942), que um estreante David Lean co-dirigiu ao lado do eclético Noel Coward. Coward também escreveu, produziu, musicou e protagonizou este sensível estudo sobre as relações humanas num navio de guerra inglês que acaba indo a pique. Paradoxalmente, já no campo contrário, nenhum filme alemão propriamente de guerra parece merecer constar de qualquer antologia do gênero. O máximo de sofisticação alcançado pelo cinema nazi deveu-se ao trabalho da cineasta e fotógrafa Leni Riefenstahl, em documentários como *O Triunfo da Vontade* (1934) e *Olimpíadas* (1936).

As explosões atômicas de Hiroshima e Nagasaki encerraram em meados de 1945 a Segunda Guerra Mundial, iniciando a era do terror nuclear, que se estende até hoje. "Paz impossível, guerra improvável" passou a ser o lema que sintetiza o espírito das relações internacionais. Naturalmente o cinema continuou a explorar esse fio da navalha. O neo-realismo italiano, encabeçado por Rossellini, caracterizou-se por garantir uma inédita dimensão humana e documental ao exame das feridas abertas em todo um povo por uma aventura belicista. Quase todas as cinematografias européias tentaram seguir essas pegadas no imediato pós-guerra, com exceção da alemã, que só muito mais tarde ganhou coragem para mergulhar no pesadelo que cindiu o país ao meio, e seus habitantes em mil pedaços.

FILÃO INESGOTÁVEL — O filão descoberto por



Warner

Gamma-Sigla

Gamma-Sigla

Columbia

De cima para baixo: o deslumbrante* Ran, *de Kurosawa, o sentimental* Platoon, *de Oliver Stone, e o sardônico* Doutor Fantástico, *de Stanley Kubrick, com Peter Sellers no papel-título

Hollywood entre 1941 e 1945 tem sido intensamente explorado nestes últimos quarenta anos. Já em 1946 surgia um clássico: *Os Melhores Anos de Nossas Vidas*, de William Wyler, uma sutil análise psicológica das dificuldades para a readaptação social dos militares que combateram. O tempo tratou de confirmá-lo como uma obra atípica. Os subgêneros proliferaram. O mais rotineiro — até mesmo porque mais popular — investiu em histórias simples, contadas em ritmo frenético e protagonizadas por inúmeros astros. Os paradigmas são *Fugindo do Inferno (The Great Escape*, 1963), de John Sturges, e *Os Doze Condenados (The Dirty Dozen*, 1967), de Robert Aldrich.

Outra tendência fartamente explorada foi a de filmes que reconstituem episódios, ou traçam perfis de grandes personalidades vinculadas ao conflito que varreu Hitler do mapa. *Tora! Tora! Tora!* (1970), sobre o ataque a Pearl Harbor, *O Mais Longo dos Dias* (1972), sobre o desembarque aliado na Normandia, e as cinebiografias *Patton: Rebelde ou Herói? (Patton*, 1970) e *MacArthur* (1977) são os principais exemplos.

Não surpreende também que cada novo esforço bélico americano tenha provocado um ciclo específico. A Guerra da Coréia (1950-1953) encontrou em *Prisioneiro de Guerra* (1954), de Andrew Marton, e *M.A.S.H.* (1970), de Robert Altman, os extremos respectivamente de apoio e de sátira. A intervenção americana no Vietnã (1961-1975) continua motivando uma série muito mais extensa e matizada, que atingiu seus melhores momentos exatamente nestes anos 80 — exceção feita a *Apocalypse Now* (1979). *Platoon* (1986), de Oliver Stone, e *Nascido para Matar (Full Metal Jacket*, 1987), de Stanley Kubrick, estão aí para respaldar a afirmação.

É curioso, por fim, que o cinema tenha raras vezes ousado trabalhar sobre o grande espectro que hoje paira sobre a Terra: o da hecatombe nuclear. Certo, nem tão poucas bobagens sobre a guerra atômica foram feitas, mas quantas lhe vêm à mente para uma discussão séria? A lista não inclui muito mais que *A Hora Final (On the Beach*, 1959), de Stanley Kramer, *Doutor Fantástico (Dr. Strangelove or How I Learned Stop Worrying and Love the Bomb*, 1964), de Stanley Kubrick, *Limite de Segurança (Fail Safe*, 1964), de Sidney Lumet, e o telefilme *O Dia Seguinte (The Day After*, 1983), de Nicholas Meyer.

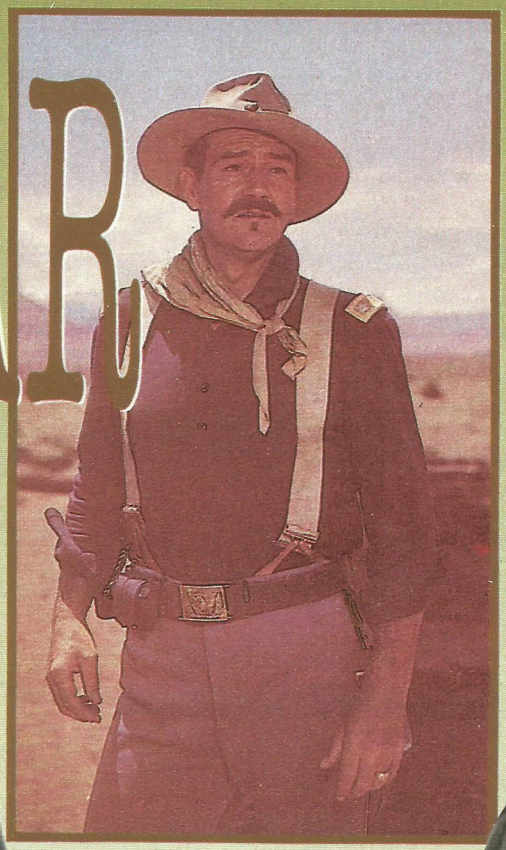
Seria melhor que cineastas e produtores encarassem logo o problema de frente e dedicassem o espaço cinematográfico devido à questão crucial deste fim de século. Até mesmo porque, ao contrário das outras guerras, o resultado desta vez não poderia ser analisado *a posteriori* nas telas. Na melhor das hipóteses, sua reconstituição poderá ser feita através de trêmulos esboços em paredes de cavernas. *Amir Labaki*

VESTIDOS PARA M

United Artists

Trajando uniformes dos mais variados exércitos, os atores sempre arrancaram suspiros, lágrimas ou gargalhadas das platéias. Todas as gradações entre o heróico e o ridículo são possíveis quando um astro veste uma farda

ATAR



Republic/Argosy

Gamma/Sigla

United Artists/Petersham

***Da esquerda para a direita: Woody Allen em* A Última Noite de Boris Grushenko, *Laurence Olivier em* Henrique V, *John Wayne em* Rio Grande *e John Lennon em* Como Eu Ganhei a Guerra

Warner

United Artists

Warner

***Acima, Ronald Reagan e Errol Flynn em* A Estrada de Santa Fé*; à direita, Buster Keaton em* A General*; à esquerda, Bogart e Raymond Massey em* Comboio Para Leste

Se o hábito faz o monge, a farda faz o herói. Um uniforme reluzente pode conferir a um homem elegância, bravura, autoridade, romantismo, exotismo e arrogância — ou simplesmente torná-lo ridículo. Depende um pouco do alfaiate, e um muito de quem veste.

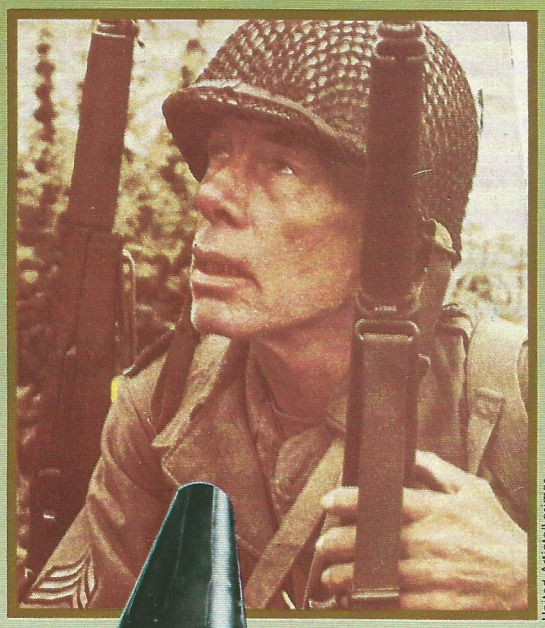
No corpo de Errol Flynn, a farda azul-marinho da cavalaria americana fazia Olivia de Havilland suspirar em *A Estrada de Santa Fé* (1940) e *O Intrépido General Custer* (1941). O mesmo traje, vestido por John Wayne em *Rio Grande* (1950), fazia tremer os índios. Um uniforme parecido — o do exército do norte na Guerra de Secessão americana (1861-1865) — arrancava risos de todo mundo no físico raquítico do sulista disfarçado Buster Keaton, em *A General* (1926).

O traje militar que cai como uma luva em alguns, em outros parece roupa emprestada de última hora. Como Errol Flynn, Gary Cooper vestiu os uniformes de exércitos diversos e inúmeras patentes. De oficial do regimento colonial britânico (*Lanceiros da Índia*, 1935) a sargento americano na Segunda Guerra (*Sargento York*, 1941), de soldado da Legião Estrangeira (*Beau Geste*, 1939) a guerrilheiro na Guerra Civil Espanhola (*Por Quem os Sinos Dobram*, 1943), ele ostentava sempre a mesma elegância viril que amolecia as mulheres e amedrontava os inimigos.

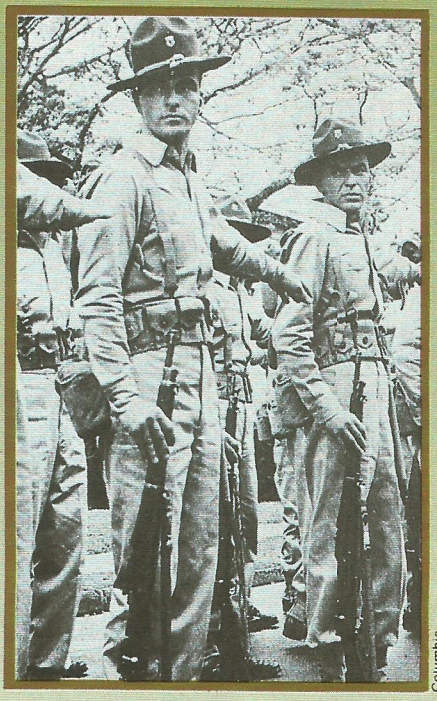
Astros como William Holden e Montgomery Clift, ao contrário, nunca se sentiam muito à vontade dentro da farda. Holden — que foi sargento prisioneiro dos nazistas em *Inferno n.º 17* (1953), fugitivo de um campo japonês em *A Ponte do Rio Kwai* (1957), oficial da marinha em *Tigre dos Mares* (1951) e comandante aviador em *As Pontes de Toko-Ri* (1954) — parecia não ver a hora de voltar para casa e cuidar da família. Também para o belo e frágil Clift o uniforme parecia pesado e incômodo. O soldado de *A um Passo da Eternidade* (1953), o oficial engenheiro de *Perdidos na Tormenta* (1948), o sargento (também engenheiro) de *Ilusão Perdida* (1950) — todos ansiavam por estar em outro lugar, e sobretudo com outra roupa. Como Henry Fonda, Monty era humano demais para caber numa farda.

Problema análogo ocorre com certos durões de estilo muito pessoal, como Humphrey Bogart e James Cagney, demasiado cínicos e individualistas para convencer como disciplinados patriotas. O uniforme, neles, é como uma espécie de disfarce, mesmo quando são heróis — Bogart em *Sahara* (1943) e Cagney em *Corsários das Nuvens* (1942), por exemplo.

Paramount



United Artists/Lorimar



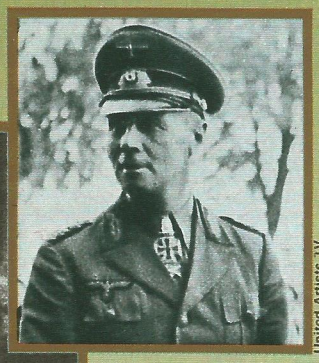
Columbia

***Marvin em* Agonia e Glória; *Clift e Sinatra em* A um Passo da Eternidade**

Beirando o ridículo: Gary Cooper em* Lanceiros da Índia *(acima) e John Wayne como Gengis Khan em* Sangue de Bárbaro *(na foto maior)

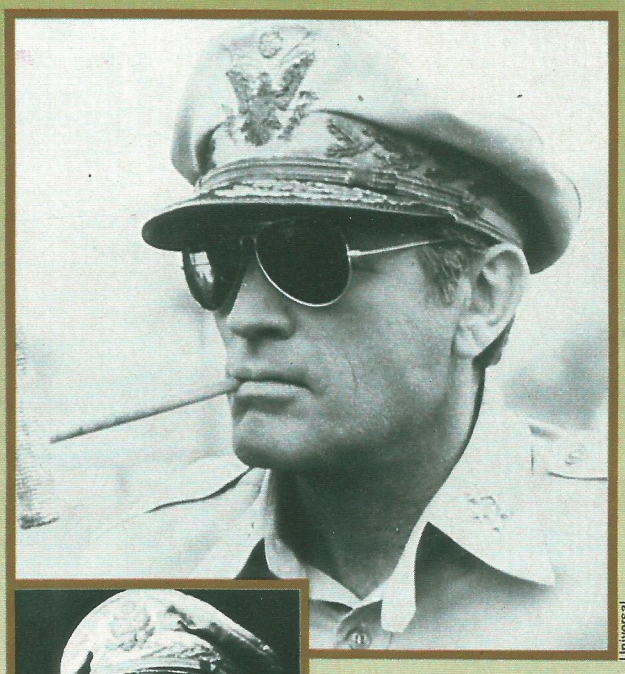
Já para durões de personalidade unidimensional, como John Wayne e Lee Marvin, o traje militar é como uma segunda pele. O que importa é honrar as calças na hora de enfrentar o inimigo. Seja lutando contra os mexicanos, na pele de Davy Crockett (*O Álamo*, 1960), seja exterminando nazistas na Normandia (*O Mais Longo dos Dias*, 1963) ou comunistas no Vietnã (*Os Boinas Verdes*, 1968), Wayne manteve até o fim a postura rígida dos grandes defensores da pátria amada. Só caiu no ridículo quando teve que vestir roupas alheias à sua cultura, como as do guerreiro mongol Gengis Khan, em *Sangue de Bárbaro* (1956).

Condenado pelos próprios vincos do rosto a manter sua fama de mau, Lee Marvin acrescentou ao tipo macho um bocado de ruindade. Como o sargento implacável de *Agonia e Glória* (1979), o tirânico oficial de *Os Doze Condenados* (1967) ou o líder do grupo especial antiterrorista de *Comando Delta* (1986), ele dava sempre a impressão de ser durão pelo gosto da coisa, e não pelo senso do dever. Mas foi capaz de matizes insuspeitados quando seu uniforme se esfarrapou em *Inferno no Pacífico* (1969).

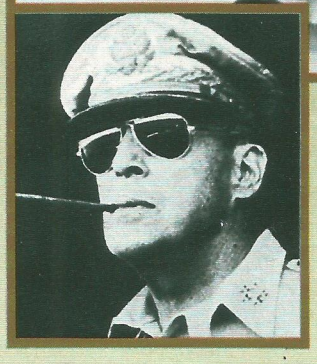


United Artists TV

Paramount



Universal

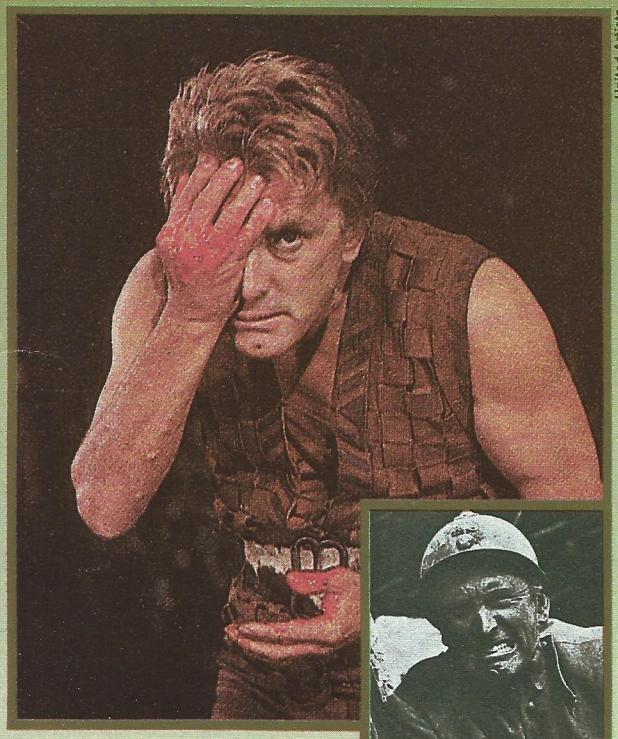


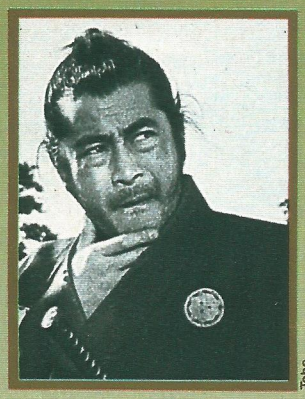
Os durões e seus duplos: Erich von Stroheim (esq.) e Rommel (acima), Gregory Peck (dir.) e MacArthur (no destaque), George C. Scott (abaixo) e Patton (no destaque)

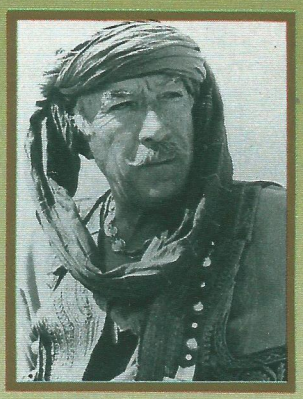
Camera Press

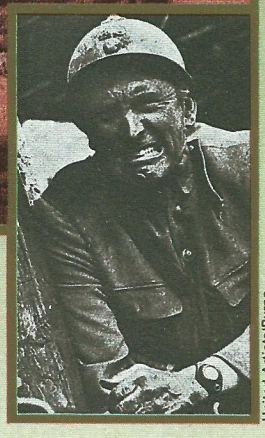
FEIOS E MALVADOS — Outro cujas feições e porte condenaram à categoria dos maus foi o austríaco Erich von Stroheim. Habituado a interpretar oficiais prussianos desde o cinema mudo, Stroheim imortalizou-se no papel em *A Grande Ilusão* (1937). Em *Cinco Covas no Egito* (1943), foi ninguém menos que o temido marechal nazista Erwin Rommel. Um caso semelhante é o do americano George C. Scott, cuja figura o cinéfilo associa inevitavelmente à do inflexível general George S. Patton, que ele representou em *Patton — Rebelde ou Herói?* (1970). Em *Dr. Fantástico* (1963) e *Toque de Recolher* (1981), seus personagens eram igualmente oficiais patriotas. Gregory Peck, galã que batalhou em muitos exércitos, tem também sua imagem colada à do general Douglas MacArthur, interpretado por ele com minúcia naturalista em *MacArthur* (1977).

Mas há os versáteis. Anthony Quinn, por exemplo, foi de tudo: revolucionário mexicano (*Viva Za-*


United Artists

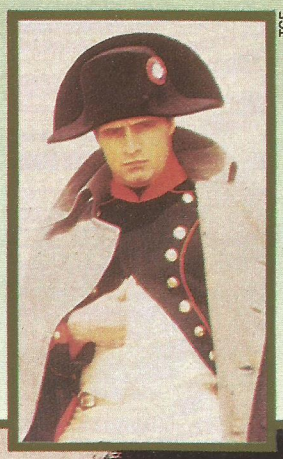

Toho

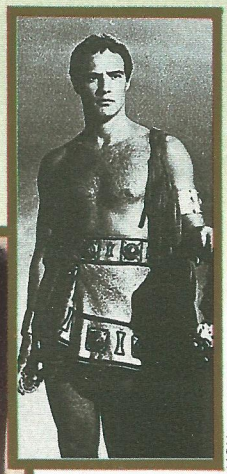


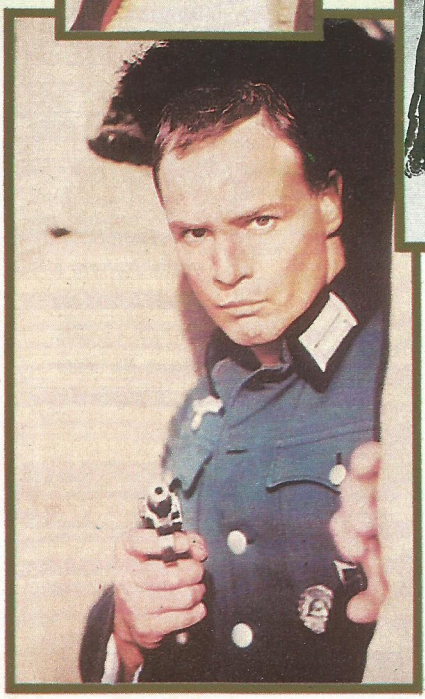

United Artists/Byrna

Lux

***À esquerda, Kirk Douglas em* Os Vikings *e* Glória Feita de Sangue *(no destaque); acima, Mifune em* Yojimbo *e Quinn em* Caravans*; à direita, Orson Welles em* Os Bravos Tártaros


TCF


MGM


TCF

***A versatilidade de Marlon Brando: nazista em* Os Deuses Vencidos*, Napoleão em* Desirée *e Marco Antonio em* Júlio César

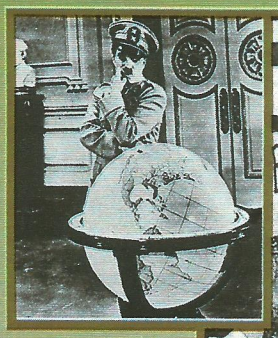
pata!, 1952), rei dos hunos (*Átila*, 1953), líder beduíno (em *Lawrence da Arábia*, de 1962, e *O Leão do Deserto*, de 1979) e até nazista contra a vontade em *A 25.ª Hora* (1967). Kirk Douglas não ficou atrás: oficial francês na Primeira Guerra (*Glória Feita de Sangue*, 1957), gladiador romano (*Spartacus*, 1960) e viking (*Os Vikings*, 1958).

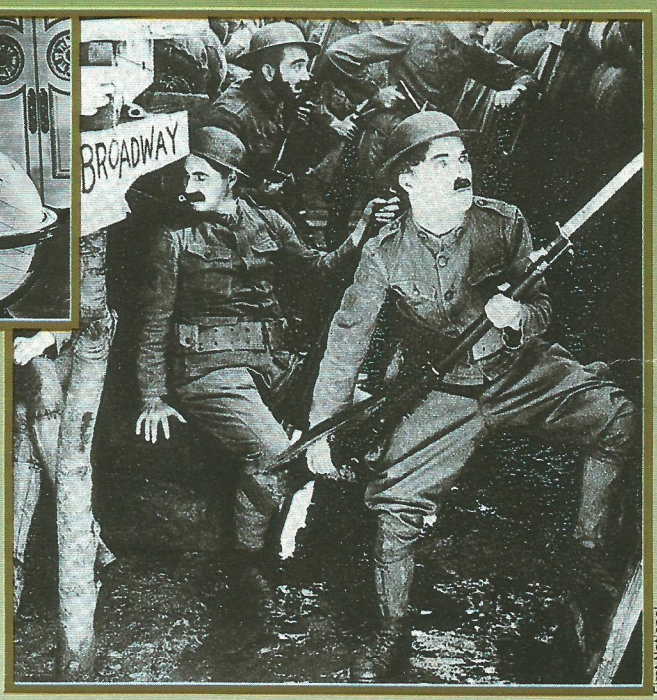
Há ainda os que, graças ao carisma e ao talento, adquiriram uma aura de soberania e encarnaram como ninguém os grandes senhores da guerra. Marlon Brando começou a carreira como soldado raso (*Espíritos Indômitos*, 1950), mas logo decolou: foi oficial nazista (*Os Deuses Vencidos*), o guerreiro romano Marco Antonio (*Júlio César*, 1953), o revolucionário mexicano Zapata (*Viva Zapata!*) e ninguém menos que Napoleão Bonaparte (*Desirée*, 1954), papel sob medida para o seu narcisismo megalômano.

Outro soberano incontestável é Sir Laurence Olivier, que soube ostentar o brilho do rei guerreiro *Henrique V* (1945) com a mesma competência com que vestiu o garboso traje do herói naval oitocentista Horatio Nelson (*Lady Hamilton*, 1942). Tampouco o imenso (em todos os sentidos) Orson Welles cabia na farda de comandado. Foi logo o tirânico *Macbeth* (1948) e depois divertiu-se como chefe tártaro (*Os Bravos Tártaros*, 1960) e general durão na Segunda Guerra (*Ardil 22*, 1970). Embora com recursos de ator mais limitado, Charlton Heston também credenciou-se — graças ao rosto retilíneo, à voz tonitroante e ao porte altivo — aos grandes papéis míticos, como os de Marco Antonio (*À Sombra das Pirâmides*, 1973) e *El Cid* (1961).

Uma nobreza de outra estirpe impregna todos os papéis guerreiros de Toshiro Mifune. Eterno inimigo nos filmes sobre a Segunda Guerra (como *Midway*, de 1976, e *Inferno no Pacífico*, de 1969), Mifune brilhou com mais intensidade nas vestes de bravos samurais — como em *Yojimbo* (1961) e *Os Sete Samurais* (1954) — ou do Macbeth japonês de *Trono Manchado de Sangue* (1957).

TCF





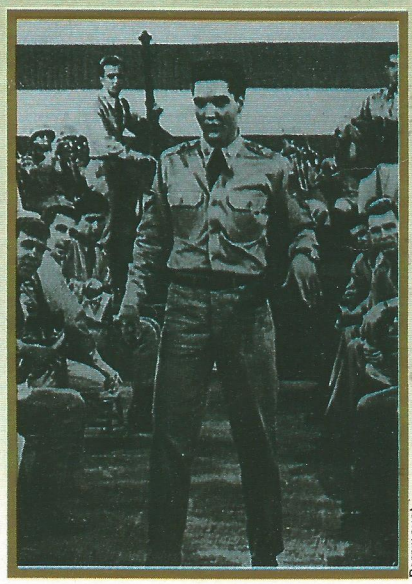
First National

Palhaços: Cary Grant em A Noiva Era Ele *(esq.)*; Chaplin em O Grande Ditador *(acima)* e Ombro Armas *(dir.)*; Laurel & Hardy em Bonnie Scotland *(abaixo)*

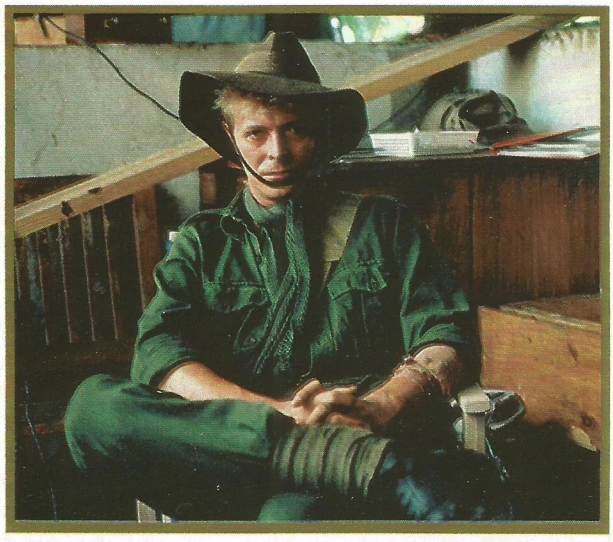
PALHAÇOS E ROQUEIROS — Mas nem todos levam a farda assim tão a sério. O galã Cary Grant parecia usá-la só para se divertir e conquistar garotas. Em *Gunga Din* (1939), aprontou horrores na Índia com Victor McLaglen e Douglas Fairbanks Jr., seus colegas do exército colonial britânico. Em *Papai Ganso* (1964), viu-se transformado de observador militar em babá de um grupo de moças e sua professora, numa ilha australiana. Mas seu grande show foi em *O Noivo Era Ele* (1949), em que vestiu um impecável e elegante uniforme... de mulher. Com anágua, cinta-liga e tudo mais.

Se um galã faz essas coisas, o que esperar dos palhaços profissionais? Charlie Chaplin, o maior deles, depois de avacalhar a Primeira Guerra como recruta trapalhão em *Ombro Armas* (ou *Carlitos nas Trincheiras*, 1918), resolveu investir contra Adolf Hitler em pessoa, ridicularizando-o impiedosamente em *O Grande Ditador* (1940). O gordo Oliver Hardy e o magro Stan Laurel quebraram juntos a disciplina de muitos exércitos. Em *Blockheads* (1938), Stan ficou defendendo uma trincheira vinte anos depois que a Primeira Guerra acabou. Em *Bonnie Scotland* (1935), uma sátira de *Lanceiros da Índia*, eles mostraram as pernas sob as saias de um re-

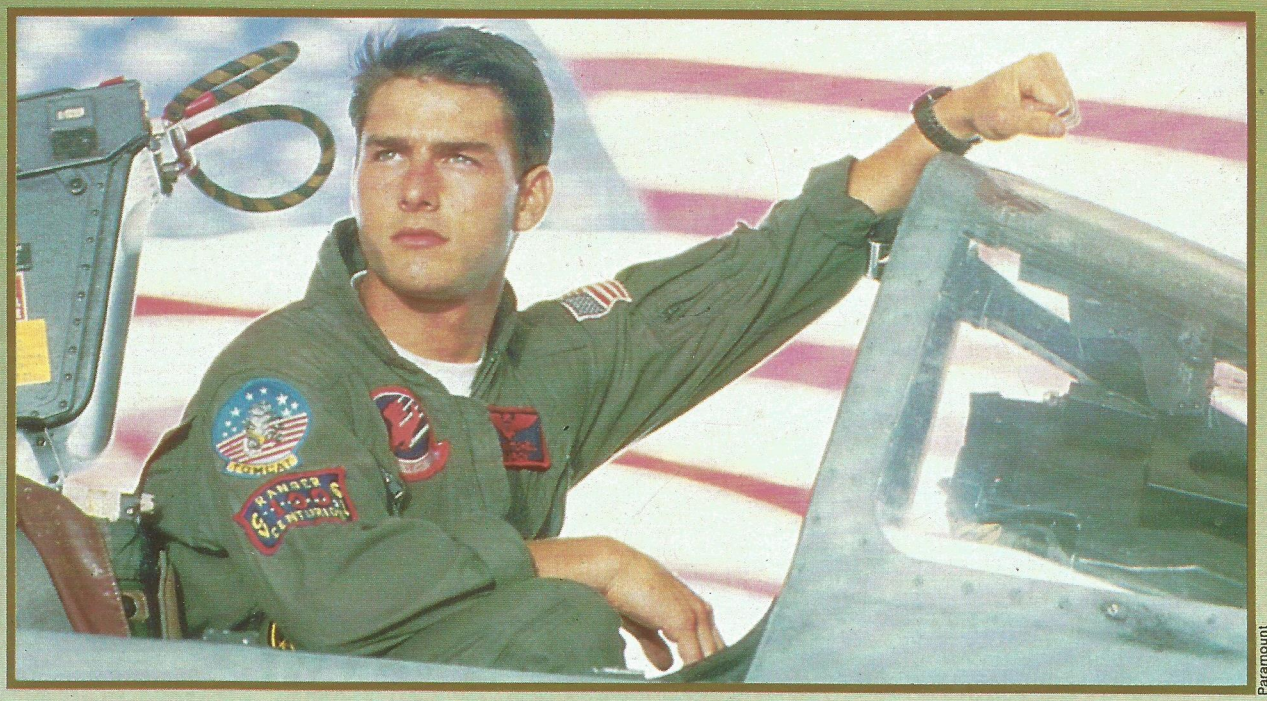
MGM



Paramount



Popstars: Elvis Presley em Saudades de um Pracinha *(acima)* e David Bowie em Furyo — Em Nome da Honra *(à esquerda)*


Paramount

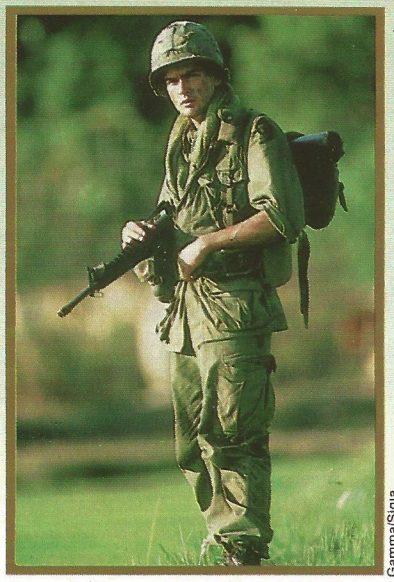
gimento escocês estacionado na India.

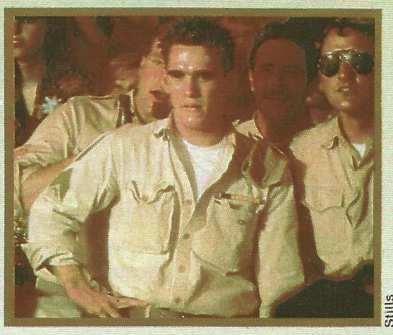
Outra dupla da pesada, Jerry Lewis-Dean Martin, começou sua parceria fardada: Martin como um sargento garanhão e Lewis como recruta tapado, em *O Palhaço do Batalhão* (1950). Vinte anos depois, Lewis ainda perguntava *Qual o Caminho para o Front?* (1970), disfarçado de oficial nazista. O charme da farda conquistou até mesmo o pacifista Woody Allen, que em sua paródia de *Guerra e Paz* (*A Última Noite de Bóris Grushenko*, 1975) era um incompetente soldado do exército czarista que planejava matar Napoleão.

Cantores e astros pop não resistiram ao chamado das armas. Inspirados pelo exemplo precursor do Frank Sinatra de *A um Passo da Eternidade*, *Os 3 Sargentos* (1962), *Os Bravos Morrem Lutando* (1965) e *Orgulho e Paixão* (1957), eles foram se alistando um a um. Elvis Presley virou recruta apaixonado em *Saudades de um Pracinha* (1960). John Lennon engajou-se no exército aliado na comédia *Como Eu Ganhei a Guerra* (1967). Em *Furyo* (1983), David Bowie ficou tão charmoso como oficial britânico que fez desmaiar o inimigo, por sinal outro pop-star fardado, Ryuichi Sakamoto.

E parece que o fascínio dos uniformes militares não vai acabar tão cedo. Acompanhando um certo *revival* do militarismo, os fedelhos todos já se uniformizaram: Matt Dillon em *Quando o Amor É Mais Forte* (1988), Matthew Modine em *Nascido para Matar* (1987), Matthew Broderick em *Metido em Encrencas* (1988), Michael J. Fox em *Casualties of War* e Tom Cruise em dose dupla: *Ases Indomáveis* (1986) e *Born on the Fourth of July* (1989)... Independentemente da guerra que têm que lutar, eles sabem que as garotas — pelo menos algumas — ainda adoram um homem num uniforme.

José Geraldo Couto


Gamma/Sigla


Stills

UIP

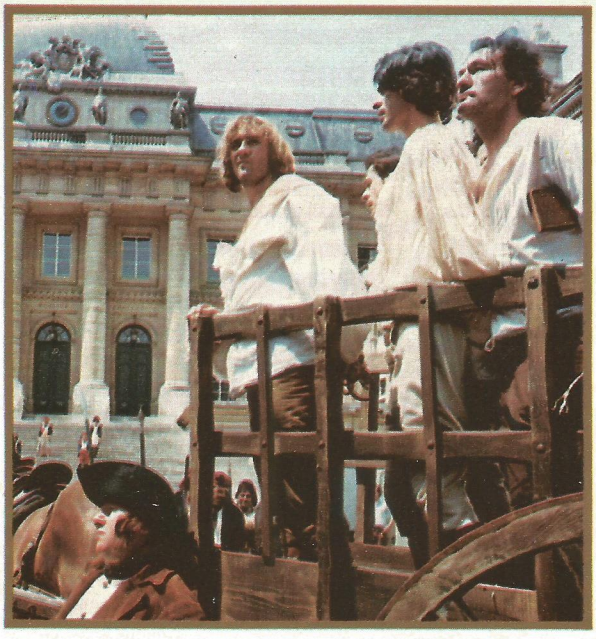
Warner

***Garotões:* Tom Cruise em Ases Indomáveis *(no alto); mais à esquerda,* Charlie Sheen em Platoon; *ao lado,* Matt Dillon em Quando o Amor É Mais Forte *e* Matthew Broderick em Metido em Encrencas; *abaixo,* Matthew Modine em Nascido para Matar**

O POVO EM ARMAS

Warner

Revoluções, guerrilhas, golpes militares: quando a luta política vira guerra civil, o cinema não demora a registrar o espetáculo. Dos clássicos revolucionários de Eisenstein à romantização das crises centro-americanas, há sempre uma câmara nas barricadas



Gaumont

***Na foto maior, Warren Beatty e Diane Keaton vivem um grande amor em plena Revolução Russa, em* Reds*; à esquerda, John Malkovich é o fotógrafo preso em* Os Gritos do Silêncio*, e Gerard Depardieu é* Danton*; à direita, o clássico* Potemkin**

Paramount

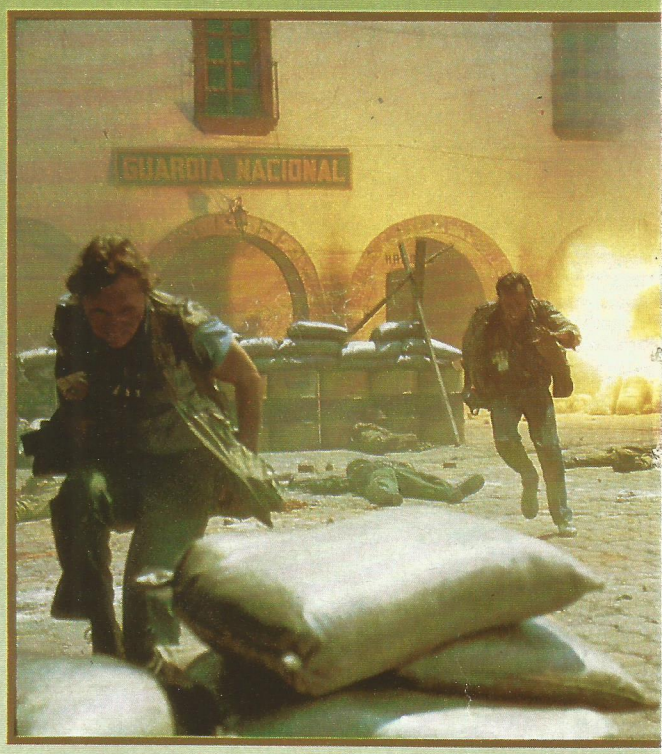
Goskino

Às armas! Guerras civis, revoluções e guerrilhas sempre foram um bom cardápio cinematográfico. Quando se esgotam as vias parlamentares, a política se faz com coquetéis molotov, depois com metralhadoras, obuses, bombas, canhões etc.

Quem não se lembra da acirrada troca de tiros entre nortistas e confederados musicando o idílio entre Scarlett O'Hara (Vivien Leigh) e Rhett Butler (Clark Gable) em *...E o Vento Levou* (1939) — o mais célebre filme sobre a mais célebre das guerras civis? A Guerra da Secessão (1861-1865), que quebrou o nariz empinado do sul escravista e agrícola, foi transformada pelo produtor David Selznick numa das mais rendosas idéias do cinema, um quarto de século depois de D.W. Griffith ter focalizado o mesmo movimento para praticamente fundar o épico cinematográfico, com o legendário e racista *O Nascimento de uma Nação* (1915).

E quem pode esquecer a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) — a "pré-estréia" da Segunda Guerra — vista pelo belíssimo tecnicolor usado pelo diretor (paradoxalmente direitista) Sam Wood em *Por Quem os Sinos Dobram* (1943)? As palavras exatas de Ernest Hemingway e, principalmente, os olhos etéreos de Ingrid Bergman nos perfuram como estilhaços e nos cativam de imediato (mais do que qualquer panfleto) para as fileiras antifranquistas. Da mesma forma, não dá pra ficar em cima do muro com o choque proporcionado pelos filmes marxistas do soviético Sergei Eisenstein. Em *O Encouraçado Potemkin* (1925), a dialética não se dá apenas no terreno temático, pelo conflito entre o regime czarista e os insurgentes. Está nos planos, ângulos e seqüências, numa obra propositalmente descontínua. Está na forma. Uma imagem contradiz a anterior, e uma terceira supera, resolve e sintetiza as duas que vimos. Na citadíssima seqüência da escadaria de Odessa, Eisenstein manipula o tempo e disseca o inimigo de classe (representado pelo exército do czar) em múltiplos ângulos.

Poucos entenderam a palavra de ordem eisensteineana: não dá para investir contra a política tradicional com o arsenal gasto da linguagem cinematográfica tradicional. A maioria dos cineastas não consegue evoluir na estética com a mesma desenvoltura com que evolui na política. Para constatar que um filme simpático aos "vermelhos" pode ser calorosamente aclamado pelo *status quo*, desde que não recorra a uma linguagem subversiva, Warren Beatty colheu dois Oscar com seu *Reds* (1981), uma espécie de *Doutor Jivago* dos anos 80. Na fita, a Revolução Russa apenas emoldura a *love story* entre o levado escritor e jornalista John Reed (Beatty) e a não menos traquina escritora Louise (Diane Keaton). Beatty lança mão de uma narrativa ao estilo das superproduções do "cinemão" histórico, pincelando-a com a veracidade "documental" de vários depoimentos. Não esconde sua discreta simpatia pelos "progressistas" antes dos desvios burocráticos do Estado soviético. Mas, para Hollywood, o que é a marcha da História diante da grandeza do ro-



Sipa-Press

mance da mocinha com o mocinho?

Hollywood, aliás, adora jogar jornalistas em meio a trocas de tiros em republiquetas "exóticas", onde a fé na profissão ou sai reforçada ou desanda de vez. *Salvador, o Martírio de um Povo* (1986), de Oliver Stone, retrata com cores realistas a experiência do jornalista Richard Boyle (James Woods) na carnificina política salvadorenha. *Sob Fogo Cerrado* (1983), de Roger Spottiswoode, mostra também um profissional da informação passando apuros na América Central. Mergulhado na guerra da Nicarágua, ele acaba tomando o partido dos sandinistas. Apesar da seriedade da tentativa de tocar na ferida do confronto capitalismo-socialismo na América Latina, nesses filmes a fantasia romântica corre solta, como em muitas outras produções pretensamente "documentais" *made in USA*.

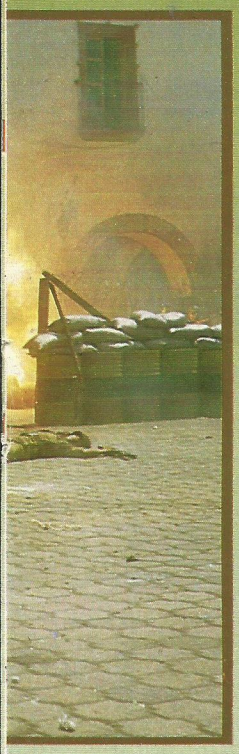
Os Gritos do Silêncio (1984), de Roland Joffé, por exemplo, aborda o relacionamento de um jornalista do *New York Times* com um colega cambojano. Este é preso e "reeducado" nos campos do Khmer Vermelho, que, com seu marxismo linha dura, quer pulverizar os "vícios burgueses" na ponta das baionetas. Se o objetivo era deixar o espectador com asco pela bandeira vermelha, a escolha do regime dogmático do Khmer é perfeita. Mas, ao que parece, Joffé estava mais preocupado em explorar a intimidade dos dois sofridos jornalistas de uma forma que beira a pieguice e a apelação.

IDEOLOGIA E CRISE — Um exemplo praticamente oposto de entrelaçamento entre o pessoal e o político estaria em *A Guerra Acabou* (1966), do sempre brilhante Alain Resnais. Ao acompanhar a crise íntima e ideológica de um cansado revolucionário espanhol exilado em Paris (Yves Montand), o filme se fragmenta contrapondo o "tempo mental" do protagonista ao tempo cronológico dos acontecimentos e da História.

Poucos acontecimentos foram tão abordados pelo cinema quanto a Revolução Francesa, mas poucos também foram os cineastas que a entenderam tão bem quanto o italiano Ettore Scola. Na carruagem em que partem os nobres para fora da cena histórica em *A Noite de Varennes* (ou *Casanova e a Revolução*, 1982), há todo um mundo que desmorona sob o empurrão do povo, que pensa estar fazendo História pela primeira vez. Casanova (Mastroianni) é um velho maquiado e reumático, e muitas mulheres não percebem que sua aura sedutora ficou na saudade. Apegam-se ao mito. A análise da convulsão social fica por conta do intelectual libertino Restif de La Bretonne (Jean-Louis Barrault): lúcido e cético, ele percebe que o mecanismo do mundo não vai mudar muito, como pode parecer aos aterrorizados nobres.

Se a queda da Bastilha parecia o anúncio de uma terra sem amos, as imagens de *Danton, o Processo da Revolução* (1982), do polonês Andrzej Wajda, expõem no que se transformou o sonho: a disputa sanguinária entre os líderes Robespierre e Danton — o "totalitário" e o "liberal". Fazer a revolução é uma coisa. Organizar o Estado é outra. Gato escaldado num cinema engajado pela democracia (vide *O Homem de Ferro, O Homem de Mármore* etc.), Wajda filma com raiva e proximidade a autodevoradora revolução, revestindo-a de significados atualíssimos.

Já para o grego Contantin Costa-Gavras, a revolução no cinema não passa pela revolução da linguagem cinematográfica. Assim, ele parte da fórmula mais fácil para relatar a guerrilha urbana no Uruguai, em *Estado de Sítio* (1973): o didatismo, o maniqueísmo e os clichês do thriller policial. Inevitavelmente, quase todos torcem para os "mocinhos" esquerdistas, não fosse um certo carisma de Yves Montand no papel do grande vilão Michael



Liaison Gamma-Sigla

Paramount

MGM

***À esquerda, o romantismo de* Por Quem os Sinos Dobram *e* ...E o Vento Levou*; embaixo, à esquerda, uma cena de tortura de* Estado de Sítio*; abaixo, Paulo Autran na alegoria glauberiana* Terra em Transe**

Na página oposta, jornalistas passam apuros em* Sob Fogo Cerrado *(esq.) e* Salvador *(acima), dois filmes sobre guerra civil na América Central

Cinemateca Brasileira

Santore (inspirado em Dan Mitrioni, executado pelos Tupamaros), que vem fazer um "servicinho" para a CIA na América Latina. Da mesma forma, em *Desaparecido* (1982), os golpistas de Pinochet são pintados como aterrorizantes facínoras, sem o suporte de uma interpretação histórica e política conseqüente. Em *A Confissão* (1970), equilibrando sua balança ideológica, Gavras não economiza artilharia pesada contra o outro lado: a ditadura de Estado "socialista". Denuncia torturas stalinistas na Tchecoslováquia, onde a liberdade se chocava contra as esteiras dos tanques soviéticos (tema que também está no belo e recente *A Insustentável Leveza do Ser*, de Philip Kaufman).

Numa linha parecida, *A Batalha de Argel* (1965) e *Queimada* (1969), de Gillo Pontecorvo, se por um lado desmascaram a violência colonialista, não escapam do "sociologismo catártico" do diretor, cultuado por militantes e sindicalistas. Particularmente em *Queimada*, os personagens nem parecem gente, mas exatamente "personagens", recitando frases de manuais históricos marxistas. Excesso de didatismo é a doença infantil da qual sofrem também os filmes do cubano Tomás Guitierrez Alea — o mais conhecido é *A Última Ceia* (1977), sobre uma frustrada rebelião escrava na Cuba colonial. Esse cinema está muito distante do casamento perfeito entre política e modernidade que é o metafórico *Outubro* (1927), de Eisenstein, entre tantos outros filmes soviéticos igualmente transgressivos dos anos 20.

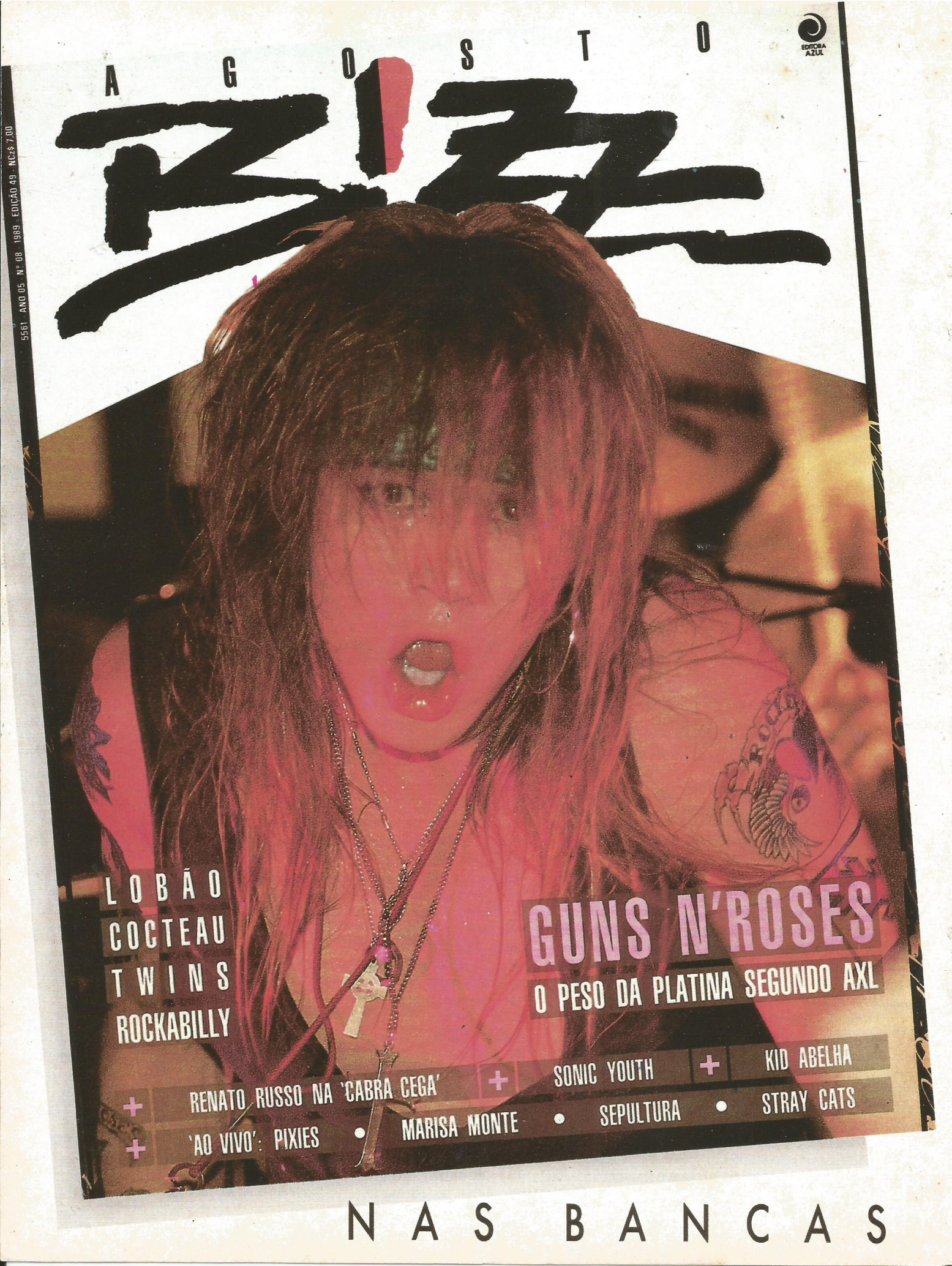
A guerrilha urbana brasileira, que floresceu sob os quepes da ditadura militar, está em *O Bom Burguês* (1983), *Pra Frente Brasil* (1981) e *Paula, a História de uma Subversiva* (1979). Excelentes documentos sobre o contraste entre o conformismo do "milagre" e a ação guerrilheira suicida, os três pecam por não escaparem da mordaça do cinema convencional. Pecado que o inquieto Glauber Rocha não cometeu, pois preferiu a alegoria para relatar conflitos políticos reais em *Terra em Transe* (1967). Para documentar acirramentos ideológicos, Glauber acirra caoticamente o embate entre som e imagem. Contesta a ordem vigente com a própria câmera, que circula em grande tensão, tanto como a própria realidade política da América Latina, onde o caciquismo, o populismo, a corrupção e outros fantasmas dificultam qualquer projeto de transformação, seja na lei ou na marra. *Antonio Querino Neto*

5561 ANO 05 Nº 08 1989 EDIÇÃO 49 NCz$ 7,00

AGOSTO

RIZZO

EDITORA AZUL



LOBÃO
COCTEAU TWINS
ROCKABILLY

GUNS N'ROSES
O PESO DA PLATINA SEGUNDO AXL

\+ RENATO RUSSO NA 'CABRA CEGA' + SONIC YOUTH + KID ABELHA
\+ 'AO VIVO': PIXIES • MARISA MONTE • SEPULTURA • STRAY CATS

NAS BANCAS

Ronald Reagan, Mr. Spock, Barão de Munchausen, James Bond, Monty Python, Drácula e Fellini juntos.

NAS BANCAS.

EDITORA AZUL

O INIMIGO INFILT

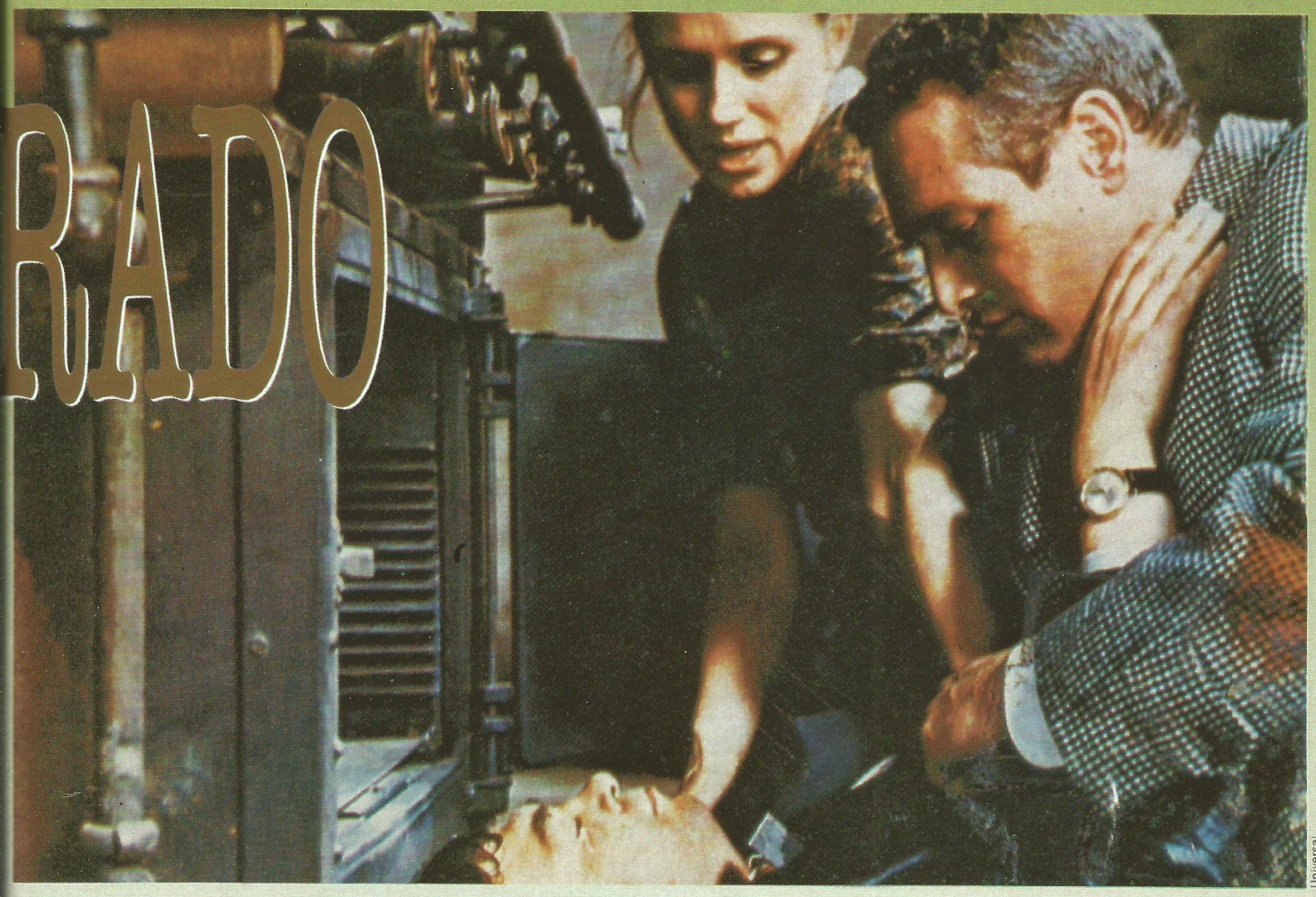
Artenova

O fantasma do comunismo, a partir dos anos 40, deu origem ao cinema da Guerra Fria, que desconhece fronteiras de gênero: vai da espionagem à ficção científica, sempre na corda bamba entre a imaginação e a paranóia

Duas bombas atômicas marcaram a vitória dos EUA sobre o Japão em 1945. Era o fim da Segunda Guerra Mundial. Menos de quatro anos depois, os soviéticos anunciavam o sucesso de suas experiências nucleares. O planeta recolhia seus fragmentos dividido entre duas potências rivais. Com um novo horizonte à sua frente: o da destruição total. Começava a Guerra Fria.

O cinema não ficaria imune a essas transformações. Já em 1947, com os soldados ainda voltando para casa, a MGM lançava o filme *The Beginning or The End?*, com uma versão romanceada do Projeto Manhattan, que fabricou a primeira bomba atômica norte-americana no deserto de Los Alamos.

O *establishment* também estava atento ao novo jogo de forças. Em 1949 o então deputado Richard Nixon e o senador Joseph McCarthy começaram as perseguições a todas as manifestações que pudessem ser vistas como "propaganda comunista". A Guerra Fria se instalava definitivamente no cinema, dentro e fora das telas.



Universal

Os grandes estúdios preocupavam-se em deixar clara sua antipatia em relação ao "perigo vermelho". A sociedade americana era vista como um todo inocente e asséptico, um organismo sadio vivendo sob ameaça externa constante. O perigo, como o comunismo, era desconhecido e poderia vir até de outro planeta, como mostram *Vampiros de Almas* (1956), de Don Siegel, e a *A Bolha Assassina* (1958), de Irvin S. Yeaworth, expressões máximas da paranóia.

Neste último, o novato Steve McQueen é um estudante disciplinado que enfrenta uma bolha capaz de consumir e matar todos os habitantes de uma pacata cidadezinha. O filme virou um *cult* da ficção científica e do terror, posição que não foi abalada nem mesmo com a desastrada refilmagem que Chuck Russell apresentou em 1988.

Mas as listas negras do macartismo lembravam que o "inimigo" poderia estar em qualquer lugar, inclusive "no meio de nós". Para aproveitar e alimentar a histeria anti-soviética, até Frank Sinatra posou de comunista. Foi no filme *Meu Ofício é Matar* (1954), de Lewis Allen, em que "os velhos olhos azuis" chefiava uma quadrilha de terroristas preparada para matar o presidente americano numa cidade do interior. A realidade imitou a arte duramente neste caso: nove anos depois o presidente Kennedy seria assassinado durante uma visita a Dallas.

Caberia a Stanley Kubrick, em 1964, mostrar que o perigo não eram os comunistas, mas justamente a paranóia anticomunista. Ele conseguiu esta façanha misturando política, humor e pacifismo na obra-prima *Doutor Fantástico*, sem dúvida a melhor comédia sobre a ameaça nuclear. Aviões norte-americanos recebem por engano a ordem de atacar pontos estratégicos da URSS. Os soviéticos ameaçam acionar seu esquema de contra-ataque, capaz de destruir o mundo. O governo americano reúne consultores e especialistas para tentar reconduzir os aviões a suas bases. Esta história paradigmática e o talento de seu realizador engendraram um filme sem sucessores, embora o medo de um ataque soviético tenha gerado posteriormente pelo menos duas outras sátiras: *Os Russos Estão Chegando* (1966) e *Jogos de Guerra* (1983).

No primeiro dos dois, dirigido por Norman Jewison (de *Feitiço da Lua*), um submarino russo encalha perto da costa americana, e seus atarantados

Universal

***Na página oposta, uma visão crítica do anticomunismo:* Daniel, *de Sidney Lumet; acima e ao lado, dois filmes de Guerra Fria de Hitchcock:* Cortina Rasgada e Topázio**

Warner

MGM/UA

Warner

À esquerda, Paul Newman, O Emissário de Mackintosch, é sedado pelo inimigo; acima e à direita, duas comédias: Jogos de Guerra e Os Russos Estão Chegando

tripulantes têm que enfrentar o pânico e a hostilidade que sua simples presença provoca nos representantes locais do *american way of life*. O filme brinca com a absurda idéia dos russos maus por natureza. Já em *Jogos de Guerra*, misto de comédia juvenil e ficção científica, o alvo são os sistemas de defesa nacional computadorizados. Ao ter acesso, sem querer, ao programa nuclear de defesa americano, dialogando com seu computador, um garoto precoce (Matthew Broderick) quase desencadeia a Terceira Guerra Mundial. Ninguém consegue convencer o computador de que é tudo brincadeirinha, que os russos não estão atacando.

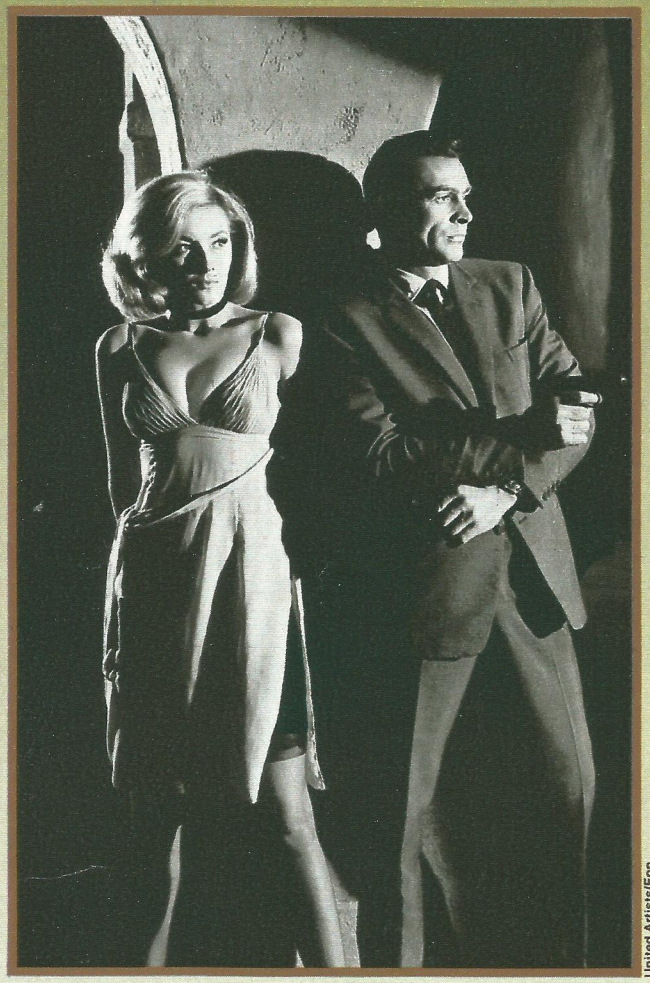
Nem mesmo o mestre Alfred Hitchcock escapou de utilizar a Guerra Fria como cenário para suas magias a 24 quadros por segundo. Em 1966, após ter rodado 49 filmes, o velho Hitch dirigiu *Cortina Rasgada*, em que Paul Newman posa de cientista traidor para romper a Cortina de Ferro e obter informações científicas importantes para o Ocidente, com a ajuda de sua noiva e secretária Julie Andrews. Três anos depois, o mestre do suspense voltaria ao tema, fazendo sua obra mais marcadamente política: *Topázio*. Baseado num romance de Leon Uric, o filme narra o desmascaramento de um agente de espionagem no círculo do General De Gaulle, no contexto da crise dos mísseis envolvendo Cuba, EUA e URSS, em 1962. Mas a intenção política rebaixou a qualidade estética e o resultado não foi dos melhores, como o próprio mestre reconheceu em entrevista a François Truffaut.

Outro gênio a apontar suas lentes para a Guerra Fria foi John Huston. Em *Carta ao Kremlin* (1970), seu 29.º longa-metragem, ele acompanha as aventuras de um espião norte-americano (Patrick O'Neal) que tem a missão de recuperar uma carta enviada por engano pela CIA ao governo soviético propondo um pacto Washington-Moscou contra os chineses. Apoiado num elenco de primeira (Orson Welles e Max von Sydow, entre outros), o filme mostra com detalhes os bastidores da espionagem. Três anos depois Huston traria emoções semelhantes em *O Emissário de Mackintosh*, em que Paul Newman é um espião empenhado em desmascarar um agente inimigo (James Mason) infiltrado no Parlamento britânico.

DO 007 À GLASNOST — E quem fala em espião britânico não pode esquecer o mais famoso de todos eles — James Bond, o agente 007 com licença para matar. A trajetória de Bond, aliás, acompanha a própria marcha das relações Leste-Oeste: no segundo filme da série, *007 Contra Moscou* (1963), típico da Guerra Fria, quem iria imaginar que Bond lutaria ao lado de agentes e soldados soviéticos? Pois é, isto aconteceu em *007 Marcado para a Morte* (1987), que trouxe também a estréia de Timothy Dalton como Bond. *Glasnost oblige...*

A *glasnost* também favoreceu o escritor inglês John Le Carré. Ele mesmo um ex-agente do Serviço de Inteligência inglês, Carré está a caminho de virar um best-seller na União Soviética com a revogação da censura a seus livros. Com um pouco de sorte, os soviéticos conhecerão também a versão que Martin Ritt fez em 1965 do mais famoso livro de Carré, *O Espião que Veio do Frio*. Terão mais sorte ainda se conseguirem ver *Testa-de-Ferro por Acaso* (1976), em que Ritt dirige o talento cômico de Woody Allen na história de um desajustado que assina roteiros televisivos escritos por autores banidos pelo macartismo. Uma sátira amarga do anti-comunismo radical dos anos 50.

Um mergulho ainda mais fundo e sombrio na alma (ou lama?) americana dos anos 50 é *Daniel* (1983), filme de Sidney Lumet baseado em livro de E.L. Doctorow. Lumet relata a vida dos filhos de Julius e Ethel Rosenberg, eletrocutados em 1953 sob a acusação de terem fornecido segredos nucleares



United Artists/Eon

Columbia

United Artists

United Artists

***Ligações perigosas: Sean Connery e Daniela Bianchi em* 007 Contra Moscou *(mais à esquerda); Mikhail Baryshnikov e Helen Mirren em* O Sol da Meia-Noite *(acima); Frank Sinatra e Nancy Gates em* Meu Ofício É Matar *(ao lado); abaixo, Stallone canta vitória em* Rocky IV**

americanos à União Soviética. Sem concessões sentimentais, é um filme áspero e duro como os anos de que trata.

A anos-luz de distância da sensibilidade de um Kubrick ou um Lumet, e totalmente alheio à evolução política internacional, surgiu nos anos 80 um anacrônico e truculento cinema de Guerra Fria, simbolizado no patriotismo musculoso e burro de *Rambo* e seus congêneres.

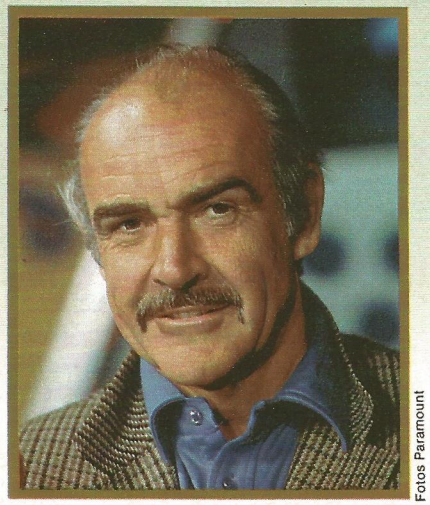
O medo de uma invasão comunista, deliciosamente velado na *science-fiction* dos anos 50, se tornou explícito e grosseiro em filmes como *Amanhecer Violento* (1984), de John Millius, e na telessérie *Amerika*. No primeiro, os jovens de uma cidadezinha enfrentam soviéticos e cubanos que invadiram os EUA. Na telessérie, o país já está dominado pela URSS e transformado num Estado totalitário.

Com maior competência, mas simplismo semelhante, *Rocky IV* (1985) e *O Sol da Meia-Noite* (1985) atestam que ainda tem gente que considera os russos comedores de criancinhas. Dirigido e estrelado por Sylvester Stallone, *Rocky IV* mostra um confronto pugilístico-ideológico entre o bom Ocidente (o heróico e sentimental Rocky Balboa) e o império do Mal (o frio e cruel brutamontes soviético interpretado por Dolph Lundgren). Em *O Sol da Meia-Noite*, de Taylor Hackford, um célebre bailarino russo radicado nos EUA (Mikhail Baryshnikov, não por acaso um célebre bailarino russo radicado nos EUA) passa os maiores apuros com a diabólica KGB quando o avião em que viaja é obrigado a pousar em sua terra natal, onde ele é *persona non grata*.

Da mesma maneira que a dança de Baryshnikov salva *O Sol da Meia-Noite* da nulidade, o talento de Robin Williams torna agradável a comédia *Moscou em Nova York* (1984), outra história centrada num artista dissidente russo para mostrar as vantagens do mundo capitalista sobre o socialista. No filme, dirigido por Paul Mazursky, Williams é um músico russo que durante uma turnê nos EUA resolve ficar por lá e experimentar as delícias da sociedade de consumo. Depois de enfrentar a barra dos bairros pobres de Nova York e sentir sua convicção dissidente se abalar, ele acaba concluindo que, apesar da miséria de alguns e da violência geral, a vida na América é melhor, porque nela existe liberdade. Pelo menos quando não é temporada de caça às bruxas.

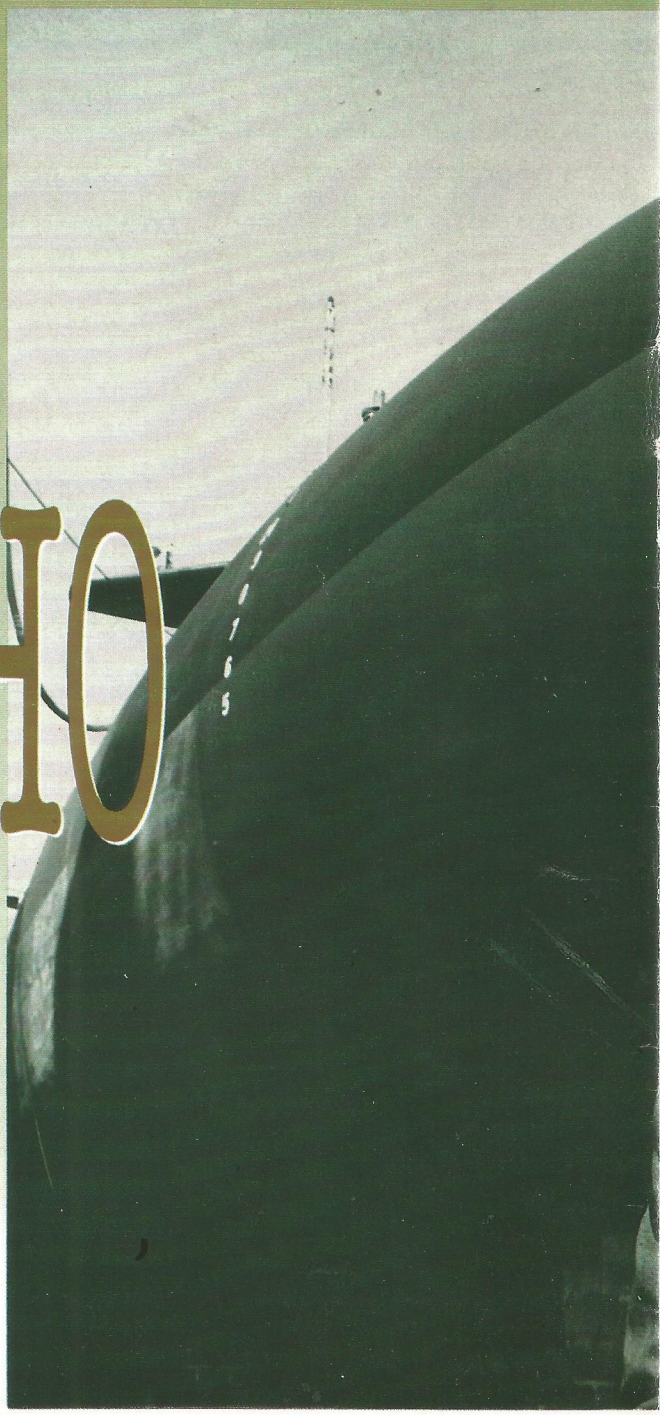
João Batista Magalhães

OUTUBRO VERMELHO



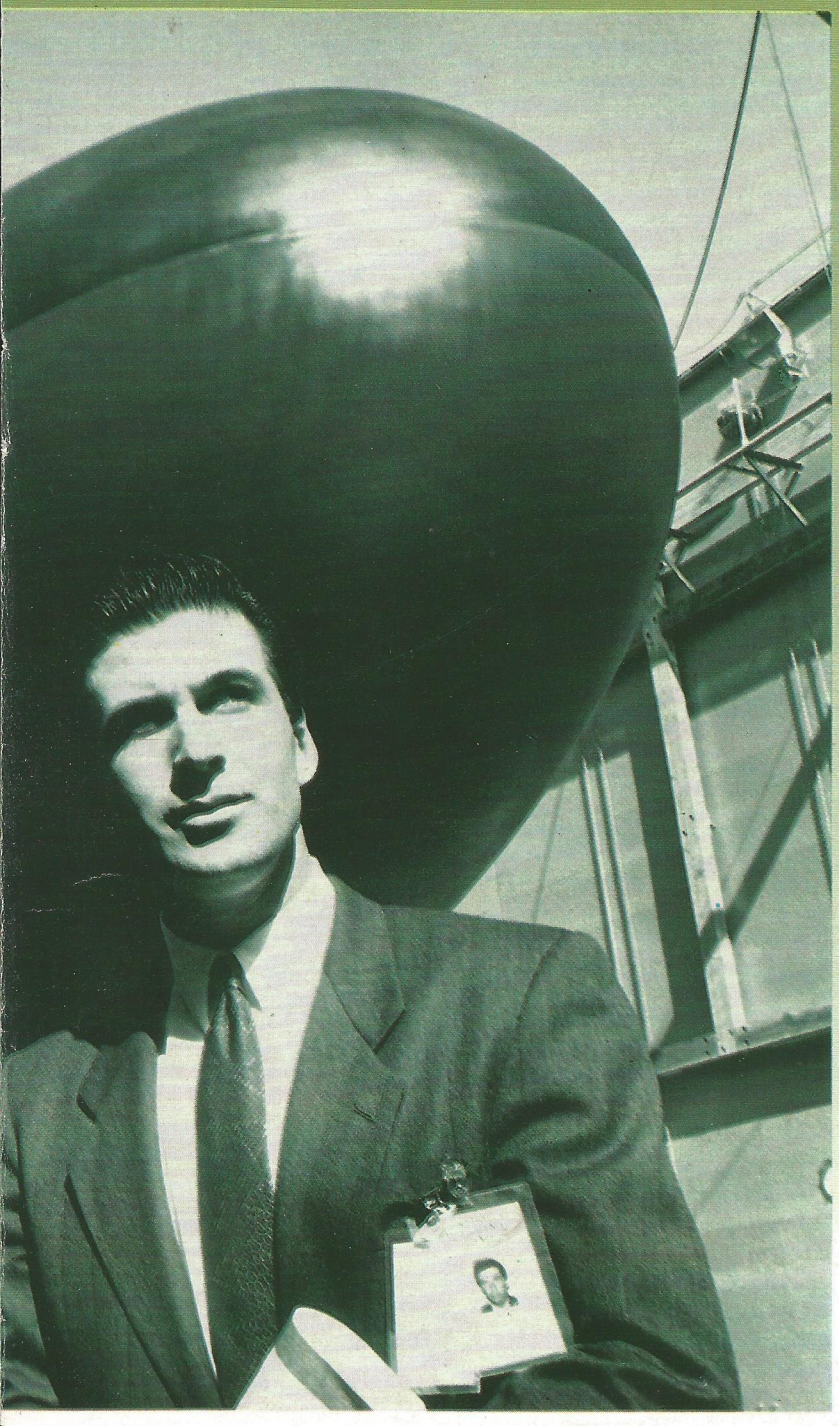
Fotos Paramount

À esquerda, Sean Connery, o capitão soviético Marko Ramius; à direita, diante do submarino do estúdio, Alec Baldwin, o dr. Jack Ryan



Um submarino soviético ameaça a paz mundial em *The Hunt for Red October*, aventura estrelada por Sean Connery e Alec Baldwin. Ana Maria Bahiana conta em primeira mão o que viu no set de filmagem

Há um monstrengo, um alienígena, uma engenhoca fantástica instalada no centro do gigantesco galpão que abriga o maior *sound stage* dos estúdios Paramount. Descrevê-lo em si já é difícil, e o visitante imagina o que deve ter sido construi-lo — ou usá-lo. Sua base é um sistema hidráulico de suportes e alavancas não muito diferente do usado em oficinas mecânicas para suspender carros — só que, este aqui, é muito, muito maior. Sobre sua plataforma, assenta-se uma criatura híbrida, dividida no meio por uma tela de projeção. De um lado está um nariz de avião, reproduzido no mais ínfimo detalhe de pintura, acabamento etc. Do outro lado da tela aboleta-se uma construção em forma de ovo, cortada ao meio para revelar — também nos menores



detalhes — uma cabina de pilotagem e um solitário assento de passageiro. Uma pequena multidão silenciosa trafega febrilmente em torno desta maquinaria, puxando cabos e fios, consultando planilhas; murmurando instruções. Faz frio dentro do galpão, mas os azafamados idólatras da engenhoca não parecem perceber — estão, quase todos, suando em bicas e com cara de quem não faz outra coisa há muito, muito tempo.

Subitamente, luzes furtivas dançam pela tela: do lado sul do monstrengo, um gigantesco projetor de cinema está jogando na tela imagens de uma aterrissagem em porta-aviões, enquanto, em outro ponto do estúdio, roda, silenciosa, um câmera de vídeo, capturando toda a cena — nariz de avião, imagens de aterrissagem. Do lado norte do bicho, duas figuras sobem cuidadosamente a seus assentos na estrutura oval: uma descobre-se em breve, é um piloto naval de verdade, recrutado para, só hoje, pilotar esta engenhoca absurda; a outra, enfatiotada numa farda de oficial de marinha e toda embrulhada por uma salva-vidas (de verdade), é o ator Alec Baldwin, o bonitão de olhos azuis que arrebatou corações em *Beetlejuice — Os Fantasmas se Divertem*, *De Caso com a Máfia* e *Uma Secretária de Futuro*.

Durante cerca de uma hora, pouca coisa muda em torno do monstrengo. De um lado, a câmera de vídeo testa ângulos e graus de iluminação mais eficientes para fazer o nariz do avião aterrissar sobre a belonave imaginária. Do outro, Baldwin e o piloto ensaiam o diálogo — Baldwin apenas geme, abana a cabeça e responde por monossílabos, enquanto o piloto descreve todas as suas piores aterrissagens, turbulências e desventuras aéreas em geral, concluindo triunfalmente: "Senhor, aperte bem o cinto porque acho que este avião vai pousar igual merda caindo de um alce alto"

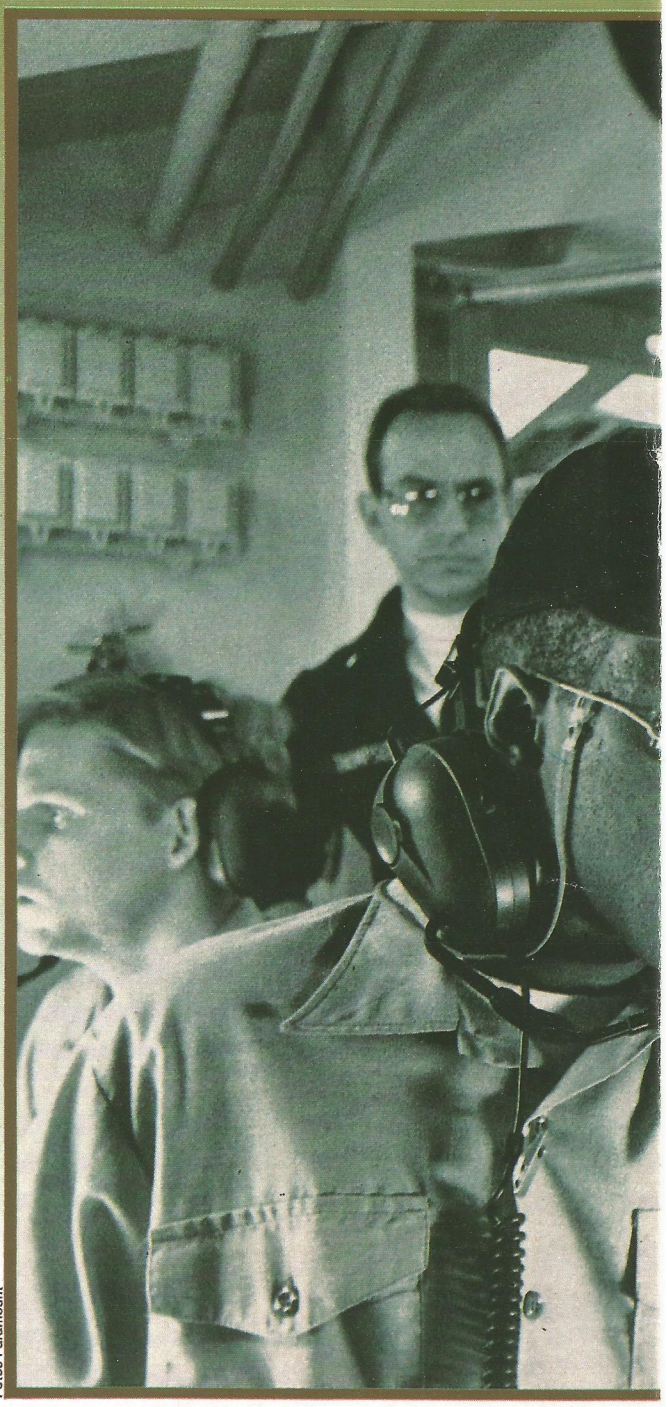
BATEDEIRA VELOZ — Quando, no meio da multidão azafamada, o diretor John McTiernan *(O Predator, Duro de Matar)* emerge com cara de quem está satisfeito, as coisas mudam. Do lado sul, o diretor-assistente dá ordem para substituir a câmera de vídeo por uma Panavision com filme. Do lado norte, além de luzes cuidadosamente ajustadas e outra Panavision instalada no alto de uma grua, algo extraordinário acontece assim que McTiernan grita "Ação": a engenhoca começa a se mover. Eu disse mover? Bobagem: a engenhoca começa a pular, a tremer, a se sacudir para cima, para baixo, para os lados, exatamente como... um avião tentando aterrissar num porta-aviões, no meio de uma tempestade. O piloto, que sabia de tudo — na verdade, foi dele a coreografia dos movimentos do avião — matraqueia suas falas com a naturalidade de quem já pousou muitos caças sobre muitos porta-aviões. Alec Baldwin, que sabia que a plataforma ia se mexer, mas não o quanto, leva um susto genuíno, empalidece instantaneamente, sua frio, agarra sua maleta com a veracidade de quem acha mesmo que vai despencar no meio do oceano e mal consegue articular suas poucas linhas. Quando McTiernan grita "Corta", mal segurando o riso — e felicíssimo com o resultado realista do take — Baldwin despeja uma torrente de xingamentos do alto do monstrengo, ainda atado por seu cinto de segurança e agarrando firmemente a pasta com os dedos.

Bem-vindo às filmagens de *The Hunt for Red October*, um filme de ação *high tech* com o qual a Paramount espera fazer pela marinha e pelos submarinos nucleares aquilo que já fez, em *Top Gun-Ases Indomáveis*, pela aeronáutica e os aviões a jato — torná-los irresistivelmente populares. Baseado num best-seller de Tom Clancy — um fissurado por armas e equipamentos bélicos que, em 1984, resolveu

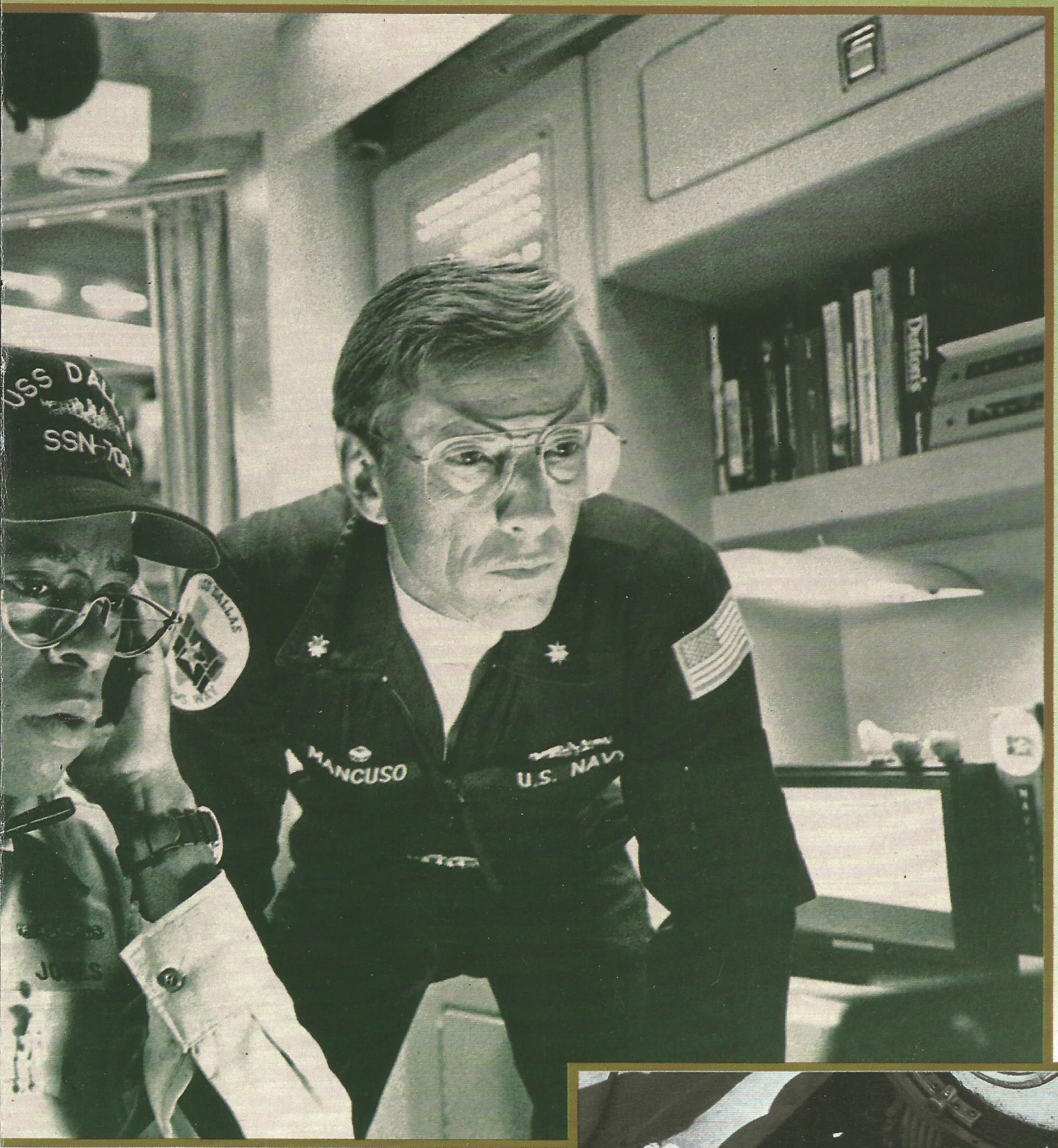
realizar suas fantasias e escreveu esta novela como pretexto para despejar seus conhecimentos — *The Hunt for Red October* conta uma história que não tem muito cabimento na era da Perestroika: a saga do capitão Marko Ramius, da marinha soviética (Sean Connery, no filme), que decide — por razões que só ficam claras no meio da história — levar seu submarino nuclear, o Red October, para águas americanas. A dupla caçada ao outubro vermelho, por parte dos russos e dos americanos (liderados pelo dr. Jack Ryan/Alec Baldwin, no filme um especialista da marinha recrutado pela CIA para a missão), faz a trama do livro, e embora seus princípios político-filosóficos sejam, no mínimo, antiquados (os russos são mostrados como mentes simples e perversas; os americanos, como brilhantes e complexos indivíduos), seu suspense é, de fato, contínuo. Não espanta que *The Hunt for Red October* tenha se tornado o livro favorito de Ronald Reagan e de toda a marinha americana, lançando definitivamente a carreira de Tom Clancy como escritor de thrillers político-militares. E não espanta que, ao ler o livro há quatro anos, o produtor Mace Neufeld (*Sem Saída, A Profecia*), tenha imediatamente — nas suas palavras — comprado os direitos para o cinema.

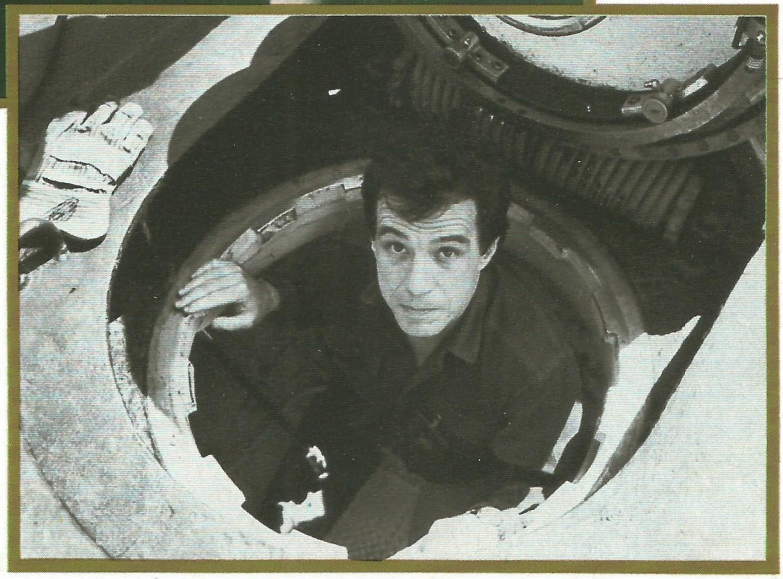
5555, MELROSE — O que Neufeld não podia prever era o quão complicados seriam os percalços para transpor para a tela a saga naval de Clancy. Um submarino nuclear soviético, evidentemente, ninguém em Hollywood jamais viu, por dentro ou por fora — aliás, nem a CIA sabe como são os interiores dos submarinos russos. "Tivemos que esgotar todas as pesquisas possíveis", Neufeld conta. "E, depois, usar a imaginação. Um submarino nuclear americano, do porte necessário para o realismo da narrativa, também estava fora de questão." Neufeld e McTiernan contam que tiveram todo o apoio da marinha americana (o que também não causa espécie) e, após visitarem várias belonaves — inclusive viajando cinco dias numa delas, para pegar o chamado "espírito da coisa" — chegaram à conclusão de que os problemas técnicos de uma filmagem num ambiente restrito, como um submarino, inviabilizavam totalmente a opção realista.

Este raciocínio levou *The Hunt for Red October* para dentro dos estúdios da Paramount e para a construção não de um, mas de dois monstrengos como o que sacudiu impiedosamente Alec Baldwin. Tomadas de exteriores de submarinos nucleares das classes Typhoon, Dallas e Los Angeles foram feitas em maio, nas docas da marinha em San Diego e, com a consultoria (e, às vezes, a presença diante das câmeras) de oficiais especializados, a produção construiu duas plataformas móveis no *sound stage* da Paramount. No menor deles — o que sacudiu Baldwin durante sua aterrissagem — foram construídos os cenários superdetalhados de um avião e um pequeno submarino de resgate (essencial numa das cenas cruciais do filme); no outro, em dimensões reais, alternaram-se os interiores do submarino americano, que dá caça ao Red October, e do próprio submarino soviético. Os dois submarinos são cenários absolutamente realistas, e um visitante leigo em assuntos navais consegue, passando por sua ponte de comando e suas cabinas, ter a impressão, quase, de que está mesmo debaixo d'água. O fato de que as paredes estão cobertas de plástico aluminizado, a rede de trilhos suspensa acima do falso teto do submarino — para conduzir luzes e câmeras computadorizadas — e a mudez dos gigantescos painéis de controle (que serão ativados graças a 125 tapes com imagens de animação geradas por computador) são os indicadores de que, afinal, este Red October não vai muito mais fundo que o número 5555 da aveni-



Fotos Paramount





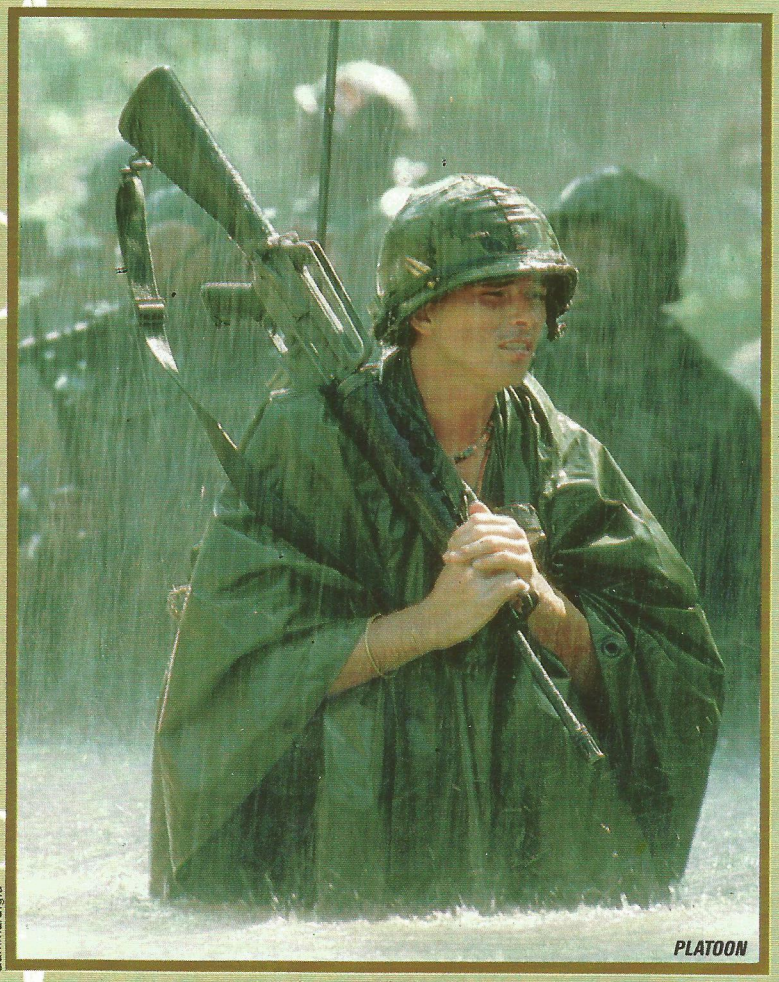
Na foto maior, o operador de sonar Jonesey (Courtney Vance) e o capitão do submarino americano USS Dallas, Bart Mancuso (Scott Glenn); abaixo, o diretor John McTiernan sai pela escotilha de um submarino verdadeiro

da Melrose (onde fica a Paramount). Se a visitante tivesse coragem, contudo, Neufeld poria em ação a maior graçinha deste submarino de terra firme: os movimentos realistas de sua plataforma hidráulica, capaz de inclinar a belonave em qualquer direção até 45 graus, perpendicular ao solo, imitando todos os movimentos de um submarino de verdade. Pensando nas reações de Alec Baldwin e no almoço recém-degustado, a visitante, covardemente, dispensa tamanhas turbulências.

The Hunt for Red October tem estréia prevista, aqui nos Estados Unidos, durante a temporada de festas de fim de ano.

Ana Maria Bahiana,
de Los Angeles SET

COTAÇÃO
★ REGULAR
★ ★ BOM
★ ★ ★ ÓTIMO


PLATOON

Gamma/Sigla

100 VÍDEOS EXPLOSIVOS

A videografia de guerra, raquítica até recentemente, nos últimos meses cresceu muito em número, qualidade e variedade. Confira aqui os melhores títulos

APOCALÍPTICOS

ARDIL 22 ★★
(Catch 22, EUA, 1970)
Direção: Mike Nichols. Com Alan Arkin, Martin Balsam, Anthony Perkins, Jon Voight, Orson Welles. CIC.
Sátira absurda e amarga sobre um grupo de bombardeiros americanos em ação na Europa, durante a Segunda Guerra. Arkin é o aviador desesperado para ser considerado louco e escapar de novas missões de combate. Mas prevalece o sadismo do comandante (Balsam), que, aliado ao inescrupuloso Voight, pretende terminar a guerra com um bom lucro no bolso — nem que seja vendendo a seda dos pára-quedas de seus subordinados. A loucura da guerra é apresentada por Nichols como um jogo diabólico e vertiginoso do qual ninguém escapa.

CRUZ DE FERRO ★★
(Cross of Iron, Inglaterra/Alemanha, 1977)
Direção: Sam Peckinpah. Com James Coburn, Maximilian Schell, James Mason. VTI.
A Segunda Guerra vista pelo mestre da violência Peckinpah é um inferno sem saídas. Seus protagonistas são soldados nazistas sujos e decadentes, e o palco é a terrível frente russa. Não há heroísmo ou sentimentos nobres entre eles, só o desejo selvagem de sobreviver e, se possível, vencer. Não faltam cenas brutais, com o estilo inconfundível do diretor: câmera lenta, closes da carne dilacerada, sangue em jorros... Valha-nos Deus.

O EXTERMINADOR DO FUTURO ★★
(The Terminator, EUA, 1984)
Direção: James Cameron. Com Arnold Schwarzenegger, Linda Hamilton, Michael Biehn. Globo Vídeo.
Em 2029 os cyborgs estão prestes a acabar com a humanidade num mundo reduzido a escombros por naves espaciais e sofisticados tanques de guerra. Quando os computadores detectam, entre os homens sobreviventes, um herói que pode barrar o extermínio da espécie, um cyborg reforçado (Schwarzenegger) é enviado ao passado para estraçalhar o ventre de sua mãe (Linda Hamilton), evitando seu nascimento. Mas o herói humano (Biehn) também viaja no tempo e enfrenta-se com o cyborg em 1984. Um filme inventivo e eletrizante, apesar da infantilidade abusiva de certas passagens.

O FRANCO ATIRADOR ★★
(The Deer Hunter, EUA, 1978)
Direção: Michael Cimino. Com Robert De Niro, John Savage, Christopher Walken, Meryl Streep. VTI.
Três jovens amigos são arrancados de sua cidadezinha do centro-oeste americano e

APOCALYPSE NOW ★★★
(EUA, 1979)
Direção: Francis Ford Coppola. Com Martin Sheen, Marlon Brando, Robert Duvall, Dennis Hopper. CIC.
Um dos filmes mais espetaculares de todos os tempos. Livremente inspirado no romance *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, mas transpondo a ação da África do final do século passado para o Vietnã de 1969, Coppola conta uma história simples: o capitão Willard (Sheen) tem a missão de encontrar o coronel Kurtz (Brando), um oficial brilhante que aparentemente perdeu o juízo e se refugiou nas selvas do Camboja, onde comanda um exército fanático de nativos e desertores. Mas em sua longa jornada para dentro da selva, tendo como acompanhantes um punhado de garotos ensandecidos, Willard mergulha não apenas no horror da guerra mas também nas trevas da alma humana. Uma "ópera-filme" delirante, com imagens belas, brutais e, sobretudo, inesquecíveis.

CIC

lançados nos pântanos vietnamitas. Nas mãos do inimigo, nenhum escapa ileso. Todos ficam marcados pelos ferimentos e pelas neuroses. O clima tenso e opressivo do filme torna-se quase insuportável nas sessões de roleta russa em que se viciou um dos três recrutas (Walken, que ganhou o Oscar de coadjuvante). Atordoante.

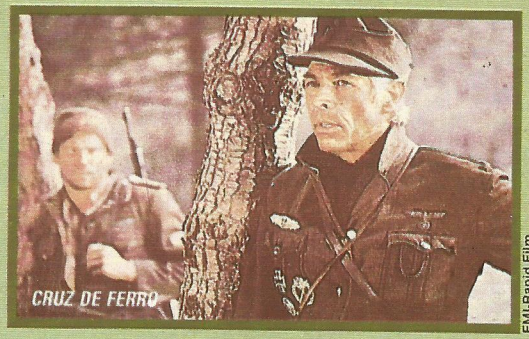
INFERNO NO PACÍFICO ★★★
(Hell in the Pacific, EUA, 1968)
Direção: John Boorman. Com Toshiro Mifune, Lee Marvin. Polevídeo.
Numa ilha do Pacífico, durante a Segunda Guerra, vão parar dois soldados, um americano (Marvin) e um japonês (Mifune). Despojados de suas armas e patentes, desgarrados de seus exércitos, os dois passam a digladiar-se como selvagens, usando como armas os próprios atributos da natureza hostil — a água, o fogo, as pedras e as árvores. Uma parábola com tom amargo e desfecho pessimista, pontuada com lances de humor impagáveis e valorizada por atuações inesquecíveis de Marvin e Mifune.

MAD MAX 2 ★★
(Austrália, 1981)
Direção: George Miller. Com Mel Gibson, Bruce Spence, Vernon Wells. Warner.
O pesadelo futurista apenas esboçado em *Mad Max 1* é exposto aqui em toda a sua crueldade e violência. O colapso atômico transformou o mundo num deserto dominado por gangues violentas, em permanente e sangrenta luta por combustível e munição. Max (Gibson) é o herói sem esperanças que vai ajudar famílias numa refinaria de petróleo sitiada por motoqueiros sádicos e depravados. O visual punk-apocalíptico do filme tornou-o um *cult* dos jovens de todo o mundo.

NAGASAKI 1945 — DEIXEM VIVER AS CRIANÇAS ★★
(Kono Koo Nokoshite, Japão)
Direção: Keisuke Kinoshita. Com Kato Tsuyoshi, Toake Yukiyo, Otake Shinobu. Video Room.
Reconstituição cuidadosa e impressionante dos terríveis efeitos da bomba de Nagasaki sobre a população da cidade. Baseado nas memórias de um sobrevivente, o filme acompanha mais de perto o drama de sua família — as mortes, a fome, as seqüelas causadas pela radiatividade. Apesar da inspiração cristã (os principais personagens são católicos e a fita começa e termina com discursos do Papa), o sentimento que fica é de que o mundo que fez "aquilo" não tem mais remédio. Uma paulada.

VÁ E VEJA ★★★
(URSS, 1984)
Direção: Elem Klimov. Com Alexey Kravchenko, Olga Mirónova, Lubomiras Lautsiávichus. Globo Vídeo.
Todo mundo sabe que, à exceção dos judeus e dos japoneses de Hiroxima e Nagasaki, quem mais sofreu com a Segunda Guerra foram os russos. O que este filme mostra, com uma crueza quase insuportável, é essa tragédia vista pelos olhos estupefatos de um adolescente. O drama desse garoto envelhecido precocemente depois de ficar surdo, perder os pais e ver a cara da morte nos pântanos de seu país é o drama de um mundo agonizante. Um réquiem para a espécie humana, filmado com extrema criatividade, especialmente no uso do som (a cena em que o protagonista fica surdo é perfeita) e na projeção "em marcha a ré" de imagens documentais, como bombardeios, paradas militares e comícios nazistas. Vá e veja.

Sipa-Press



EMI-Rapid Film

CÔMICOS

Warner

BOM DIA, VIETNÃ! ★★
(Good Morning, Vietnam, EUA, 1987)
Direção: Barry Levinson. Com Robin Williams, Forest Whitaker, Tung Thanh Tran, Bruno Kirby. Abril Vídeo.
Uma das melhores comédias de guerra desde *M.A.S.H.* (1970), de Robert Altman. Baseada em fatos reais, a história se passa em 1965, em pleno conflito entre os EUA e o Vietnã do Norte. Adrian Cronauer (Williams), um disc-jóquei das Forças Armadas americanas, chega em Saigon para assumir o principal programa matutino local, até então uma arrastada parada musical cujos maiores sucessos são Mantovani, Percy Faith e Bing Crosby, intercalados por notícias frias que ignoram a crescente escalada da guerra. Cronauer revoluciona a programação, introduzindo lamentos roucos de James Brown e Martha Reeves; entre uma canção e outra, dispara sua metralhadora verbal de trocadilhos sobre política, sexo e o regulamento das Forças Armadas. O roteiro explora ao máximo o humor insano e torrencial de Williams, que faz da fita um veículo para o seu *one-man show*.

A GENERAL ★★★
(The General, EUA, 1926)
Direção: Buster Keaton e Clyde Bruckman. Com Buster Keaton, Marion Mack. Century.
Este clássico absoluto da comédia muda é ambientado no sul dos Estados Unidos durante a Guerra de Secessão. O sulista Johnny Gray (o genial Buster Keaton) quer lutar contra o norte, mas é recusado por causa de sua profissão (engenheiro de locomotivas). Porém, quando os inimigos seqüestram suas duas amadas — Anabelle (Marion Mack) e a locomotiva General —, ele parte para a guerra com outra locomotiva. O resultado é uma deliciosa sucessão de gags violentas, imprevisíveis e espetaculares, em que Keaton exibe seu refinado humor visual e seu incrível preparo físico.

JOGOS DE GUERRA
MGM/UA

METIDO EM ENCRENCAS ★★
(Biloxi Blues, EUA, 1987)
Direção: Mike Nichols. Com Matthew Broderick, Christopher Walken, Corey Parker, Penelope Ann Miller. CIC.
Baseado em roteiro autobiográfico do dramaturgo Neil Simon, este filme nostálgico e divertido narra as desventuras e trapalhadas de um grupo de recrutas na base de treinamento de Biloxi, Mississipi, durante a Segunda Guerra. Submetidos ao sargento durão Toomey (Walken), cada um desenvolve seu sistema de defesa: um só pensa em sexo, outro refugia-se nos livros, outro só arruma briga. Entre eles move-se o espirituoso Eugene Morris Gerome (Broderick), alter ego de Simon. Um filme simpático.

O INCRÍVEL EXÉRCITO BRANCALEONE
Hipervideo

O INCRÍVEL EXÉRCITO BRANCALEONE ★★★
(L'Armata Brancaleone, Itália, 1965)
Direção: Mario Monicelli. Com Vittorio Gassman, Catherine Spaak, Gian Maria Volonté. Hipervídeo.
Na Itália do século 11, o cavaleiro Brancaleone (Gassman, numa interpretação inesquecível), uma espécie de Dom Quixote maltrapilho, forma um exército com quatro mortos de fome e parte em direção a um feudo a que julga ter direito. No caminho, que ele faz no lombo do pangaré Aquilante, defronta-se com a peste negra, bruxas e bárbaros de toda espécie, numa sátira demolidora dos valores cristãos e dos conceitos de honra e coragem. Um clássico absoluto da comédia.

O PALHAÇO DO BATALHÃO ★
(At War with the Army, EUA, 1950)
Direção: Hal Walker. Com Jerry Lewis, Dean Martin, Polly Bergen. VTI.
Dean Martin é um sargento namorador e Jerry Lewis é o recruta mais incapaz do seu batalhão, num quartel americano na época da Segunda Guerra. O que salva o recruta de ir para o *front* ou para a cadeia é a amizade com o sargento. Nesta primeira comédia protagonizada pela dupla há muita confusão, al-

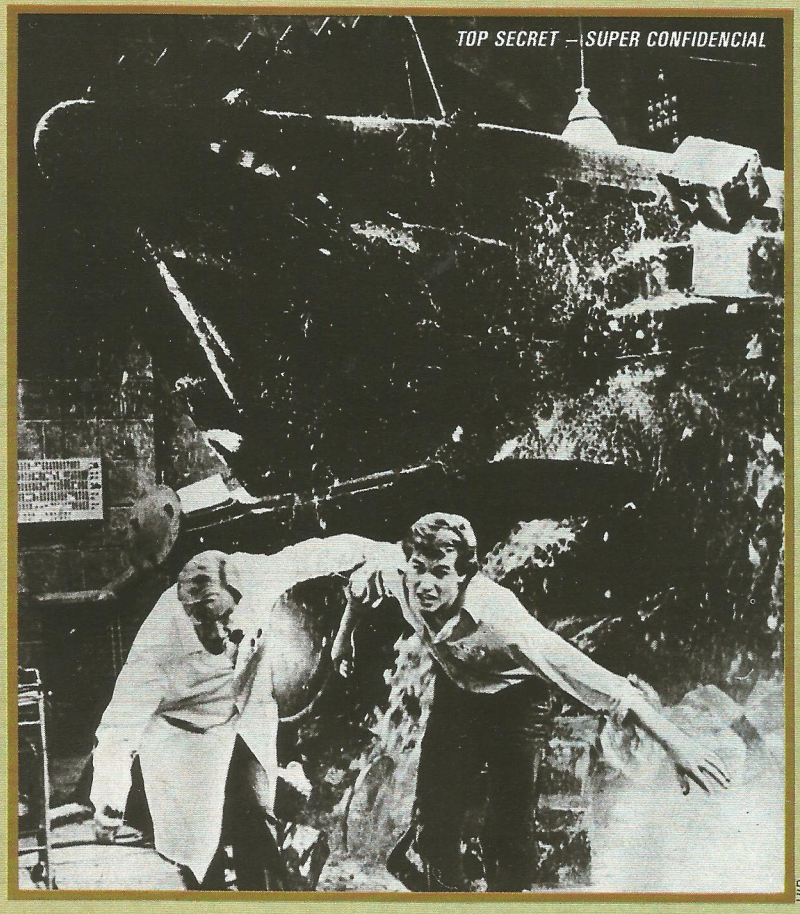
JOGOS DE GUERRA ★★
(WarGames, EUA, 1983)
Direção: John Badham. Com Matthew Broderick, Ally Sheedy, Dabney Coleman, John Wood. Warner.
Este filme simpático junta com sucesso duas idéias: o medo de um conflito nuclear total e o acesso, via informática, aos segredos de defesa do Estado. Ao brincar com seu micro, o geninho Broderick acaba, sem querer, entrando em contato com o computador central do sistema de defesa americano e acionando-o para um ataque nuclear à URSS. A partir daí, cria-se uma confusão planetária que só o garoto, sua namorada (Dabney Coleman) e um velho cientista (Wood) podem debelar, evitando a destruição da Terra.

guns números musicais e poucos momentos realmente engraçados. Vale mais pela curiosidade.

OS RUSSOS ESTÃO CHEGANDO ★★
(The Russians Are Coming, The Russians Are Coming, EUA, 1966)
Direção: Norman Jewison. Com Carl Reiner, Eva Marie Saint, Alan Arkin. Warner.
Em tempos de guerra fria, nada como uma comédia para (des)congelar os ânimos. Um submarino soviético encalha nas proximidades de uma cidadezinha da costa norte-americana. O que os russos querem é um barco para que possam rebocá-lo. Tudo o que conseguem é armar a maior confusão, pois logo estarão sendo tratados pelos moradores como invasores. O filme brinca com a paranóia anticomunista dos norte-americanos e ostenta uma mensagem nitidamente pacifista.

TOP SECRET — SUPER CONFIDENCIAL ★★
(Top Secret, EUA, 1984)
Direção: Jim Abrahams, David Zucker e Jerry Zucker. Com Val Kilmer, Lucy Gutteridge, Omar Sharif. CIC.
O cantor Nick Rivers (Kilmer) é convidado a fazer um show de rock na Alemanha nazista, mas acaba se envolvendo com a filha de um cientista prisioneiro. Num clima de absoluto nonsense, esta sátira dos filmes de guerra e espionagem parodia cenas célebres e brinca o tempo todo com a linguagem do cinema.

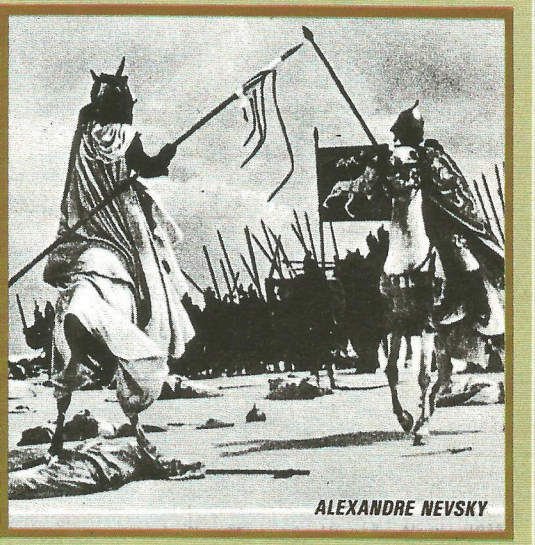
PIRATAS
Gamma/Sigla


TOP SECRET — SUPER CONFIDENCIAL
UIP

PIRATAS ★★
(Pirates, França/Tunísia, 1986)
Direção: Roman Polanski. Com Walter Matthau, Cris Campion, Charlotte Lewis. VTI.
Deliciosa homenagem-paródia aos velhos filmes de piratas, com todos os ingredientes do gênero: tesouros escondidos, romances cálidos e tiros de canhão. Matthau está perfeito como o velho capitão de barbas ruivas e perna-de-pau, assessorado pelo aprendiz de pirata (Campion) que se apaixona pela nobre espanhola (Charlotte). Motins, batalhas navais e muito humor garantem o interesse desta superprodução, que chegou ao requinte de reconstituir minuciosamente, ao custo de oito milhões de dólares, um galeão espanhol do século 17.

ÉPICOS

ÁLAMO — 13 DIAS PARA A GLÓRIA ★
(The Alamo — Thirteen Days of Glory, EUA, 1987)
Direção: Burt Kennedy. Com James Arness, Brian Keith, Alec Baldwin, Raul Julia. VIC.
Remake do filme de estréia de John Wayne na direção, este é tão patriótico e preconceituoso como o original, ao mostrar o combate entre os "heróicos" texanos do coronel Travis (Baldwin) e os "cruéis" mexicanos chefiados pelo general Santa Anna (Raul Julia), no Forte Alamo, em 1836. Entre mortos e feridos, salvam-se os combates movimentados e a cuidadosa reconstituição de época.


ALEXANDRE NEVSKY

ALEXANDRE NEVSKY ★★★
(Aleksandr NevsKii, URSS, 1938)
Direção: Sergei Eisenstein. Com Nikolai Cherkassov, Nikolai Okhlopkov, Alexander Abrikossov. Globo Vídeo.
Um dos grandes épicos da história do cinema, narrando as batalhas do príncipe russo Nevsky contra os invasores germânicos no século 13. A escolha do tema era uma referência direta à ameaça nazista, que acabou brecada temporariamente pelo acordo entre Stálin e Hitler. As intenções nacionalistas não comprometem, entretanto, a grandeza do todo. A beleza das imagens em preto-e-branco, a montagem ágil e inteligente, a música empolgante — tudo contribui para causar um impacto inesquecível. A famosa batalha sobre um lago gelado é o ponto alto do filme e um dos grandes momentos do cinema.

ÁTILA ★
(Átila, Itália/França, 1953)
Direção: Pietro Francisci. Com Anthony Quinn, Sophia Loren, Henry Vidal. Mega.
Em meados do século 5, o Império Romano, já convertido ao Cristianismo, atravessa sua crise final, sob o comando vacilante do imperador Valentiniano. Aproveitando-se da situação, os hunos, liderados pelo sanguinário Átila (Quinn), invadem o império, saqueando cidades e campos, e chegam às portas de Roma. Típica produção histórica italiana da dupla Carlo Ponti-Dino De Laurentiis, grandiloqüente e brega. O interesse maior fica por conta do elenco, em que a jovem Sophia Loren aparece como Honoria, irmã de Valentiniano.

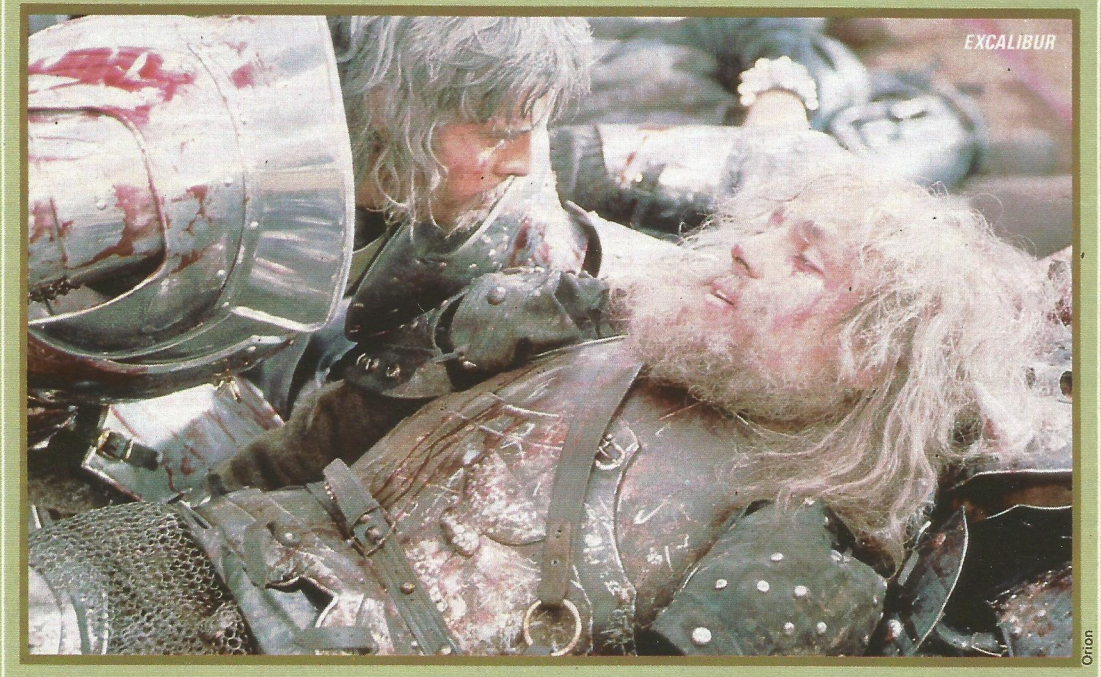
ATTACK FORCE Z ★
(Austrália, 1981)
Direção: Tim Burstall. Com John Phillip Law, Mel Gibson, Sam Neill. Look.
A Força Z é um grupo de elite atuando sob comando aliado na região do Pacífico Sul ocupada pelos japoneses na Segunda Guerra. Sua missão, desta vez, é encontrar e resgatar com vida um ministro desertor japonês cujo avião caiu numa ilha chinesa dominada pelos nipônicos. Eles se aliam aos membros da resistência local e enfrentam a desigualdade numérica e de armas com muita coragem e competência. As cenas de ação são eficientes, mas o enredo se perde um pouco no romance entre um combatente, o holandês Jan Veicht (Law), e uma nativa.

OS BOINAS VERDES ★
(The Green Berets, EUA, 1968)
Direção: John Wayne e Ray Kellogg. Com John Wayne, David Janssen. Warner.
Um dos primeiros filmes a abordar a guerra do Vietnã, é também declaradamente favorável à intervenção militar norte-americana naquele país. O eterno cowboy John Wayne vestiu farda, trocou os colts por mortíferas metralhadoras e, em vez de índios, passou a combater comunistas comedores de criancinhas. As seqüências de batalha, sempre eficientes, atestam que, como diretor, Wayne deve muito a seu mestre, John Ford. A cena final, de uma primorosa pieguice, merece figurar em qualquer manual da TFP.

O ESCARLATE E O NEGRO ★★
(The Scarlet and the Black, EUA, 1983)
Direção: Jerry London. Com Gregory Peck, Christopher Plummer, John Gielgud. Videocast.
Assim como *Massacre em Roma* (ver Políticos), este filme feito para a TV fala das relações entre a Igreja Católica e os nazistas durante a ocupação de Roma pelos alemães. Aqui o tom é heróico e otimista: o monsenhor irlandês Hugh O'Flaherty (Peck), homem de confiança do Papa (Gielgud), provoca a ira do chefe da SS em Roma, coronel Kappler (Plummer), ao ajudar membros da Resistência. A superficialidade do filme — que mascara o papel ambíguo do Vaticano diante do nazismo — não tira suas qualidades de *thriller* eficaz e empolgante.

Mega

HANOI HILTON ★
(The Hanoi Hilton, EUA, 1987)
Direção: Lionel Chetwynd. Com Michael Moriarty, Jeffrey Jones, Paul LeMat. América.
"Hanoi Hilton" é o nome que os soldados americanos jocosamente davam à prisão Hoa Lo, em Hanoi, durante a guerra do Vietnã. Este filme acompanha o drama e o heroísmo de um grupo de soldados capturados pelos vietcongues e trancafiados



Orion

Warner

EXCALIBUR ★★★
(Inglaterra, 1981)
Direção: John Boorman. Com Nicol Williamson, Nigel Terry, Helen Mirren, Nicholas Clay, Cherie Lunghi. Warner.
A saga do rei Arthur e seus cavaleiros da Távola Redonda é a elaboração mítica do processo de unificação e formação do reino inglês, e foi compilada a partir da tradição oral no século 15 por Sir Thomas Mallory. Foi a partir dessa compilação que Boorman recriou o universo maravilhoso da lenda, centrando o filme na figura do mago Merlin (Williamson). É o mago que torna possível o nascimento de Arthur (Terry) e o orienta para ser o rei justo e pacificador em tempos selvagens. O ápice da trajetória do rei é a busca do Santo Graal — ciclo filmado dezenas de vezes, incluindo o escracho do Monty Python (*O Cálice Sagrado*, 1975) e a última aventura de Indiana Jones (*A Última Cruzada*, 1989). A versão de Boorman é uma das mais espetaculares e poéticas.

lá. Drama bem cuidado, mas prejudicado pela indisfarçável intenção patriótica de homenagear os combatentes que sofreram o diabo do lado de lá do front vietnamita.

HENRIQUE V ★★★
(Henry V, Inglaterra, 1945)
Direção: Laurence Olivier. Com Laurence Olivier, Robert Newton, Leslie Banks, Leo Glenn. F.J.Lucas.
Encomendado pelo governo britânico para ser uma celebração do espírito heróico dos ingleses (estava-se em plena Segunda Guerra), este clássico shakespeareano acabou se tornando, nas mãos do gênio Olivier, um monumento ao próprio cinema e ao seu casamento com o teatro. O filme começa reconstituindo o que seria uma apresentação da peça na própria época de Shakespeare, mas, aos poucos, busca autonomia e ganha os grandes espaços abertos para narrar a heróica vitória britânica sobre os franceses de Carlos VI na batalha de Agincourt (1415). Maravilhosamente dirigido e representado, o filme transmite como poucos o sentimento de bravura capaz de mover batalhões e fazer o pequeno vencer o grande (os franceses estavam em esmagadora superioridade numérica). O desempenho de Olivier como o altivo Henrique V é um dos prodígios do cinema.

HENRIQUE V

A IRA DE AQUILES ★
(L'Ira de Achile, Itália, 1962)
Direção: Marino Girolami. Com Gordon Mitchell, Jacques Berger, Gloria Milland, Roberto Risso. Globo Vídeo.
Delicioso exemplo de épico italiano "classe Z", com pedras de isopor e brutamontes de sainha no papel de heróis da mitologia. Desta vez o tema é a guerra entre gregos e troianos, mais particularmente entre Aquiles e Heitor. O enredo é mais ou menos fiel à lenda: durante o cerco de Tróia, Aquiles se desentende com o chefe grego Agamenon por causa de uma mulher e se embriaga. Seu amigo Pátroclo vai à guerra em seu lugar e é morto por Heitor. Aquiles, furioso, vai à forra.

O JAPÃO E A SEGUNDA GUERRA ★★
(The Japanese Empire, Japão, 1983)
Direção: Toshio Masuda. Com Tetsuro Tamba, Tomokazu Miura. Video Room Service.
O envolvimento japonês na Segunda Guerra, desde a adesão ao eixo nazi-fascista até a rendição humilhante em 1945. Interessante oportunidade para observar do ponto de vista nipônico episódios como o ataque aéreo a Pearl Harbor, a batalha de Midway, a invasão de Saipan pelos americanos e os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki. O forte do filme está na reconstituição factual e nas imagens documentais. O ponto fraco é o convencionalismo e a pieguice no acompanhamento do drama individual de alguns soldados e civis envolvidos no conflito.

MIDWAY ★★
(EUA, 1976)
Direção: Jack Smight. Com Charlton Heston, Henry Fonda, Robert Mitchum, Glenn Ford, Hal Holbrook, Toshiro Mifune, James Coburn. CIC.
A batalha de Midway, em 1942, foi um momento decisivo da Segunda Guerra, marcando a vitória dos norte-americanos sobre o poderio naval japonês. A minuciosa reconstituição dos combates aéreos e navais — com inclusão de cenas documentais — e o elenco estelar são os grandes trunfos do filme. O único problema é o excesso de personagens secundários, que chega a embaralhar a trama em alguns momentos. No mais, é cinemão no melhor estilo americano.

MIDWAY
Universal

MOTIM ★★
(Mutiny, EUA, 1952)
Direção: Edward Dmytryk. Com Mark Stevens, Angela Lansbury, Gene Evans. Mega.
Em 1812, os EUA estão em guerra com a Grã-Bretanha e a costa leste norte-americana está bloqueada pela frota da rainha. Um jovem capitão é convocado para furar o bloqueio. Sua missão era atravessar o Atlântico num navio sem escolta e ir buscar o ouro que o governo francês oferecia para financiar uma nova frota americana. No caminho, tem de tudo: rebelião a bordo, amor, ambição e aventura, num pique de tirar o fôlego.

NAPOLEÃO ★
(Napoleon, França, 1955)
Direção: Sacha Guitry. Com Daniel Gelin, Raymond Pellegrin, Yves Montand, Orson Welles, Erich von Stronheim. Videocast.
Esta é, infelizmente, uma das poucas fitas disponíveis em vídeo que trata das guerras napoleônicas. Arrastada, acadêmica e teatral, narra em duas longas horas a trajetória de Bonaparte desde a escola militar até a morte no exílio. Seu maior interesse, se não o único, é o elenco, incrivelmente mal aproveitado: Stronhein como Beethoven, Welles como governador da ilha de Santa Helena, Montand como secretário do herói. Fora isso, há algumas batalhas bem filmadas e muita confusão.

A NOITE DE SÃO LOURENÇO ★★
(La Notte di San Lorenzo, Itália, 1981)
Direção: Paolo e Vittorio Taviani. Com Omero Antonutti, Margarita Lozano, Cláudio Bigagli. F.J. Lucas.
Quando a cidadezinha de San Miniato, na Toscana, é ocupada pelos nazistas, sua população se divide. Metade fica na cidade e, orientada pelos alemães, abriga-se na igreja, que em seguida é bombardeada impiedosamente. Morre quase todo mundo. A outra metade foge para o campo e tenta se juntar aos *partigiani* para combater os fascistas. Os horrores da guerra são um pouco adocicados pela ótica cristã-populista dos *fratelli* Taviani, mas ainda assim o impacto do filme é inesquecível.

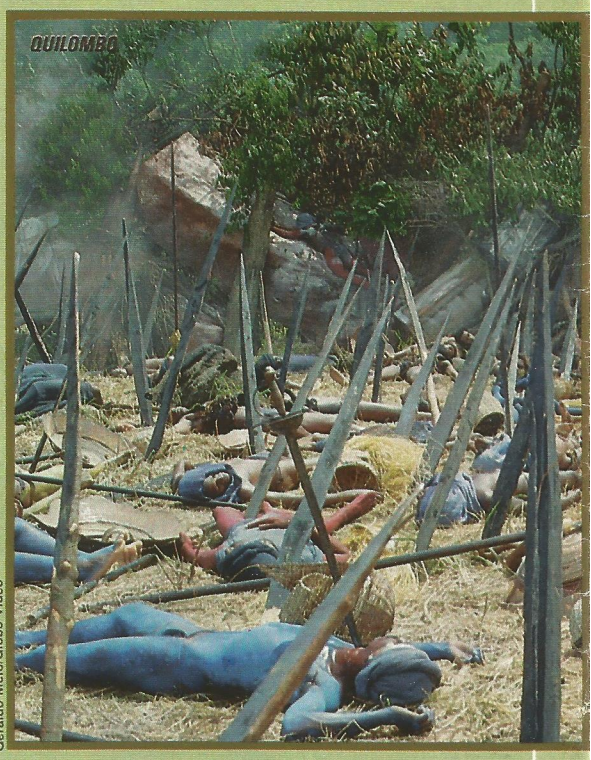
AS PONTES DE TOKO-RI
CIC

PARALELO 49
F.J. Lucas

PARALELO 49 ★★★
(49th Parallel, Inglaterra, 1941)
Direção: Michael Powell. Com Laurence Olivier, Leslie Howard, Eric Portman, Raymond Massey. F.J. Lucas.
Realizado por um dos maiores cineastas britânicos, este clássico narra a desastrada tentativa de invasão do Canadá por um punhado de soldados alemães cujo submarino afundou perto da baía do Hudson. Ao acompanhar as peripécias do bando nazista em solo canadense, o filme transita entre vários gêneros. De guerra, propriamente, são apenas as primeiras seqüências, especialmente o espetacular bombardeio do submarino. Depois disso, o tom muda para o documentário (mostrando diversas comunidades do Canadá) e o suspense (conseguirão os vilões alcançar o solo dos EUA, país até então neutro na guerra?). Apesar de feito no calor da hora, *Paralelo 49* é um prodígio de equilíbrio e sensibilidade, com um elenco de primeiríssima linha.

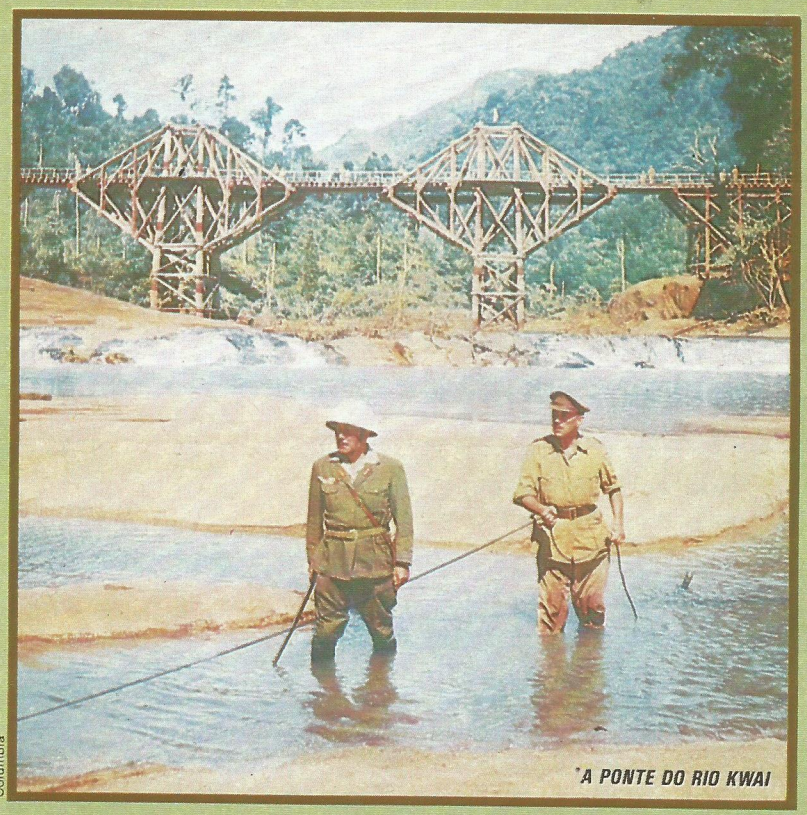
OPERAÇÃO LEOPARDO ★★
(La Legion Saute sur Kolwezi, França, 1980)
Direção: Raoul Coutard. Com Giuliano Gemma, Bruno Cremer, Jacques Perrin. VMW.
Em Kolwezi, no Zaire, onde se encontra uma rica mina de cobre, europeus são perseguidos e fuzilados por grupos revolucionários. Um oficial italiano da Legião Estrangeira (Gemma) cumpre a determinação de libertar quantos reféns europeus conseguir. A trama é ágil e, entre as boas cenas, há a espetacular descida dos pára-quedistas da legião sobre a zona dominada pelos rebeldes.

PELOTÃO DE GUERRA ★
(P.O.W. The Escape, EUA, 1986)
Direção: Gideon Amir. Com David Carradine, Charles R. Floyd, Steve James. América.
Com o slogan "Todo mundo volta para casa", o coronel Jim Cooper (Carradine) arrisca a pele resgatando prisioneiros americanos além das linhas vietcongues. É uma espécie de Rambo que compensa a falta de músculos com a perícia nas artes marciais (afinal, ele era o Kung Fu da TV). Com todos os clichês imagináveis e uma produção relativamente bem cuidada, este é um exemplo típico dos filmes bélicos simplistas e revanchistas que a Cannon produziu nos últimos anos. Quem viu um viu todos.


QUILOMBO
Geraldo Melo/Globo Vídeo

AS PONTES DE TOKO-RI ★★
(The Bridges at Toko-Ri, EUA, 1954)
Direção: Mark Robson. Com William Holden, Grace Kelly, Mickey Rooney, Fredric March. CIC.
Holden é um ás pouco convicto da aviação, um capitão guindado da reserva para uma missão temerária na guerra da Coréia: bombardear as pontes de Toko-Ri, em uma profunda e estreita garganta coberta pelo fogo da artilharia inimiga. Conseguirá? Em casa, espera-o a esposa, Grace Kelly, junto com duas filhas. Ótimas seqüências aéreas numa fita basicamente antibelicista.

A PONTE DO RIO KWAI ★★★
(The Bridge on the River Kwai, Inglaterra, 1957)
Direção: David Lean. Com William Holden, Alec Guinness, Jack Hawkins. RCA/Columbia.
Esta história da construção de uma ponte sobre um rio de Burma durante a Segunda Guerra merece figurar entre os maiores épicos dirigidos pelo britânico David Lean, ao lado de *Lawrence da Arábia*. Um oficial inglês (Guinness), aprisionado pelos japoneses, está determinado a demonstrar a superioridade da engenharia britânica construindo uma ponte magnífica para seus inimigos. Mas a mesma ponte acaba se revelando um obstáculo que precisa ser destruído por um fugitivo do mesmo campo (Holden), numa missão vital para os aliados. Permeando as cenas de ação, um permanente e eletrizante confronto psicológico e cultural.


Columbia
A PONTE DO RIO KWAI

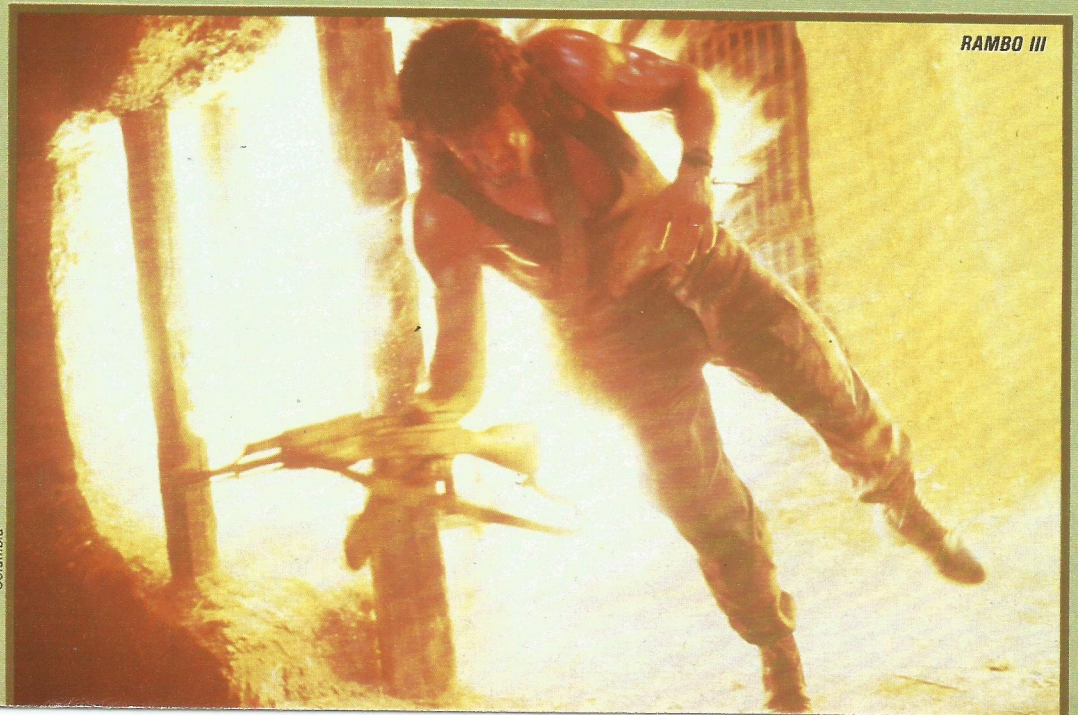
PORT ARTHUR ★★
(Japão, 1980)
Direção: Toshio Masuda. Com Tatsuya Nakadai, Tetsuro Tamba, Toshiro Mifune. DIF.
A guerra russo-nipônica de 1905 narrada do ponto de vista dos japoneses, que, embora inferiorizados numérica e materialmente, conseguiram derrotar o império russo e sair da condição de nação de segundo plano no cenário mundial. Para essa vitória foi decisiva a conquista de Port Arthur, ponto estratégico para o ataque à frota naval do czar. Com excelentes cenas de batalha e um elenco soberbo, o filme só peca pela sua duração (três horas) e pelo excesso de minúcias, que chega a dificultar o acompanhamento da ação.

QUILOMBO ★
(Brasil, 1984)
Direção: Cacá Diegues. Com Antonio Pompeo, Zezé Motta, Toni Tornado, Vera Fischer. Globo Vídeo.
A saga do Quilombo dos Palmares no século 17, mostrando especialmente as divergências entre os líderes Ganga Zumba (Toni Tornado) e Zumbi (Pompeo) quanto à estratégia de luta contra os senhores de escravos. Ganga Zumba tendia à negociação visando a paz, Zumbi queria lutar até a morte. O enredo daria um excelente épico se a encenação não fosse tão festiva (todo dia é carnaval em Palmares) e os diálogos tão ingênuos. Para piorar, os atores dizem suas falas como se estivessem num palco de teatro estudantil. Ainda assim, há imagens belíssimas e boas cenas de batalha.

RAMBO II — A MISSÃO ★
(Rambo — First Blood Part II)
Direção: George Pan Cosmatos. Com Sylvester Stallone, Richard Crenna, Charles Napier. Transvídeo.
Libertado da prisão, John Rambo (Stallone) volta ao Vietnã dez anos depois do fim da guerra para resgatar soldados americanos prisioneiros dos vietcongues. Enfrenta sozinho o exército inimigo... e ganha! Truculento e politicamente primário, este filme ajudou a solidificar o mito Rambo e serviu de paradigma a todo um filão de fitas ufanistas e revanchistas sobre o *affair* Vietnã. Aqui, tirando os exageros risíveis, pelo menos a ação é bem conduzida e o ritmo é envolvente.

RAMBO III ★
(EUA, 1988)
Direção: Peter MacDonald. Com Sylvester Stallone, Richard Crenna, Marc de Jonge. Transvídeo.
Praticamente uma reedição de *Rambo II*, com a ação transposta do Vietnã para o Afeganistão, onde Rambo vai buscar seu amigo, o coronel Trautman (Crenna), preso pelos comunistas maus numa fortaleza impenetrável. Impenetrável para todo mundo, menos para Rambo. Enfrentando tanques e helicópteros, ele vence mais uma vez, com a ajuda de efeitos especiais de 60 milhões de dólares. Desde a época da Guerra Fria não se via soviéticos tão malvados. O anacronismo da série *Rambo* chega aqui às raias da caricatura, e é até possível ver o filme como uma comédia.

SANGUE SOBRE O SOL ★★
(Blood on the Sun, EUA, 1945)
Direção: Frank Lloyd. Com James Cagney, Sylvia Sidney. Hollywood Classics.
Às vésperas da entrada do Japão na Segunda Guerra, um jornalista americano (Cagney), residente naquele país, descobre os funestos planos de ataque nipônico aos EUA. Os líderes militares japoneses tentam silenciá-lo, mas ele enfrenta a todos heroicamente, em defesa da democracia americana. Melodrama de baixo orçamento, muita ação, e trama pouco plausível, valorizado pela energia e pelo carisma do grande James Cagney.


Columbia
RAMBO III

EXISTENCIAIS

O ATAQUE

Cannon

67 DIAS ★
(67 Days, Iugoslávia, 1979)
Direção: Zica Mitrovic. Com Boris Buzancic, Boza Frajt, Neda Arneric. Mac Vídeo.
Durante a ocupação nazista da Iugoslávia, os guerrilheiros da Resistência, liderados pelo comunista Tito, têm que enfrentar ao mesmo tempo os alemães e o exército monarquista iugoslavo, fiel ao rei Pedro, exilado na Inglaterra. Apesar do tom cívico-patriótico e sentimentalóide, o filme tem o mérito de mostrar um lado pouco conhecido da Segunda Guerra.

O ÚLTIMO COMBATE ★★
(Murphy's War, Inglaterra, 1971)
Direção: Peter Yates. Com Peter O'Toole, Sian Philips, Philippe Noiret. VTI.
Na Segunda Guerra, o único sobrevivente de um verdadeiro massacre naval parte para o combate pessoal contra o submarino alemão que torpedeou seu barco, um navio mercante inglês, na costa da Venezuela. Lá ele encontra abrigo em uma comunidade protestante, a amizade de um piloto francês (Noiret) e o apoio para seu projeto de vingança. Aventura eficiente do diretor britânico Yates (de *Bullit* e *Sob Suspeita*).

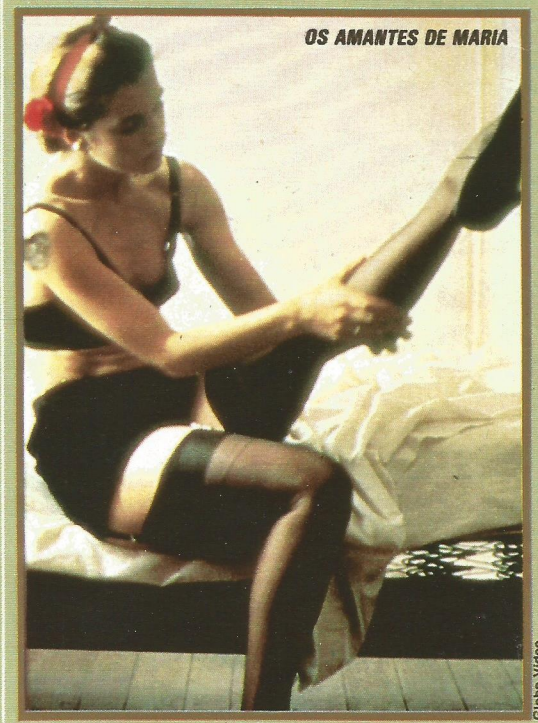
OS ÚLTIMOS DIAS DE HITLER ★★
(Osvobosaniev Posledni Sturm, URSS, 1975)
Direção: Yuri Ozerov. Com Fritz Ditz, Ivo Garrani, Stanislav Jaskiewicz. DIV.
Reconstituição minuciosa, em tom documental, dos últimos dias do III Reich, em abril e maio de 1945, com o exército russo conquistando palmo a palmo a cidade de Berlim. Algumas cenas são impressionantes: a inundação do metrô, a tomada do Reichstag, a travessia do rio Spree... Curiosamente, as cenas em que atores interpretam Hitler, Goebbels e Eva Braun foram filmadas em preto-e-branco, para dar um ar "verídico". No final, um letreiro lembra que a URSS foi o país que perdeu mais gente (vinte milhões) na luta contra o nazismo.

O ÚLTIMO COMBATE

VTI

OS AMANTES DE MARIA ★★
(Maria's Lovers, EUA, 1984)
Direção: Andrei Konchalovski. Com Nastassja Kinski, John Savage, Keith Carradine. Globo Vídeo.
Depois de passar o diabo num campo de prisioneiros japonês na Segunda Guerra, o soldado americano Ivan Bibic (Savage) volta para os braços de sua namorada Maria (Nastassja). Só que os traumas que sofreu impedem-no de amar plenamente a garota, mesmo depois do casamento. O filme todo é marcado pelo impacto das cenas iniciais: trechos de um documentário realizado por John Huston com os perturbados ex-prisioneiros de guerra americanos. Barra pesada.

ASES DO ESPAÇO ★★
(Aces High, Inglaterra, 1976)
Direção: Jack Gold. Com Malcolm McDowell, Christopher Plummer, Simon Ward. VTI.
Remake do clássico antibélico *Journey's End*, de James Whale. Acompanha a histó-


OS AMANTES DE MARIA

Globo Vídeo

do dos oficiais alemães, tocar em ocasiões especiais — como a execução de um grupo de judeus ou a chegada de algum chefe importante. Enquanto isso, salvam a própria pele do forno na espera da vitória dos aliados. Mas o preço que pagam é sua integridade moral e psicológica. O roteiro é de Arthur Miller, baseado nos diários da cantora judia Fannya Fenelon, que no filme é a esplêndida Vanessa Redgrave.

AMARGA SINFONIA DE AUSCHWITZ ★★
(Playing for Time, Inglaterra, 1980).
Direção: Daniel Mann. Com Vanessa Redgrave, Jane Alexander, Maud Adams. DIF.
Num campo de concentração nazista, um punhado de prisioneiras forma uma orquestra para, sob o comando de Gresham (McDowell), um piloto da Primeira Guerra que é visto como herói mas morre de medo de voar e tem tendência para o alcoolismo. O bom roteiro — baseado em peça teatral de R.C. Sherriff —, o elenco de primeira linha e as acrobacias aéreas garantem o interesse da fita.

O ATAQUE ★★
(The Assault, Holanda, 1986)
Direção: Fons Rademakers. Com Derek de Lint, Mark Van Uchelen, Monique Van de Ven. América.
Em 1945, um garoto de 12 anos (Uchelen) vê a família sendo massacrada e sua casa queimada. Tudo isso porque um colaboracionista é morto por militantes da Resistência antinazista e o cadáver é colocado em frente à sua casa. O garoto é poupado, mas ao longo de sua vida a memória da tragédia o atormenta, levando-o a reconstituir minuciosamente toda a história do período. Oscar de melhor filme estrangeiro de 1986.

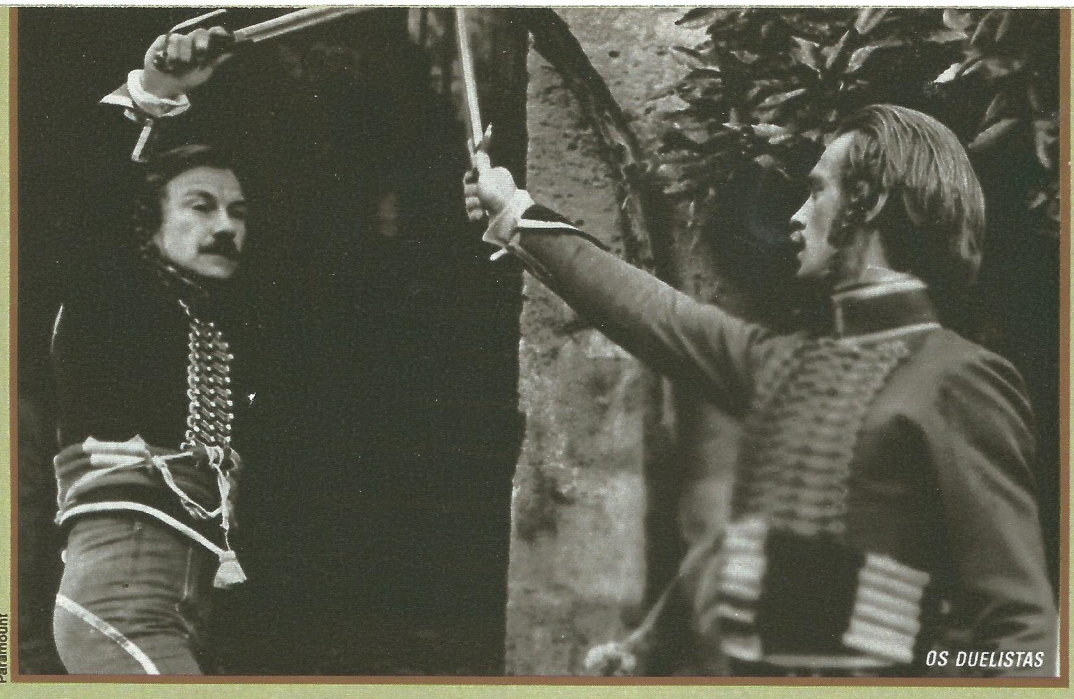
BALADA DO SOLDADO ★★
(Ballada O Soldatye, URSS 1959)
Direção: Griori Tchokhrai. Com Wladmir Ivashov, Zhanna Prokkorenko. Globo Vídeo.
A história do jovem soldado soviético Alesha Skvortsov, que treme ao ver o primeiro tanque nazista. Sua intenção de passar alguns dias em casa, com sua mãe, é constantemente frustrada por reviravoltas inesperadas, entre elas a descoberta do primeiro amor. Lirismo e pacifismo equilibrados numa produção vencedora do Prêmio Especial do Júri de Cannes.

A BATALHA DE EL ALAMEIN ★
(The Battle of El Alamein, Itália/França, 1968)
Direção: Calvin Jackson Padget (Giorgio Ferroni). Com Michael Rennie, Robert Hossein, Ettore Manni. DIV.
A batalha de El Alamein, em outubro/novembro de 1942, foi um momento decisivo do confronto entre a divisão blindada do marechal alemão Rommel (Hossein) e as forças anglo-americanas do General Montgomery (Rennie). O objetivo principal era o controle do Canal de Suez. Esta fita de produção modesta e pouca criatividade dirige o seu foco para o drama dos soldados italianos, que têm que enfrentar os aliados e são oprimidos pelos nazistas.

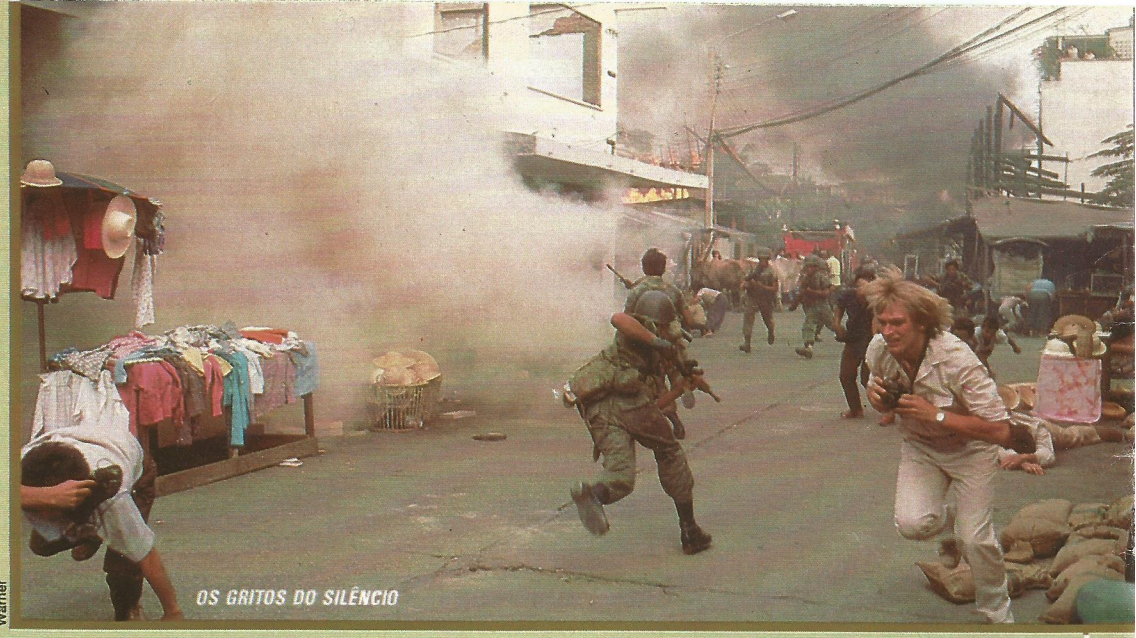
BIRDY — ASAS DA LIBERDADE ★★
(Birdy, EUA, 1984)
Direção: Alan Parker. Com Matthew Modine, Nicolas Cage, John Harkins. RCA/Columbia.
O atlético Al (Cage) e o tímido Birdy (Modine) são amigos inseparáveis que vivem num subúrbio de Filadélfia. Ao contrário do namorador Al, Birdy gosta de passarinhos, e sonha voar como eles. A guera do Vietnã leva os dois para o *front*, e ambos voltam destroçados: Al no corpo, Birdy na alma. Apesar da estrutura um tanto esquemática, o impacto do filme é inegável, graças ao excelente desempenho dos protagonistas e à câmera "alada" do cineasta, que imita o vôo dos pássaros.

O CASAMENTO DE MARIA BRAUN ★★★
(Die Ehe der Maria Braun, Alemanha, 1978)
Direção: Rainer Werner Fassbinder. Com Hanna Schygulla, Klaus Lowitsch, Ivan Desny. Polevídeo.
Dois dias depois de casar-se com Maria (Hanna Schygulla), Hermann (Lowitsch) parte para a guerra. Na sua ausência, a esposa solitária envolve-se com um americano. Hermann é dado como morto, mas acaba voltando e encontrando a mulher com o amante. O triângulo tem um desfecho trágico, Hermann vai para a cadeia e Maria torna-se executiva de uma indústria, juntando dinheiro para quando o marido ficar livre. Com sua acidez habitual, Fassbinder expõe a deterioração moral e existencial dos alemães que sobreviveram à guerra e ao nazismo.

OS DUELISTAS ★★★
(The Duellists, Inglaterra, 1977)
Direção: Ridley Scott. Com Keith Carradine, Harvey Keitel, Albert Finney. CIC.
Em meio às campanhas napoleônicas que varreram a Europa no início do século 19, uma guerra — mais íntima, mas não menos duradoura — se desenvolve: é a luta de honra entre dois soldados franceses (Keitel e Carradine), renovada periodicamente em duelos sem vencedor. Intrigante parábola sobre o espírito bélico entranhado no homem, este é um dos melhores trabalhos de Scott *(Alien, Blade Runner)*, dirigido com precisão em locações esplêndidas.


Paramount
OS DUELISTAS

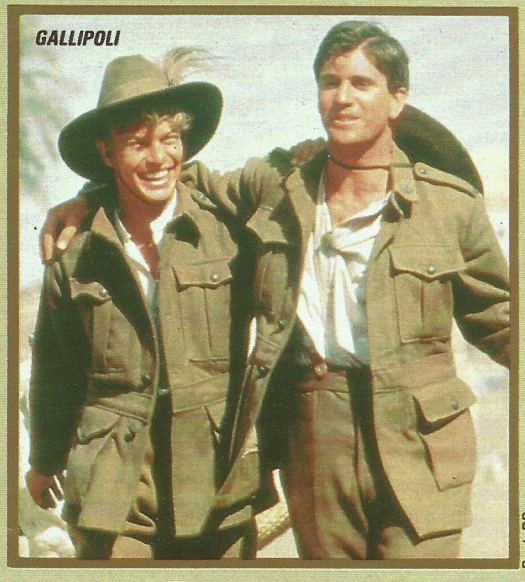
BIRDY — ASAS DA LIBERDADE
Columbia



Warner

O EXÉRCITO INÚTIL ★★
(Streamers, EUA, 1983)
Direção: Robert Altman. Com Matthew Modine, Michael Wright, Mitchel Lichtenstein, David Alan Grier, Guy Boyd, George Dzundza. VTI.
Num dormitório militar, quatro recrutas e dois veteranos aguardam a hora de embarcar para o Vietnã. A discussão da guerra e de sua falta de sentido desenvolve-se numa atmosfera densa e carregada, sem que a câmera saia do alojamento nem por um minuto. O desempenho do elenco é tão bom que todos foram premiados no Festival de Veneza de 1983.

O FIO DA NAVALHA ★★
(The Razor's Edge, EUA, 1984)
Direção: John Byrum. Com Bill Murray, Theresa Russell, Catherine Hicks. RCA/Columbia.
Ao voltar, traumatizado, de sua experiência como enfermeiro na Primeira Guerra, o jovem americano Larry Darrel (Murray) resolve jogar para o alto posição, riqueza e namorada, e inicia uma peregrinação espiritual que o levará à Europa e à Índia. Em sua trajetória, drama, guerra, romance e aventura se misturam em doses equilibradas, numa boa adaptação do romance homônimo de Somerset Maugham (existe outra, ainda melhor, de 1946, mas não em vídeo).



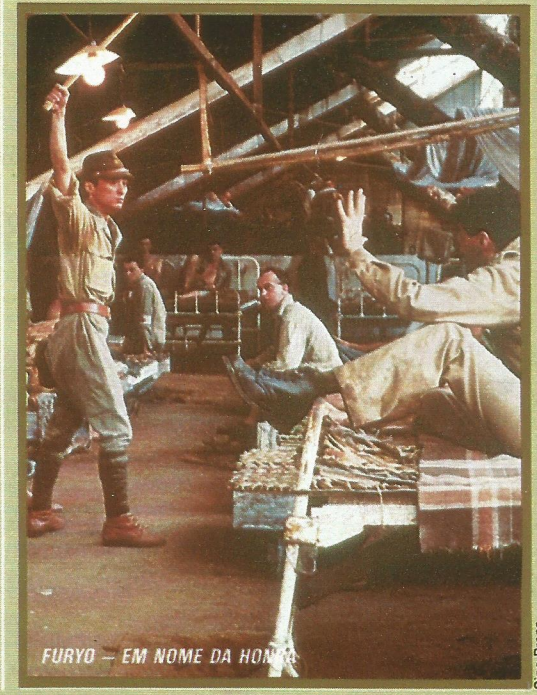
Prod. DB

GALLIPOLI ★★★
(Austrália, 1981)
Direção: Peter Weir. Com Mel Gibson, Mark Lee, Robert Grubb. CIC.
Em sua estréia da direção, o australiano Weir *(A Testemunha)* conta a história de dois jovens amigos (Gibson — autor também do roteiro — e Lee) que se alistam no exército da Austrália para lutar contra os turcos, aliados dos alemães na Primeira Guerra. Acompanhando a aventura dos dois desde os tempos em que disputavam corridas na Austrália até serem lançados no absurdo campo de batalha de Gallipoli, o filme traz cenas de intenso impacto psicológico, dirigidas com excepcional sensibilidade por Weir. O final é um dos mais dramáticos e eletrizantes de todos os tempos.

OS GRITOS DO SILÊNCIO ★★
(The Killing Fields, Inglaterra 1984)
Direção: Roland Joffe. Com Sam Waterston, Haing S. Ngor. VTI.
Camboja, 1975. Os guerrilheiros do Khmer Vermelho estão prestes a tomar de assalto a capital Phnom Penh. O jornalista ameriano Sydney Shanberg (Waterston) tenta fugir e levar consigo seu amigo cambojano Dith Pran (Ngor). Consegue escapar, mas o amigo fica, e sofre o diabo nos campos de concentração criados pela nova ditadura. Ao mostrar os tormentos de Pran e a consciência pesada de seu amigo americano, o filme alterna momentos de grande impacto com escorregadelas melodramáticas, como no final, tão piegas que quase compromete o conjunto.

FURYO — EM NOME DA HONRA ★★★
(Merry Christmas, Mr. Lawrence, Inglaterra/Japão, 1983)
Direção: Nagisa Oshima. Com David Bowie, Ryuichi Sakamoto, Tom Conti, Takeshi. Globo Vídeo.
O choque cultural entre Oriente Ocidente, no privilegiado cenário de um campo de concentração japonês (Java, 1942). No centro do conflito, o oficial britânico Celiers (Bowie) recusa-se a cooperar, desafiando a rígida disciplina japonesa. Sua atitude cria uma relação de admiração e ódio, permeada de conotações sexuais, com o comandante do campo (Sakamoto). Para explorar essa complexa situação, Oshima se inspira no clássico *A Grande Ilusão*, de Jean Renoir, e lança mão, na montagem, do princípio do ideograma oriental, em que o conjunto não e resume apenas à soma de seus elementos. A música — do próprio Sakamoto — é arrasadora e inesquecível. Um dos grandes filmes dos anos 80.

PLATOON ★★
(EUA, 1986)
Direção: Oliver Stone. Com Charlie Sheen, Willem Dafoe, Tom Berenger. RCA/Columbia.
A guerra do Vietnã vista por um soldado novato (Charlie Sheen), envolvido no conflito moral entre um sargento inescrupuloso (Berenger) e um sargento idealista (Dafoe). As agruras físicas e as pressões psicológicas juntam-se para dar ao Vietnã a imagem de um inferno dantesco. Mas tudo é revestido por uma embalagem melodramática que garantiu o sucesso do filme junto ao público e à Academia (*Platoon* ganhou quatro Oscar). Cinemão no velho estilo hollywoodiano, um pouco prejudicado na tela pequena.



Sipa-Press

IMPÉRIO DO SOL ★★
(Empire of the Sun, EUA, 1987)
Direção: Steven Spielberg. Com Christian Bale, John Malkovich, Miranda Richardson. Warner.
Baseado no romance autobiográfico de J.G.Ballard, Spielberg não economizou competência nem dinheiro para contar a história do mimado filho de diplomatas (Bale) transformado em prisioneiro dos japoneses quando estes tomam Xangai, na Segunda Guerra. Sua passagem abrupta traumatizante para o mundo dos adultos é mostrada talvez com um excesso de sentimentalismo, mas a grandiosidade do conjunto é inquestionável, e as cenas aéreas são perfeitas.

IMPÉRIO DO SOL
Sipa-Press

RAMBO — PROGRAMADO PARA MATAR ★
(First Blood, EUA, 1982)
Direção: Ted Kotcheff. Com Sylvester Stallone, Brian Dennehy, Richard Crenna. Transvídeo.
John Rambo é um soldado sofrido, retornado do Vietnã, sem saber o que fazer com o sentimento de impotência diante da derrota militar. Na dúvida, ele manda bala para todo lado, transformando-se numa máquina de matar. Tudo é pretexto para uma ação frenética e uma violência brutal. O primitivismo do personagem sofreria uma desvirtuação direitista nos filmes posteriores da série. Aqui o que importa é o surgimento de um dos mais representativos heróis dos anos 80.

OS RAPAZES DA COMPANHIA C ★★
(The Boys in Company C, EUA, 1978)
Direção: Sidney J. Furie. Com Stan Shaw, Andrew Stevens, James Canning. F.J.Lucas.
O cotidiano de cinco fuzileiros recém-chegados ao Vietnã. Depois de levemente torturados no campo de recrutamento, os rapazes da Companhia C passam a desperdiçar balas e suor, sob o comando de um oficial incompetente, em missões de importância duvidosa — como escoltar bebidas e cigarros para a festa de aniversário de um general. Para se manterem longe da linha de frente, eles formam um time de futebol, mas não conseguem escapar da brutalidade da guerra. Contundente crítica à hipocrisia militar.

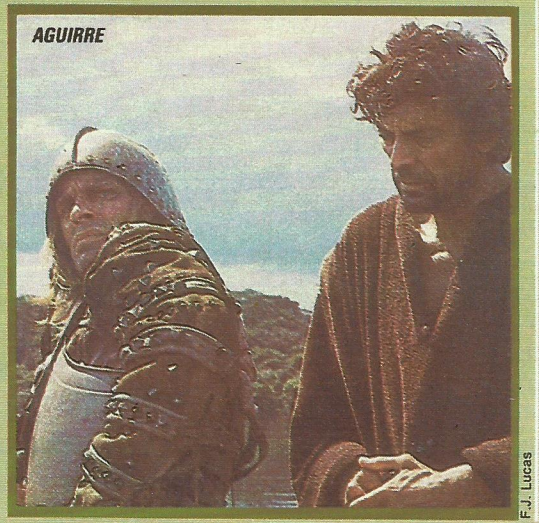
OS RAPAZES DA COMPANHIA C
F.J. Lucas

SOLDADO DE LARANJA ★★
Soldier of Orange, Holanda, 1979)
Direção: Paul Verhoeven. Com Rutger Hauer, Jeroen Krabbe, Peter Faber. F.J.Lucas.
Rutger Hauer (de *A Morte Pede Carona* e *Blade Runner*) é um soldado que não pôde lutar na Segunda Guerra porque seu país se rendeu antes do primeiro tiro. Ele e seus colegas de universidade têm seu destino alterado com a ocupação da Holanda e o início da batalha subterrânea pela liberdade. Poucos sobreviverão para comemorar a vitória final.

O VELHO FUZIL ★★
(Le Vieux Fusil, França, 1975)
Direção: Robert Enrico. Com Phillippe Noiret, Romy Schneider. Look.
Dandieu (Noiret), um cirurgião acima de questões políticas, sofre ameaças por atender os feridos da Resistência durante a ocupação nazista da França. A ameaça torna-se fato: matam impiedosamente sua família. Disposto à vingança, ele troca o bisturi por um velho fuzil com que o pai matava porcos e passa a eliminar os algozes, um a um. As cenas são brutais, o ritmo é ágil e Noiret está perfeito. O único problema é a pieguice dos flashbacks.

OS VIOLINOS DO BAILE ★★
(Les Violons du Bal, França, 1983)
Direção: Michael Drach. Com Jean-Louis Trintignant, Marie José Nat, David Drach. Look.
O drama de uma família judia que tenta escapar dos horrores da Segunda Guerra é contado num filme dentro do filme, rodado por um diretor contemporâneo (Trintignant). O caráter autobiográfico da obra é evidente: o garoto Michel (David Drach) é um alter ego do diretor fictício, que por sua vez é um alter ego do diretor real, Drach. São esses jogos entre "realidade" e ficção (reforçados pelo uso alternado de preto-e-branco e cores) que impedem o filme de cair no dramalhão.

POLÍTICOS


AGUIRRE
F.J. Lucas

AGUIRRE, A CÓLERA DOS DEUSES ★★★
(Aguirre, der Zorn Gottes, Alemanha, 1972)
Direção: Werner Herzog. Com Klaus Kinski, Ruy Guerra, Helena Rojo. F.J. Lucas.
A delirante saga de Dom Lope de Aguirre (Kinski), que no século 16 embrenha-se com um punhado de homens na selva amazônica em busca do Eldorado e enlouquece lentamente. A embriaguez do poder leva-o a enfrentar não apenas os índios de várias nações como também seus próprios companheiros de expedição, especialmente o líder Pedro de Ursua (Ruy Guerra). Com imagens deslumbrantes e uma interpretação alucinada de Klaus Kinski, Herzog passa em revista o absolutismo, o colonialismo cultural e o poder destruidor do binômio cruz e espada.

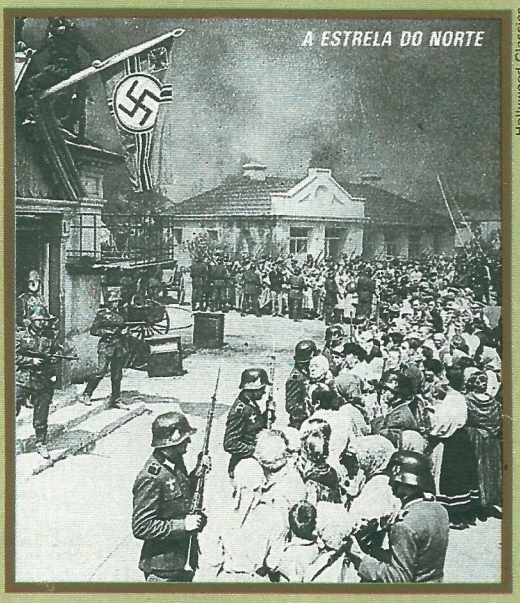
CÃES DE GUERRA ★
The Dogs of War, Inglaterra, 1980)
Direção: John Irvin. Com Christopher Walken, Tom Berenger. Warner.
Christopher Walken é um mercenário contratado para derrubar um governo ditatorial num remoto país da África. Por trás de tudo, esconde-se um poderoso grupo econômico empenhado em remover todo e qualquer obstáculo que possa intervir em seus interesses financeiros. Política internacional e negociatas são os ingredientes desta trama baseada no best-seller homônimo de Frederick Forsyth. Grande parte do filme é gasta na caracterização do personagem vivido com pouco carisma por Walken, e nos preparativos para o ataque.

F.J.Lucas Netto

A BATALHA DE ARGEL ★★
(La Battaglia di Algeri, Itália, 1965)
Direção: Gillo Pontecorvo. Com Jean Martin, Saadi Yacef. Globo Vídeo.
Antes da independência da Argélia, em 1962, a tensão dominava a vida na cidade de Argel, com a hostilidade latente entre a minoria francesa e a maioria árabe explodindo de vez em quando em manifestações ou atentados realizados pela Frente de Libertação Nacional (FLN). Rodado em preto-e-branco, em tom documental, e utilizando muitos atores não-profissionais argelinos, este filme mostra a preparação minuciosa de alguns desses atentados, sua execução e a brutal reação da polícia colonial francesa. Apesar do esquematismo de Pontecorvo (realizador também de *Queimada*, com Marlon Brando), o impacto deste marco do cinema engajado é indiscutível.

CORONEL REDL ★★
(Áustria/Hungria, 1985)
Direção: István Szabo. Com Klaus Maria Brandauer, Armin Muller-Stahl, Gudrun Landgrebe. Polevídeo.
Às vésperas da Primeira Guerra e do colapso do Império Austro-Húngaro, um militar de origem judia e pobre (Brandauer) sobe na hierarquia à custa de pequenas traições, devoção cega ao imperador e extrema habilidade. Paralelamente, torna-se um homem solitário e amargo, afastado dos amigos e do amor platônico, o Barão Kubinyi. Seu declínio se consuma quando ele é acusado de traição. Através da trajetória de Redl, Szabo e Brandauer (a mesma dupla de *Mephisto*) traçam um painel expressivo da degenerescência dos impérios centro-europeus que mergulharam o mundo na Primeira Guerra.

O ENCOURAÇADO POTEMKIN ★★★
Bronenosets Potemkin, URSS, 1925)
Direção: Sergei Eisenstein. Com Alexander Antonov, Vladimir Barsky. Globo Vídeo.
Ao mostrar a revolta de marinheiros que abalou o império do czar em 1905, Eisenstein criou um dos melhores filmes de todos os tempos. Imagens dialeticamente descontínuas interpretam o movimento, dão-lhe um sentido ideológico, em lugar de apenas narrá-lo. Entre inúmeros momentos admiráveis, o mais famoso é a antológica seqüência da escadaria de Odessa — uma sucessão vibrante e conceitual de planos que dissecam a reação impiedosa das tropas czaristas à insurreição popular. Um verdadeiro clássico.



Hollywood Classics

A ESTRELA DO NORTE ★★
(The North Star, EUA, 1943)
Direção: Lewis Milestone. Com Anne Baxter, Farley Granger, Dana Andrews, Walter Huston. Hollywood Classics.
Rodado na época de aproximação entre russos e americanos no combate ao nazi-fascismo, este é um curioso exemplo de que a América já foi capaz de fazer propaganda da União Soviética. É uma visão ultra-romanceada de um vilarejo russo, com seus habitantes bons e laboriosos enfrentando diabólicos alemães. O ucraniano (radicado nos EUA) Milestone tentou aqui repetir a fórmula pacifista que lhe rendeu o Oscar de melhor filme e direção por *Sem Novidade no Front* (1930), sem obter o mesmo sucesso. O roteiro supermaniqueísta é da militante Lillian Hellman, e o elenco é perfeito.

Alvorada

EXÉRCITO PERDIDO ★★
(Legionare, Polônia, 1965)
Direção: Andrzej Wajda. Com Daniel Olbry, Janusz Zakrzensky. Megavídeo.
Através do aristocrata caipira e decadente Rafael Olbronski (Olbry), Wajda mostra a Polônia ocupada pela Rússia, Prússia e Áustria entre 1797 e 1812. Olbronski entra para a Legião Polonesa, que, junto do exército francês de Napoleão, vai lutar em outros países enquanto a Polônia é destroçada por seus invasores. O tema da identidade polonesa (ou da falta dela) é um dos favoritos do cineasta, que o dissecou em filmes como *A Terra Prometida* (1974) e a obra-prima *Cinzas e Diamantes* (1958).

A GRANDE ILUSÃO ★★★
(La Grande Illusion, França, 1937)
Direção: Jean Renoir. Com Jean Gabin, Pierre Fresnay, Erich von Stroheim. Master.
Um clássico absoluto. Durante a Primeira Guerra, num campo de prisioneiros franceses na Alemanha, o oficial Von Rauffenstein (Stroheim), paradigma da aristocracia militar prussiana, trata com deferência o cativo marquês e oficial Boïeldieu (Fresnay), enquanto os soldados rasos Marechal (Gabin) e Rosenthal (Marcel Dalio), tratados com arrogância, tentam organizar fugas mirabolantes. Com um estilo elegante e temperado com fino humor, Renoir revela não apenas seu pacifismo mas também sua visão de um mundo cuja divisão principal não é entre os povos, mas entre as classes sociais.

MEPHISTO

Polevídeo

GUERRA DOS PELADOS ★★
(Brasil, 1970)
Direção: Sylvio Back. Com Átila Iório, Jofre Soares, Stênio Garcia. CIC.
Neste seu segundo longa-metragem, Back narra em tom quase épico episódios da chamada Revolta do Contestado (1912-1916), em que a população camponesa de Taquaruçu, Santa Catarina, rebelou-se contra a construção de uma estrada de ferro estrangeira na região. Os revoltosos — chamados de "pelados" porque rapavam a cabeça — dão ao seu levante uma conotação messiânica que faz lembrar a Revolta de Canudos. A reflexão sobre a dimensão política da revolta não prejudica o ritmo do filme, que tem muita ação e ótimas cenas de batalha.

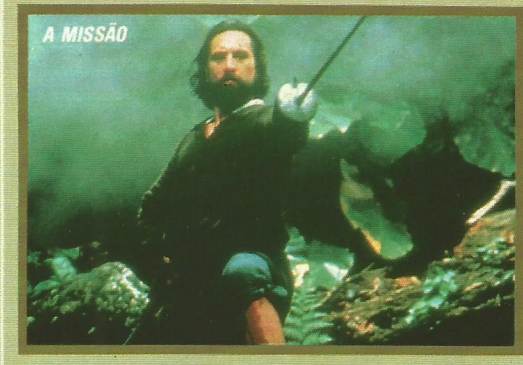
JOANA D'ARC ★★
(Saint Joan, EUA, 1957)
Direção: Otto Preminger. Com Jean Seberg, Richard Widmark, Richard Todd. Top Tape.
No início do século 15, os ingleses invadem a França, que acaba levando a pior. Joana (Jean Seberg), uma jovem camponesa, diz ouvir vozes de santos e quer liderar seu povo para expulsar os invasores. Ao contrário do clássico mudo *A Paixão de Joana D'Arc*, de Carl Dreyer, este filme retrata menos o misticismo heróico da santa que as negociações e vilanias de bastidores que limitaram a sua ação. Baseado em peça de Bernard Shaw, esta versão tem um fino humor assegurado pelos brilhantes diálogos de Graham Greene e por um elenco inspirado, com destaque para Widmark no papel do rei Charles, o Covarde.

LATINO ★
(EUA, 1985)
Direção: Haskell Wexler. Com Robert Beltran, Annette Cardona, Tony Plana. VTI.
Uma rara oportunidade de se ver um filme sobre a atividade contra-revolucionária na Nicarágua sandinista. O norte-americano Eddie Guerrero (Beltran) coloca sua experiência de ex-combatente da Guerra do Vietnã a serviço dos "contras" nicaragüenses. Mas, a certa altura, começa a se perguntar: "Que diabos estou fazendo aqui?" A crise do personagem não é devidamente trabalhada no filme em função do roteiro fraco e do tratamento superficial. Ainda assim, uma curiosidade digna de ser vista.

MASSACRE EM ROMA ★★
Rappresaglia, Itália, 1973)
Direção: George Pan Cosmatos. Com Richard Burton, Marcello Mastroianni. Globo Vídeo.
Às vésperas da libertação de Roma pelos aliados, em 1944, um grupo da resistência comete um atentado num desfile militar, matando mais de trinta soldados nazistas. Em represália, o próprio Hitler ordena a execução de dez italianos para cada alemão assassinado. Mesmo contra a vontade, o comandante das forças nazistas de ocupação, Coronel Kappler (Burton), começa a escolher entre presos, judeus e comunistas os mais de trezentos homens que devem morrer. O Padre Antonelli (Mastroianni) tenta mobilizar o Vaticano para tentar detê-lo, mas o Papa lava as mãos. Tensão e política num filme que provocou a ira da Igreja.

MEPHISTO ★★
(Hungria, 1981)
Direção: István Szabo. Com Klaus Maria Brandauer, Krystyna Janda, Ildico Bansagi. Polevídeo.
A meteórica ascensão do ator Hölfgen (o excelente Brandauer) dentro do teatro patrocinado pelo III Reich serve de base a este empolgante estudo sobre arte e política. Como o Fausto do drama de Goethe, Hölfgen vende sua alma a Mefistófeles (o nazismo) para atingir uma ilusória felicidade (o status de maior ator do Reich). Um filme eletrizante, baseado no romance homônimo de Klaus Mann (filho do grande Thomas). Obrigatório para quem quer conhecer os bastidores alemães na Segunda Guerra.

A MISSÃO ★★
(The Mission, Inglaterra, 1986)
Direção: Roland Joffe. Com Jeremy Irons, Robert De Niro, Philip Bosco. Jota Home.
De um lado, os espanhóis; de outro, os portugueses. Os primeiros querem catequizar os índios; os segundos desejam explorá-los. Na guerra resultante, sobram estilhaços para a Igreja. Jeremy Irons vive com muita dignidade o jesuíta espanhol que não hesita em pegar em armas para defender os índios. Mas é Robert De Niro (como um traficante de escravos convertido à fé cristã) que rouba todas as cenas em que aparece. Uma fotografia primorosa e a bela trilha sonora de Ennio Morricone garantem o interesse deste belicoso drama ambientado na América do Sul do século 18.


A MISSÃO

Art Filmes

A GRANDE ILUSÃO

Master

OUTUBRO ★★★
(Oktiabr, URSS, 1928)
Direção: Sergei Eisenstein. Com Nicandrov, N. Popov, Boris Livanov. Globo Vídeo.
Neste mais célebre filme sobre a mais célebre das revoluções do século — a Revolução Russa de 1917 —, Eisenstein apresenta de forma acabada sua concepção revolucionária da montagem: a sucessão das imagens visa produzir um sentido político-ideológico, e não simplesmente narrar os acontecimentos. Essa montagem conceitual — que recebeu influência dos ideogramas chineses e da dialética marxista — não diminui (pelo contrário, acentua) o sentido espetacular das cenas de manifestações e combates de rua das jornadas revolucionárias. A reconstituição dos principais eventos, com milhares de figurantes, só foi possível com o patrocínio do próprio governo soviético, que encomendou o filme para a comemoração dos dez anos da Revolução. Um clássico.

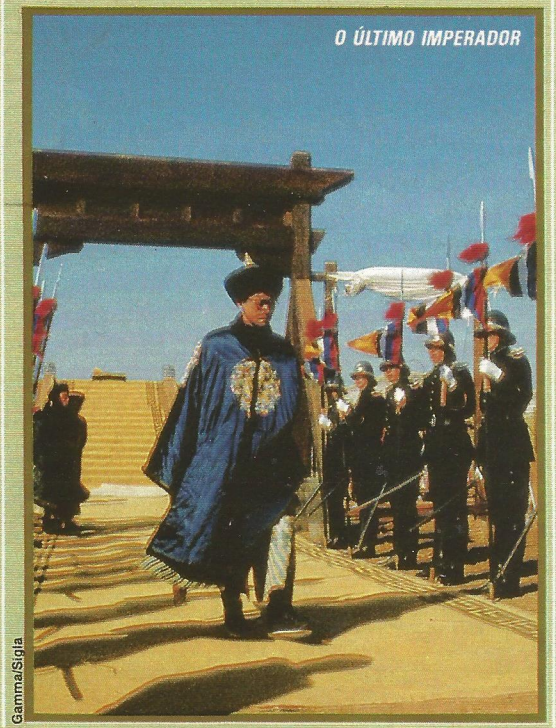
Liaison/Gamma-Sigla

SOB FOGO CERRADO

REVOLUÇÃO ★
(Revolution, EUA, 1985)
Direção: Hugh Hudson. Com Al Pacino, Donald Sutherland, Nastassja Kinski. Jota Home Vídeo.
Al Pacino é um americano "alienado" que acaba lutando contra os ingleses na Guerra de Independência dos Estados Unidos, impulsionado pelo filhinho patriota. Nastassja Kinski é a ovelha negra de uma família aristocrata que adere aos revolucionários e apaixona-se por Pacino. Sutherland é um cruel comandante britânico. Apesar do elenco, da boa idéia inicial e dos milhões de dólares investidos, esta é uma versão confusa e superficial do movimento de independência americano, recomendável apenas aos muito interessados no tema.

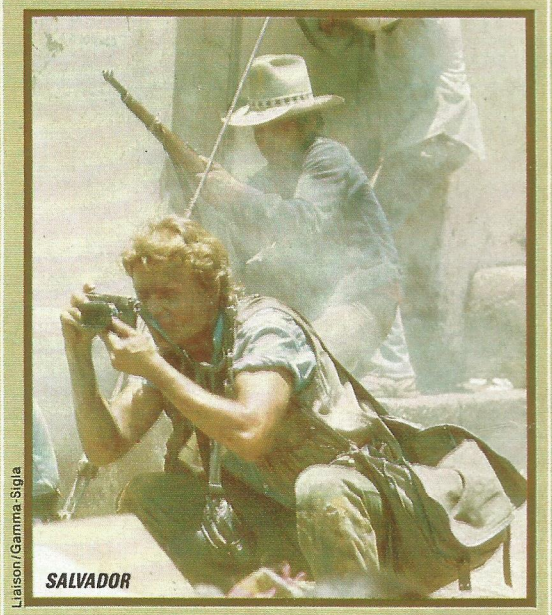
SALVADOR — O MARTÍRIO DE UM POVO ★★
(Salvador, EUA, 1986)
Direção: Oliver Stone. Com James Woods, Jim Belushi, John Savage. Look.
Em 1980, o jornalista americano Richard Boyle (Woods) e seu amigo desocupado, Doc (Belushi), viajam de carro a El Salvador em busca de trabalho e diversão. Acabam se defrontando com uma ditadura militar em crise, que não hesita em massacrar inocentes para barrar os avanços da guerrilha de esquerda. Neste eletrizante thriller "político-militar" do mesmo diretor de *Platoon*, as cenas de combate e os massacres de manifestantes têm o realismo brutal das reportagens televisivas.

SEÇÃO ESPECIAL DE JUSTIÇA ★★
(Section Speciale, França/Itália/Alemanha, 1975)
Direção: Constantin Costa-Gavras. Com Michel Lonsdale, Jacques Perrin, Louis Seignar, Henri Serre. Mundial.
Governada pelos colaboracionistas de Vichy, a França em 1941 está subjugada pelo exército nazista. Os comunistas decidem assassinar um soldado alemão como protesto contra a ocupação. Como represália, os dirigentes nazistas exigem que o governo colaboracionista condene à morte seis presos políticos franceses. Para perpetrar essa barbaridade jurídica, política e humana, cria-se uma Seção Especial de Justiça, em cujas sessões o verdadeiro tema de debate acaba sendo a própria ocupação nazista.


O ÚLTIMO IMPERADOR

Gamma/Sigla

O ÚLTIMO IMPERADOR ★★★
(The Last Emperor, EUA/Itália/Inglaterra, 1987)
Direção: Bernardo Bertolucci. Com John Lone, Joan Chen, Peter O'Toole. RCA/Columbia.
Grandioso drama épico sobre a trajetória de Pu-Yi, o último imperador da China, que atravessou duas guerras mundiais e inúmeras revoluções. Para narrar as várias reviravoltas e metamorfoses deste homem que foi semideus, traidor, preso político e jardineiro, Bertolucci aliou a seu notável senso estético uma equipe de artistas de primeira linha, com destaque para o fotógrafo Vittorio Storaro (o mesmo de *Apocalypse Now*) e o músico Ryuichi Sakamoto (o mesmo de *Furyo*). O resultado é uma produção impecável e emocionante, que arrebatou nove Oscar. Cinemão.


SALVADOR

Liaison/Gamma Sigla

SOB FOGO CERRADO ★★
(Under Fire, EUA, 1983)
Direção: Roger Spottiswoode. Com Nick Nolte, Gene Hackman, Joanna Cassidy, Jean-Louis Trintignant. Globo Vídeo.
Como em *Salvador*, aqui também os protagonistas são jornalistas americanos às voltas com uma ditadura militar em crise. Desta vez, os profissionais — Hackman, Nolte e Joanna Cassidy — envolvem-se com a revolução sandinista nos últimos dias da tirania de Somoza, e ainda encontram tempo para formar um triângulo amoroso. O elenco é perfeito, e as cenas de repressão são muito vivas e convincentes, compensando um certo romantismo no acompanhamento da guerrilha.

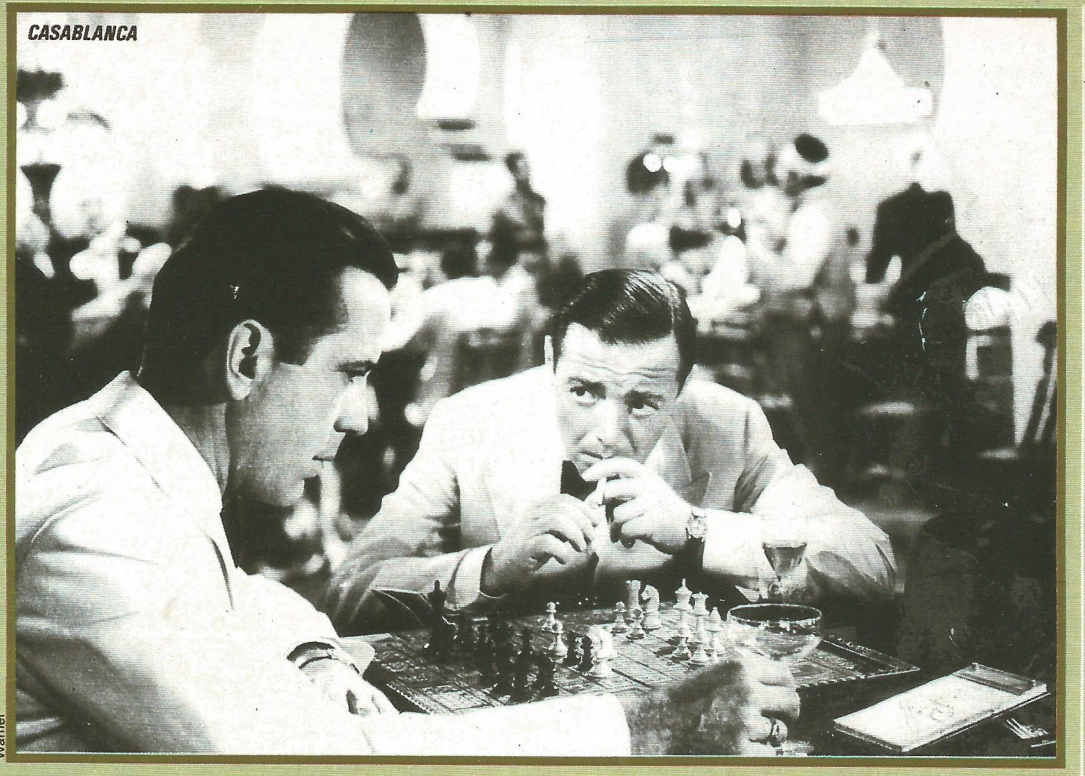
ROMÂNTICOS

AMOR E GUERRA ★
(War and Love, EUA/Israel, 1986)
Direção: Moshe Mizrahi. Com Kyra Sedgwick, Sebastian Keneas, David Spielberg. América.
Mais um romance estraçalhado pela guerra. Desta vez, os apaixonados são Halina (Kyra Sedgwick) e Jacek (Keneas), dois jovens judeus na Varsóvia ocupada pelos nazistas. Os dois se engajam num grupo armado diposto a resistir aos invasores, mas a desigualdade de forças é brutal. O filme tende para o infantil nas cenas de ação e para o meloso nas de amor, mas ainda assim é uma crô-

nica pungente da vida no gueto de Varsóvia, ao som da Sinfonia n.º 1 de Mahler.

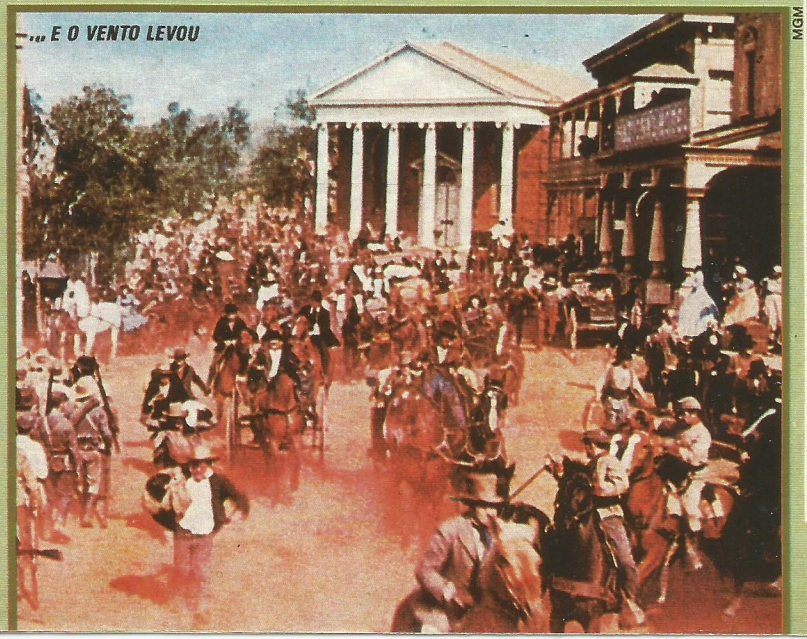
UM AMOR NA ALEMANHA ★★
(Ein Liebe in Deutschland, Alemanha/França, 1984)
Direção: Andrzej Wajda. Com Hanna Schygulla, Pietr Lysak, Marie-Christine Barrault. Polevídeo.
Na cidadezinha de Brombach, em pleno regime nazista, a alemã Pauline (Hanna Schygulla), dona de um armazém, apaixona-se pelo polônes Stanislaw (Lysak), enquanto seu marido, um oficial, está na frente de batalha. Quando o secreto amor se torna público, a repressão policial — e dos próprios habitantes da aldeia — é violenta. Através desse romance proibido, Wajda desvenda os mecanismos de sustentação do nazismo e ainda ironiza a secular birra entre poloneses e alemães.

ASES INDOMÁVEIS ★
(Top Gun, EUA, 1986)
Direção: Tony Scott. Com Tom Cruise, Kelly McGillis, Tom Skerrit. CIC.
Apesar de sua habilidade, o Tenente Mitchell (Cruise) irrita superiores e colegas com suas ousadias e seu espírito independente. Quem acaba colocando-o na linha é a bela professora Kelly McGillis, por quem ele se apaixona, é claro. Os efeitos visuais soberbos nas cenas aéreas, o ritmo ágil e a superficialidade fazem deste filme um longo videoclip romântico. Quem gosta de aviões vai se deliciar com as acrobacias dos caças da Estação Aero-Naval de Miramar.


CASABLANCA
Warner

... E O VENTO LEVOU ★★★
(Gone With the Wind, EUA, 1939)
Direção: Victor Fleming. Com Vivien Leigh, Clark Gable, Leslie Howard, Olivia de Havilland. Video Arte.
Há 50 anos um *cult movie* de massas, *... E o Vento Levou*, dramalhão superproduzido com quase quatro horas de duração, narra a saga da bela e obstinada Scarlett O'Hara nos tempos da Guerra Civil Americana (1861-1865). Baseado no best-seller homônimo de Margaret Mitchell, é um relato romanceado do conflito, visto pela ótica dos sulistas derrotados de Atlanta. Herdeira de uma família abastada da região, Scarlett, interpretada com brilhantismo por Vivien Leigh, é uma personagem carismática, astuta, teimosa, possessiva, dona de uma perseverança que lhe dá forças para superar os mais duros obstáculos. O principal artífice do retumbante sucesso do filme foi o produtor David O. Selznick, que vislumbrou o potencial cinematográfico do relato quase naturalista de Mitchell e o edulcorou com glamour, opulência e esplendor.

CASABLANCA ★★★
(EUA, 1942)
Direção: Michael Curtiz. Com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman, Paul Henreid, Claude Rains, Peter Lorre. Warner.
A guerra não é apenas o pano de fundo deste clássico dos clássicos românticos — é ela que determina as opções vitais dos protagonistas. A bela Ilse Lund (Ingrid) é casada com o líder da Resistência Victor Laszlo (Henreid) e apaixonada pelo americano Rick Blane (Bogart), que apesar do jeito de durão displicente usa seu bar em Casablanca, Marrocos, para ajudar europeus a fugirem do nazismo. Ao som de *As Time Goes By*, Curtiz desenvolve com classe uma equação em que as variáveis são o amor, a ética e a política. Inesquecível.


... E O VENTO LEVOU
MGM

COLHEITA AMARGA ★★
(Bittere Ernte, Alemanha, 1985)
Direção: Agnieszka Holland. Com Armin Mueller-Stahl, Kate Jaenicke. F.J. Lucas.
Na Polônia recém-ocupada pelos nazistas, um fazendeiro quarentão esconde uma judia fugitiva em seu porão, arriscando a própria pele. Embora ela seja casada (o marido foi preso) e ele seja católico praticante, os dois se apaixonam, é claro, e enfrentam todos os perigos. Ao mesmo tempo trágico e libertário, *Colheita Amarga* é uma ode desesperada aos amores impossíveis.

FORBIDDEN — A VERDADEIRA HISTÓRIA ★
(Forbidden, EUA, 1985)
Direção: Anthony Page. Com Jacqueline Bisset, Jürgen Prochnow, Irene Worth, Herbert Richers.
A história é parecida com a de *Colheita Amarga*, mas tratada de modo mais convencional: na Berlim de 1939, a condessa Nina von Halder (Jacqueline Bisset) apaixona-se por um judeu (Prochnow), esconde-o no porão de sua casa e ainda por cima ajuda uma rede clandestina de resistência. Feito para a TV a cabo, *Forbidden* consegue um bom equilíbrio entre romance e suspense, valorizado ainda pela inserção de cenas de documentário no decorrer da ação.

Paramount

LILI MARLENE ★★
(Lili Marleen, Alemanha, 1980)
Direção: Rainer Werner Fassbinder. Com Hanna Schygulla, Giancarlo Giannini, Mel Ferrer. F.J. Lucas.
Lili Marlene é a história de uma canção melancólica que cumpriu o papel de instrumento do nazismo e, ao mesmo tempo, simbolizou a oposição romântica à guerra. Com um estilo deliberadamente afetado, Fassbinder contrapõe aplausos e bombas, romances cinderelescos e batalhas, para mostrar a trajetória da cantora Wilkie (Hanna Schygulla) e sua paixão pelo compositor Robert Mendelson (Giannini), um burguês que salva judeus dos campos de concentração.

POR QUEM OS SINOS DOBRAM ★★
(For Whom the Bell Tolls, EUA, 1943)
Direção: Sam Wood. Com Gary Cooper, Ingrid Bergman, Katina Paxinou. CIC.
Uma *caliente* história de amor sob as balas da Guerra Civil Espanhola. Gary Cooper é um voluntário pró-republicanos que se alia a um grupo de ciganos para explodir uma ponte protegida pelos franquistas. Ingrid Bergman, com os cabelos curtos e linda como nunca, dispara seus olhos azuis e desvia o combatente para uma *love story*, adiando o desfecho militar para o fim do roteiro. O direitista Wood foi criticado por resumir o livro de Hemingway ao entrecho romântico, mas os fãs de Gary Cooper e Ingrid Bergman (ou seja, todo mundo) estão pouco se importando.

QUANDO VOAM AS CEGONHAS ★★
(Letyat Zhuravli, URSS, 1957)
Direção: Mikhail Kalatazov. Com Tatyana Samoylova, Alexei Batolov, Vassily Mekuriev. Globo Vídeo.
Uma história de amor abortada pela guerra. Boris é morto em combate pelos nazistas e sua esposa (Tatyana Samoylova) casa-se com seu irmão. Porém, ela nunca perde a esperança de que, um dia, quando a luta acabar, Boris volte. As imagens inacreditavelmente belas, o impacto da fotografia em preto-e-branco e o inspirado roteiro são memoráveis, e valeram ao filme a Palma de Ouro em Cannes.

REDS ★★
(EUA, 1981)
Direção: Warren Beatty. Com Warren Beatty, Diane Keaton, Jack Nicholson. CIC.
O jornalista americano John Reed, o principal cronista da Revolução Russa, escreveu o livro *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, que deu origem ao épico *Outubro*, de Eisenstein. Com base praticamente no mesmo material, Beatty preferiu mesclar os fatos da revolução com a história de amor do próprio Reed (Beatty, no filme) com a jornalista Louise Bryant (Diane Keaton). O que impede o filme de ser apenas um *love story* convencional são os depoimentos de pessoas que participaram dos eventos narrados (ao menos como espectadores). O elenco é brilhante e a direção de Beatty ganhou o Oscar.

SANGUE SOBRE A ÍNDIA ★
(North West Frontier, Inglaterra, 1958)
Direção: J. Lee Thompson. Com Lauren Bacall, Kenneth Moore. F.J. Lucas.
Conseguirá o bravo oficial britânico escoltar o príncipe herdeiro da Índia, permitindo que chegue são e salvo a seu destino? O território é hostil, apinhado de rebeldes que desejam a cabeça do garoto, e o único meio de transporte disponível é uma enferrujada e sacolejante locomotiva. Para sorte do oficial e do príncipe herdeiro, Lauren Bacall está entre os passageiros. Não fosse por ela, a guerra entre mocinhos e bandidos passaria despercebida. Os bandidos, claro, são os rebeldes, que ousam lutar pela liberdade numa Índia dominada pelos britânicos.

GUERRA E PAZ ★★
(War and Peace, EUA, 1956)
Direção: King Vidor. Com Audrey Hepburn, Henry Fonda, Mel Ferrer, Vittorio Gassman. CIC.
Do minucioso e denso romance de Leon Tolstoi, o diretor King Vidor reteve aqui apenas a "pomposidade" e as tramas amorosas, deixando de lado a riqueza filosófica e a crítica aos valores patrióticos operada pelo escritor russo. Durante a ofensiva napoleônica contra o império do czar, a vida dos aristocratas russos é uma sucessão de bebedeiras, duelos, flertes e passeios de trenó. O elenco excepcional e o domínio cênico de Vidor (com grandiosas cenas de batalha) compensam a longa duração e a superficialidade.

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET GUERRA

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editor: Carlos Volpato
Editor Executivo: Dilson P. Gomes
Editor Assistente: Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Produção: Maria Amélia Azevedo
Diagramadores: Ângelo de C. Asson, Izaú Norbertino, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Jader de Oliveira (Londres), Adilson Nunes (Paris) e Celso Fioravante (Milão)
Colaboradores - SET Guerra
Editor: José Geraldo Couto
Texto: Amir Labaki, Antonio Querino Neto, João Batista Magalhães, Paulo Capuzzo, Raul Reis
Arte: Fernando Morra
Revisão e Preparação de Textos: Thais H. S. Juarez
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
SP - Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: André De Napole Del Matto, Iracema Gil, Ricardo Mateoli
RJ - Gerente: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Eduardo Barros, Paulo Mesquita
Produção Gráfica:
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: 3R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23-9528 Porto Alegre — RS
Centro Oeste: Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 — Brasília — DF
SP-2: Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fone: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Serviços Editoriais
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972 **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco C. Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** NCz$ 60,00, à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificadas no período. Circulação desta revista: agosto/setembro de 1989. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

ROBIN WILLIAMS

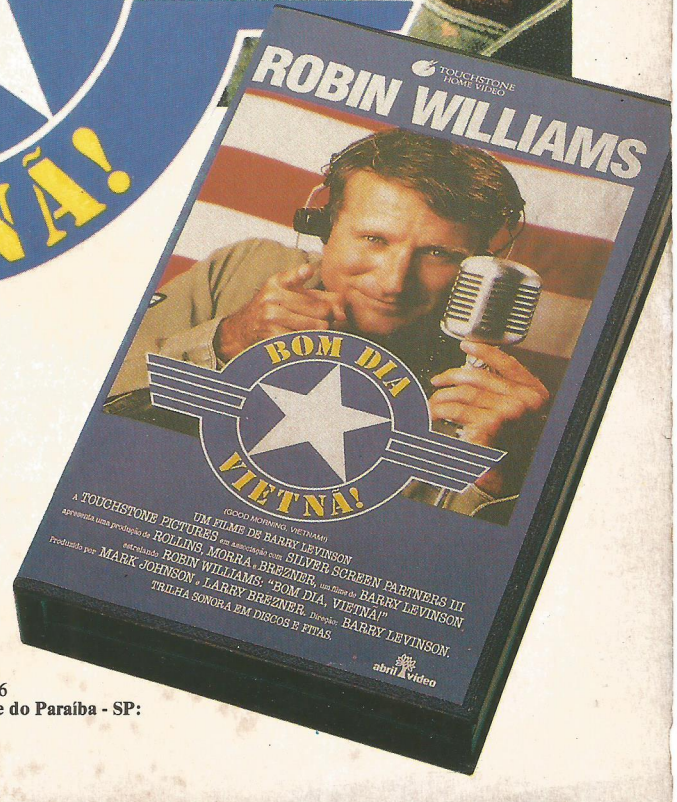
NUMA COMÉDIA SUPERAGITADA!

A 3ª maior bilheteria dos EUA em 88!

Esta comédia tem tiradas incríveis para divertir você e toda sua família. E tudo embalado pelas grandes músicas dos anos 60, com destaque especial para "WHAT A WONDERFUL WORLD", numa interpretação maravilhosa de Louis Armstrong.

Em plena guerra do Vietnã, um programa de rádio faz furor entre os soldados americanos. Mas a irreverência do seu apresentador, Adrian Cronauer, torna-se uma ameaça para os maiorais do exército. É aí que começa uma outra batalha: como tirá-lo do ar? Peça em sua locadora esta comédia superagitada!

BOM DIA VIETNÃ!



ATENÇÃO: ESTE SELO HOLOGRAMA está nas embalagens e fitas Touchstone. Exija-o para ter garantia e qualidade originais.

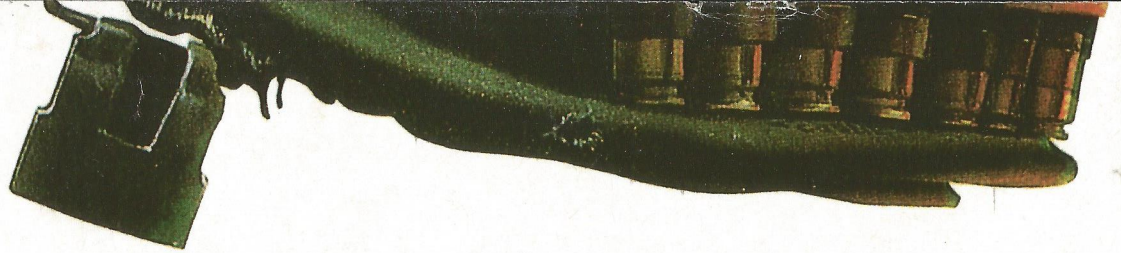
abril vídeo

TOUCHSTONE HOME VIDEO

VENDAS EM TODO O BRASIL: SÃO PAULO: (011) 814.8803 ou 814.8426
• **RJ:** (021) 295-2089/546-8172 • **ES:** (027) 229-2223 • **RS:** (0512) 34-2772 • **DF/GO:** (061) 243-8815
• **PE/AL/PB/RN:** (081) 224-2124 • **BA:** (071) 240-1543 • **MG:** (031) 222-7519 • **PA:** (091) 226-9130
• **AM:** (092) 234-8164 • **PR/Curitiba:** (041) 253-7610 • **Londrina:** (0432) 24-6812 • **MT/MS:** (067) 624-9002 • **SC:** (0482) 23-6975 • **MA/PI:** (098) 227-4105 • **RO/AC:** (069) 221-7354 • **CE:** (085) 226-3806
• **SP/Ribeirão Preto:** (016) 62551316 • **Campinas:** (0192) 31-2355 • **Bauru:** (0142) 34-2774 • **Santos/Vale do Paraíba - SP:** (011) 701-1590

©1989 Touchstone Pictures

ACLAMADO PELA CRÍTICA MUNDIAL
COMO O MELHOR FILME DE GUERRA JÁ REALIZADO



Um filme de

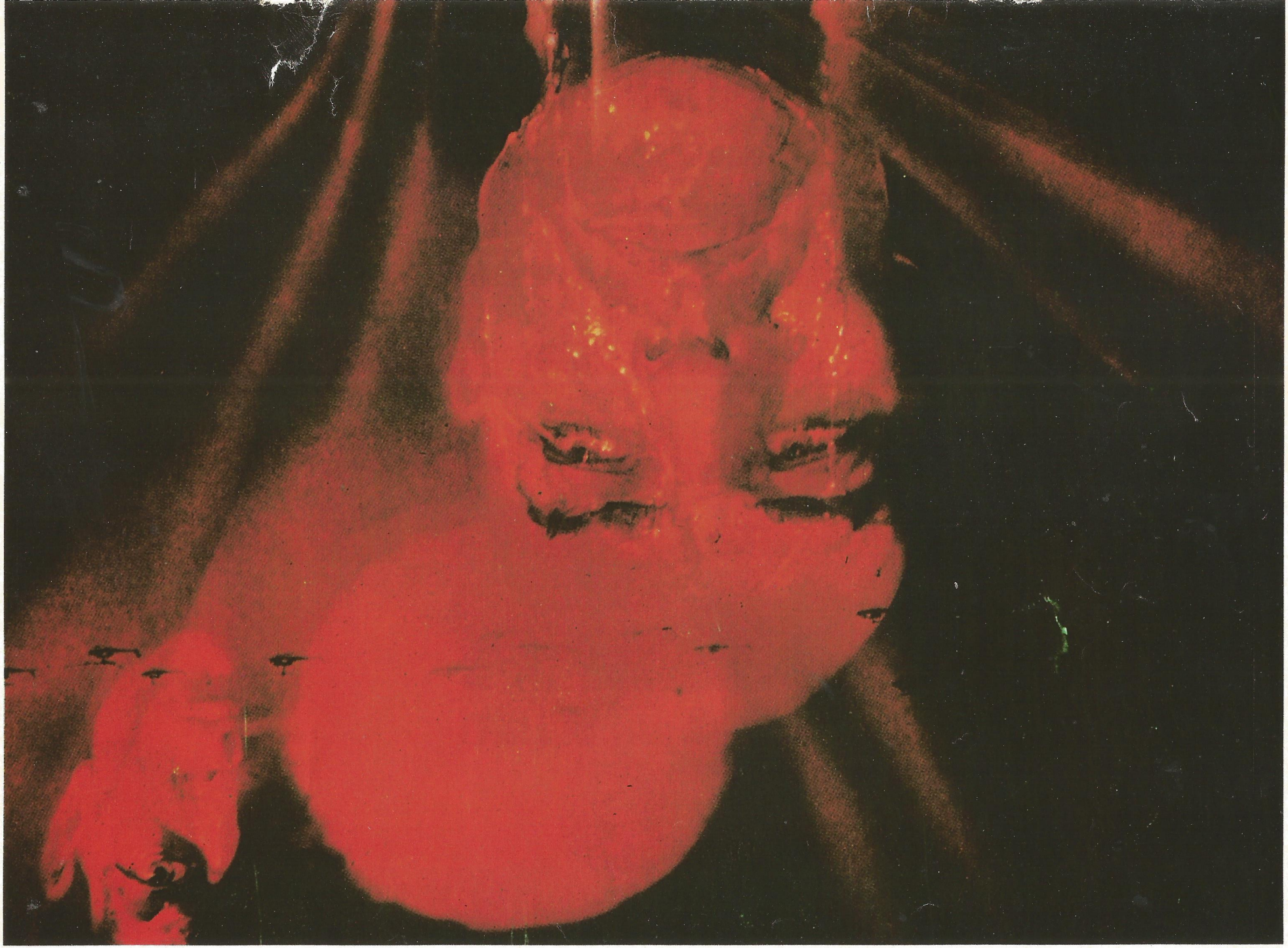
Stanley Kubrick

NASCIDO PARA MATAR

(FULL METAL JACKET)

WARNER BROS APRESENTA UM FILME DE STANLEY KUBRICK NASCIDO PARA MATAR (FULL METAL JACKET) ESTRELANDO MATTHEW MODINE ADAM BALDWIN VINCENT D'ONOFRIO LEE ERMEY DORIAN HAREWOOD ARLISS HOWARD KEVYN MAJOR HOWARD ED O'ROSS ROTEIRO DE STANLEY KUBRICK MICHAEL HERR GUSTAV HASFORD BASEADO NO LIVRO THE SHORT-TIMERS DE GUSTAV HASFORD CO-PRODUÇÃO PHILIP HOBBS PRODUÇÃO EXECUTIVA JAN HARLAN PRODUÇÃO E DIREÇÃO DE STANLEY KUBRICK

WARNER BROS. UMA COMPANHIA DO GRUPO WARNER COMMUNICATIONS
© 1987 Todos os Direitos Reservados.



CONDOR FILMES
apresenta

Apocalypse

(Apocalypse Now)

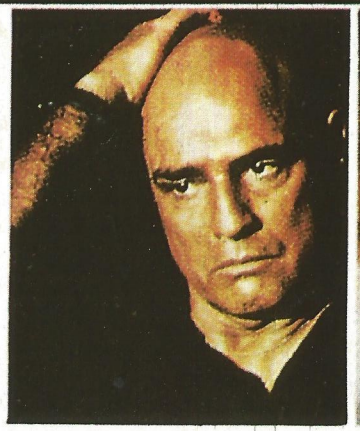
um filme de

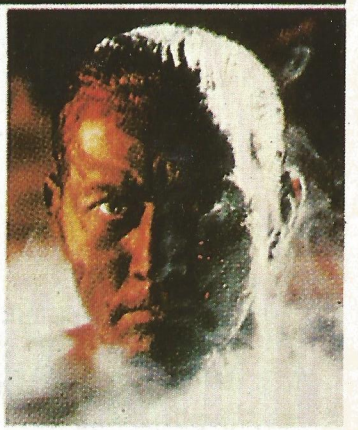
FRANCIS FORD COPPOLA

PALMA DE OURO
CANNES
1979

Estrelando MARLON BRANDO · ROBERT DUVALL · MARTIN SHEEN
FREDERIC FORREST · ALBERT HALL · SAM BOTTOMS
LARRY FISHBURNE e DENNIS HOPPER
Produzido e Dirigido por FRANCIS COPPOLA
Escrito por JOHN MILIUS e FRANCIS COPPOLA Narração de MICHAEL HERR
Co-Produção FRED ROOS, GRAY FREDERICKSON e TOM STERNBERG
Diretor de Fotografia VITTORIO STORARO Desenhista de Produção DEAN TAVOULARIS
Editor RICHARD MARKS Engenheiro de som WALTER MURCH
Música de CARMINE COPPOLA e FRANCIS COPPOLA
COLORIDO UMA PRODUÇÃO OMNI ZOETROPE

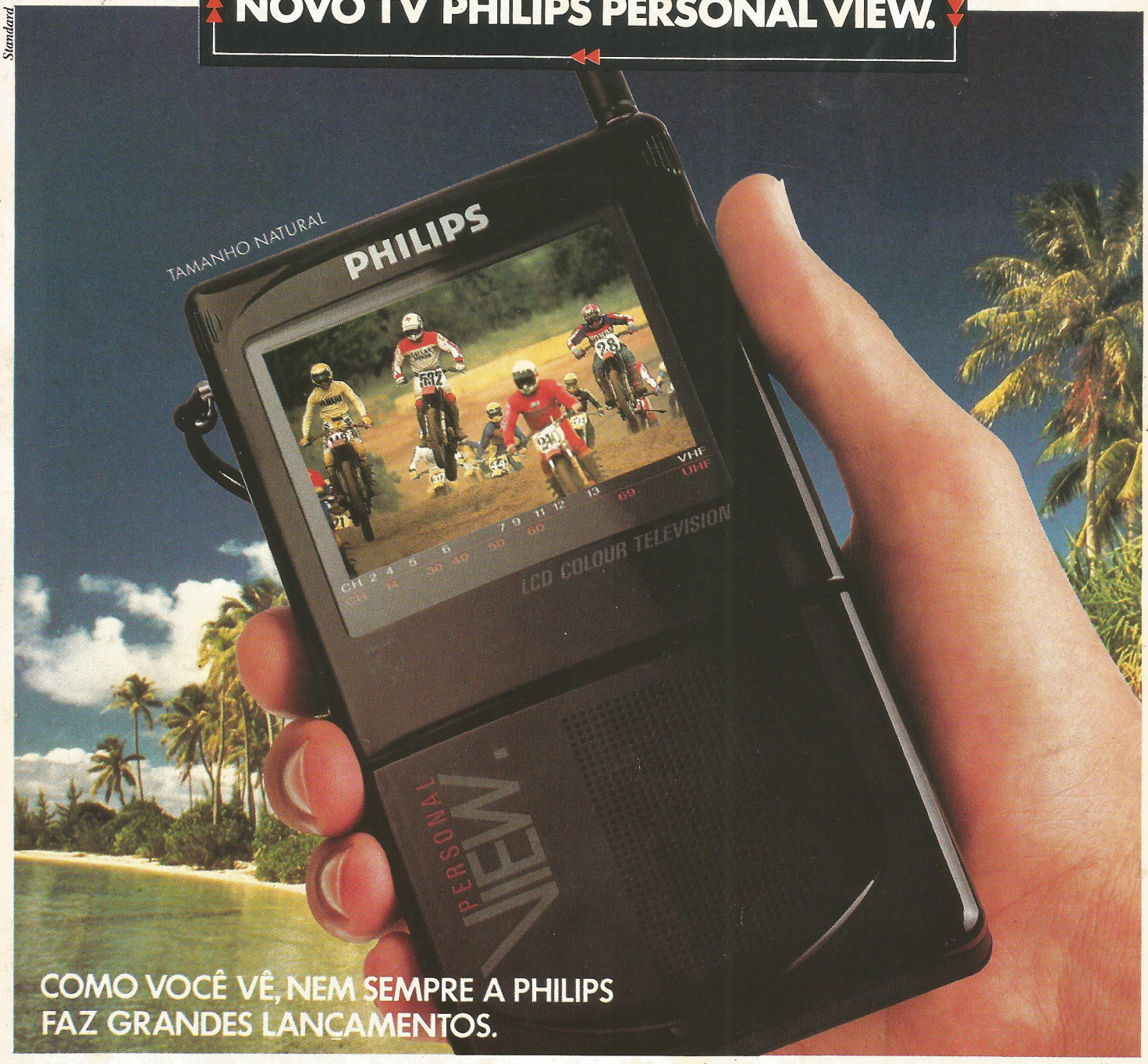
CONDOR FILMES





Standard

NOVO TV PHILIPS PERSONAL VIEW.



COMO VOCÊ VÊ, NEM SEMPRE A PHILIPS FAZ GRANDES LANÇAMENTOS.

▶ À VENDA NA ZONA FRANCA DE MANAUS.

Quando você pensava que já tinha visto tudo em matéria de TV em cores, a Philips tira uma surpresa do bolso: um televisor tão compacto que cabe na palma de sua mão. ▶ E o que é menor: a tela de Cristal Líquido (LCD) "Active Matrix" garante excelente qualidade de imagem na tela de apenas 3 polegadas. ▶ É o novo Philips Personal View 3LC1000. A TV que acompanha você em qualquer lugar ou situação, funcionando a pilha ou na tomada 110/220 V, nos sistemas VHF/UHF. ▶ A indicação de canais é por barras coloridas e ele é o primeiro TV de seu gênero no mundo que utiliza o sistema brasileiro de televisão, o Pal-M. ▶ Garanta sua liberdade de ir, vir e assistir com o novo Philips Personal View. Você nunca teve nas mãos um televisor assim. Até porque, antes, nenhum cabia mesmo.

▶ BEM-VINDO AO FUTURO. BEM-VINDO À PHILIPS. ◀

PHILIPS

PHILIPS